





Martin Millar

O Voo do Morcego

Leite

Speed

e



Alby Starvation



Alby Starvation é o herói.

Speed é o que vende para sobreviver.

Leite? Quase o matou, uma gota e ia ao charco, pele da cor da vegetação há muito morta, olhos injectados de sangue. O médico de Alby recusa-se a reconhecer que ele está doente, mas em pouco tempo a sua alergia torna-se primeira página dos jornais e metade da nação descobre que partilha do seu mal.

Aí, a Direcção Promotora de Lacticínios contrata alguém para o liquidar e isso também quase o mata.

Como e porquê Alby escapa à morte é o assunto deste exuberante e hilariante romance do sub-mundo de Brixton, nos arredores de Londres. Leiam também como Fran e Julie vigarizam o gerente do supermercado Big Value, e descubram por que é que o professor Wing anda a fazer um buraco à porta do apartamento de Alby. Vibrem com os jogos entre o especialista em meditação Wu e o batoteiro Cheng na luta pela vitória no jogo "Kill Another One", no salão Glitter. Descubram o nome da única personagem da história da banda desenhada Marvel que não se parece com uma boneca Barbie. E aprendam tudo sobre assassinos contratados (nunca se sabe...), o perigo dos vegetais naturais (não há muitos) e o comportamento dos drogados (no caso de ainda não o saberem).

Acima de tudo, conheçam Alby, um herói divertido dos anos 80 - feio, paranóico, vítima de uma série de obsessões peculiares, que foge de tudo o que a vida da cidade lhe possa fazer enfrentar e emerge... bem, com má cara.

ISBN 972-610-078-X



9 789726 100782

Martin Millar, autor do romance *Leite, Speed e Alby Starvation*, é um dos escritores *underground* mais talentosos do Reino Unido, da actualidade.

Natural de Bishopbriggs, perto de Glaslow, foi para Londres em 1977, ano em que milhares de jovens *punks* escoceses se dirigiram à capital à procura da revolução. Desde essa altura que carrega os seus haveres de uma casa de habitação social para outra, abrindo *squats* e vivendo em edifícios que seriam difíceis de alugar.

O seu aspecto, reservado e de mochila às costas, não corresponde à expectativa de um jovem escritor em ascensão. Não tem formação universitária nem frequentou as melhores escolas, certamente não reconheceria um clube literário mesmo que entrasse em algum. Vivía, à data desta novela, num apartamento camarário em Brixton, indo todos os dias de bicicleta para o seu emprego de recepcionista mal pago em Walworth.

Sobrevive bem a este enorme esforço graças aos muitos anos de prática de Tai Chi, meditação e estudo do I-Ching ou Livro das Mudanças. É também um especialista em banda desenhada Marvel. No plano da literatura, se considerarmos Millar um sub-produto do *punk*, verificamos que mais importante que a sua técnica importa apreciar o retrato da geração que pinta com as palavras do seu dia-a-dia e com as personagens com que se cruza.

São muito poucos os exemplos de literatura do período *punk*, e este romance é um testemunho raro e de extrema importância para conhecer uma visão que entretanto se estendeu a outras formas de arte a partir de 1977.

Ao chegar a Londres, Millar instalou-se num *squat* num Departamento de Recrutamento do Exército, local que descreve na obra ao retratar o sítio onde Julie tem aulas de Kung Fu, e ali teve contacto com as políticas dos direitos dos *squatters*.

Esteve muito envolvido com a Battersea Squatters Association e com a sua luta contra a Câmara de Wandsworth.

No entanto, a preocupação central de Millar não é a Brixton da mistura racial mas sim a outra Brixton, mais boémia e cheia de vida itinerante dos *anarco-punks*, *pub rockers*, *speed cadets* e vagabundos.

Como escritor, preocupa-se mais com o potencial político das suas personagens femininas, do que em escrever um romance inter-racial por excelência. Como leitor ávido de literatura feminina, vê nas novas escritoras britânicas, cujos valores não moldaram o mundo e que portanto não carregam a culpa do estado em que se encontra, um movimento literário de extrema importância. Considera a literatura feita por mulheres muito mais optimista, e não suporta o estilo pessimista, negro e depressivo de autores como Iain Banks ou Ian McEwan.

Retrata a sub-cultura londrina olhando de dentro para fora, e, por viver a vida descrita nas suas obras, Martin Millar pode ser comparado a autores como Charles Bukowski; mas ele é o bebé-anfetamina, mais à vontade com o mercado pobre e paranóico do *speed* do que com a corrida à cocaína.

O romance *Leite, Speed e Alby Starvation* foi rejeitado por todas as editoras londrinas até ser publicado, em 1987, pela Fourth Estate, uma editora independente, e se tornar num romance de culto.

Nesta obra caleidoscópica, presente, passado e futuro misturam-se numa aventura surreal.

Leite, Speed e Alby Starvation

LEITE, SPEED E ALBY STARVATION Autor: Martin Millar

Título original: Milk, Sulphate & Alby Starvation Originalmente publicado na Grã-Bretanha, em 1987, por Fourth Estate Limited

Tradução: Margarida Gonçalves

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

© 1987 by Martin Millar

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S. A., 1998 Rua D. Manuel II, 33 - 5º 4050 Porto para a edição portuguesa

Impressão: Tipografia do Carvalhido - Porto

1ª Edição: Março de 1998

Depósito legal n.º: 120385/98

ISBN 972-610-078-x

Código de barras: 9789726100782

Colecção Voo do Morcego - 3

Martin Millar

Leite, Speed e Alby Starvation

Albion ou **Albião** s.f. Nome dado à Inglaterra pelos gregos, devido à brancura das suas penedias e dos seus rochedos, vistos de longe.

Estou um destroço de merda, parece que tenho cem anos, se saísse à rua as pessoas morriam de medo, o cabelo está-me a cair, anda uma mulher da Direcção Promotora de Lacticínios atrás de mim para me matar. Se sabe a minha direcção, mata-me, de certeza.

Aqui estou, sentado, a gravar o programa de *reggae* do David Rodrigan na rádio e a magicar a melhor forma de vender as minhas revistas de banda desenhada sem ser assassinado. Com o dinheiro dos livros posso alugar um estúdio para gravar um disco, o que será óptimo, ou então comprar uma arma para matar a mulher que foi contratada para me abater. Além disso, com uma arma posso-me empenhar a dominar o mercado do *speed* em Brixton¹. Só por que o homem que me ameaçou era chinês não quer dizer que fizesse parte de uma Tríade. Quer dizer, eu não tenho medo dele, por que é que uma Tríade se iria interessar pelo lucro miserável do negócio do *speed* em Brixton?

Neste apartamento há espelhos por todo o lado, grandes, pequenos, em todas as posições. Ando a tentar evitá-los.

Anda um chinês confiantemente a passear no Soho. Na verdade ele é de Hong Kong. Compra comida, vagueia ao sol, e vai pensando vagamente em alguns negócios que tem no sul de Londres. Acima de tudo, ele anda mas é a passear e sente-se bem consigo próprio.

Não me importava de ficar aqui toda a noite.

Para sempre.

Dói-me a barriga.

Era capaz de melhorar se comesse alguma coisa, mas não quero engordar. Se alguém me viesse visitar, talvez pudesse cravar um cigarro. Deixei de fumar e é uma seca, não quero falar disso.

Eu não queria arranjar problemas à Direcção Promotora de Lacticínios, quer dizer, começa logo por eu nunca ter pretendido aquela publicidade toda. Só queria ajudar. Como é que havia de imaginar que a Direcção ia acabar por ter as mais baixas vendas de Maio de que há memória?

Eu estive mesmo doente, há uns tempos, não quero com isto dizer que agora esteja bem, mas que já estive muito pior.

O meu médico não me suporta. Cada vez que lá vou trata-me com desprezo, teima que sou hipocondríaco mas sabe perfeitamente que estou mesmo doente e gosta é de me ver sofrer. Um anormal de um burguês. Por que é que veio para aqui se nos odeia? Filho da puta.

June foi treinada pela polícia secreta brasileira e agora trabalha como assassina contratada na Grã-Bretanha. Tem cem por cento de sucesso e é conhecida pela sua discrição. Isto é, nunca ninguém a viu matar ninguém. Nada se sabe do seu trabalho e nunca encontram mais do que um corpo com uma bala, bem, às vezes com mais do que uma, ela não é perfeccionista e não se chateia nada em ferrar uma série delas se for preciso. Mas normalmente atira na vítima com uma automática com silenciador, num sítio qualquer, calmo, e fica tudo bem para todos, para ela, para o cliente e para o intermediário.

Agora ela está a cortar o cabelo em frente a um pequeno espelho na mesa da cozinha. Corta sempre o próprio cabelo, corta-o bem, mas, se fizesse alguma asneira e acabasse por ficar uma porcaria medonha, não se havia de preocupar muito.

Ela não precisa de matar com muita frequência porque lhe pagam bem e não é gananciosa. Nunca tinha trabalhado antes para a Direcção Promotora de Lacticínios.

Bem, vender estas histórias aos quadradinhos é uma tarefa complicada porque, por um lado, tenho imensas revistas e poucas hipóteses de alugar um camião, não tenho dinheiro suficiente, como é que as hei-de levar para a loja? E quando as levar para lá (Por que é que o cabrão do gajo da loja não vem cá avaliá-las? Não que eu lhe fosse dar a minha direcção, não fosse a assassina torturá-lo para me descobrir. Em todo o caso ele não há-de cá vir.) como é que eu vou saber se eles não me vão tentar esfolar? Cabrões.

Quer dizer, as minhas bandas desenhadas valem milhares de libras, mas, se o dono da loja sabe que estou desesperado por dinheiro, oferece-me uma ninharia. Fico-te com elas num gesto de amizade, qualquer coisa desse

¹ Bairro do Sul de Londres onde habita uma maioria negra oriunda da Jamaica. Durante a década de 80, deram-se, neste bairro, violentos motins contra as forças policiais (N. da T.)

género. Talvez o pudesse ameaçar com a minha arma. Não, não consigo arranjar a arma enquanto não conseguir o dinheiro com a venda dos livros.

Podia verificar os preços nos catálogos, mas não tenho a certeza se são de livre acesso. E há sempre a hipótese de a loja querer apenas comprar uma pequena parte da minha colecção, e não me ia dar ao trabalho de alugar um camião para lá ir e voltar para eles me comprarem só algumas. Cabrões. Já posso dizer com certeza que me vão lixar. Eu sinto estas coisas. É melhor o dono da loja de BD pôr-se a pau ou acaba com uma bala enfiada nas costas.

Por outro lado, talvez eu pudesse assaltar a loja e roubar-lhes as melhores revistas. Isso ia dar-lhes uma lição.

Gosto de banda desenhada, especialmente do *Conan* e do *Homem Aranha*.

Este chinês é uma personagem bastante misteriosa, e não é só por ser chinês. Acerta altura esteve envolvido no controle de qualidade de heroína na parte sul do Triângulo Dourado da Birmânia.

Depois de uma luta de poder em que o Barão que servia foi dizimado com os seus leais guarda-costas, escapou pela Tailândia, Camboja e Vietname até à Austrália e daí para os Estados Unidos. Entretanto, comprou a sua segurança com os lucros que tinha conseguido na indústria heroína.

Tinha amigos nos Estados Unidos mas não ficou por lá. Veio para a Grã-Bretanha por motivos que não são claros.

Agora finge que ganha a vida a ensinar chinês. Mas na verdade só tem uma aluna e mesmo essa trabalha para ele. Ganha dinheiro com actividades ilícitas. O ensino do chinês é uma fachada para enganar os investigadores. Entre as suas origens em Hong-Kong e o seu trabalho na Birmânia aprendeu *Kung Fu Wing Chun* e é mortalmente eficaz na sua prática.

Tem contactos e amigos da família em Londres. Grande parte do tráfico de droga passa por ele. Negócios muito importantes e lucrativos.

Anda ansioso por entrar em contacto com um pequeno *dealer* de *speed* em Brixton.

A coluna do gira-discos não funciona bem, ou talvez seja o amplificador que não funciona, de qualquer maneira os baixos não saem suficientemente fortes e como é que posso ouvir *reggae* se o baixo não se ouve bem?

Wha this.

Wha that.

Papa Sinbad¹ a chat.

An'me nice up the area² murderer³!

An'the roots an'culture⁴ murderer!

Esta pobreza é uma chatice a sério, sabem como é, nada neste apartamento funciona e eu parece que tenho cento e cinquenta anos. Se fosse rico ou se pelo menos estivesse bem na vida, não havia de parecer tão velho. Os ricos nunca ficam com tão mau aspecto quando envelhecem. Como é que eu cheguei aos vinte e seis? Quer dizer, o que é que aconteceu?

Imagina que és ferido de qualquer maneira e o teu crânio é aberto ao meio e que tens de o segurar até chegar ajuda e que, se tirares as mãos da cabeça ela se abre em duas. Detestaria isso.

Em Leeds houve uma explosão química numa fábrica *Boots*. Não há perigo para os residentes mas a polícia aconselha os donos dos carros a que os lavem como precaução e eu estou à espera, interessado em ver que macabras deformidades daí resultam.

Estive mesmo doente há algum tempo, estava a ficar cego e com a pele a ganhar um tom amarelado como o da vegetação há muito tempo morta.

Cada vez que tinha um ataque os meus olhos fechavam-se um pouco mais, a minha pele retraía-se e enfraquecia. Eu caía e arrastava-me rua abaixo até ao médico, o corpo moído onde os órgãos se esforçavam por sair cá para fora. Ele olhava para a minha cara exausta e dizia-me que eu sofria dos nervos.

"Mas, doutor," resmungava eu, "o meu interior luta para sair cá para fora e a minha pele parece um jornal velho e o meu olho esquerdo está completamente fechado e o direito deita sangue e não consigo manter comida no estômago há quatro dias e sinto-me enjoado mesmo quando melhora."

"Está tudo bem, é só o seu sistema nervoso, tenho imensos doentes assim." Olha para mim com desprezo.

¹ Conhecido DJ jamaicano. No início da década de 60, as festas na Jamaica eram animadas pelos que possuíam os discos. Os DJs trabalhavam com dois pratos e, como na maioria das vezes a segunda face dos discos era *dub*, isto é, versão instrumental, falavam por cima deste som. Desenvolveu-se um novo estilo musical e há quem atribua a este o início do *Rap* (N. da T.)

² Vou fazer com que todos no bairro fiquem bem (N. da T.)

³ Murderer, no crioulo jamaicano, adquire o significado de "grande homem" (ao ouvir a frase anterior o público grita "murderer", expressando assim a sua satisfação).

⁴ Frase típica do *reggae* cantado por Bob Marley, em que se referem as raízes e a cultura *reggae*

"Mas estou a ficar cego."

"Aprenda a relaxar."

Na vez seguinte que tenha um ataque volto lá. A rececionista fica horrorizada quando me vê. Cambaleio até ao consultório do médico e caio no chão numa choradeira de soluços.

Ele receita-me *Valium*. Escreve a receita como se nunca tivesse perdido tanto tempo na vida.

Pergunto-me se irei reencarnar depois de a louca daquela pistoleira disparar sobre mim. Já estava morto se não tivesse tido aquele aviso. Gostava de reencarnar com as minhas memórias intactas, assim poderia provavelmente gerir a minha vida em vez de dar cabo dela, deitar-me num berço uns dois anos sem ter mais nada que fazer senão planear uma estratégia para quando comesse a andar.

Ando a tirar o politeno das janelas para o caso de ter de fugir rapidamente. Não sei se o politeno mantinha o calor cá dentro mas o certo é que fazia uma barulheira. De qualquer maneira, não quero que a assassina me entre por aqui dentro brandindo um cutelo ou com alguma metralhadora ou seja lá com o que ela trabalha e eu a tentar atirar-me da janela num último salto para a liberdade e a ser impelido para dentro por causa daquele vidro duplo sazonal tão bem preso.

Talvez devesse mudar de casa outra vez. Mas o que é que faria às minhas revistas de banda desenhada?

Em Brixton os jovens arrastam-se pelas ruas sem saber onde arranjar mais droga. O sol brilha e ninguém parece muito incomodado por causa dos outros, do mercado a música pulsa das muitas tendas de discos e a atmosfera geral é a de um sítio tranquilo e simpático para se viver.

Fran e Julie gostam de viver aqui, partilham o andar de baixo de um *squat*¹ razoável com uma porta de entrada como a de *Fort Knox* e milhares de gatos mas com drogas suficientes, com alguma comida nos intervalos, com tinta brilhante para pintar o cabelo que não é difícil arranjar, música por todo o lado e um bom cinema que não passa o tempo todo a mostrar filmes estúpidos, aulas de defesa pessoal para mulheres, a secção do subsídio de desemprego perto, pobreza, mas não é o mesmo em todo o lado? Agora não levam uma vida má. Fran dedilha as cordas da guitarra e pergunta-se onde estará o Alby Starvation, já devia ter chegado com o *speed*.

Que grande seca, pensa ela, e se hoje à noite tenho de ir para o palco sem *speedar*, não ia ser capaz. Será que alguém lá fora tem comida?

No quarto ao lado Julie pratica defesa pessoal, dando pontapés à altura do joelho numa cadeira. Esmaga o joelho de alguém, diz-lhe a instrutora, que a pessoa não te vai chatear durante um bom bocado.

Este é um bom conselho desde que não se falhe, porque, se assim não for, a pessoa fica completamente fora de si e mata-nos.

Julie treina contra a cadeira.

E lá estava eu a ficar cada vez mais doente e o porco do meu médico, se é que se lhe pode chamar isso, deliberadamente a recusar-me ajuda.

Agora pergunto-me se ele não teria algum motivo oculto como por exemplo se não estaria no mesmo barco do chinês do Soho. Ou talvez atrás das minhas revistas, quer dizer, é provável que aspirasse secretamente ao nº1 do *Surfista Prateado* e esperasse deitar-lhe as mãos mal eu morresse, provavelmente através do meu executor testamentário. Preocupe-me com ele durante todos os anos em que esteve tão doente, não ponham em hasta pública a colecção do *Surfista Prateado*, dêem-ma tal como ele ma prometeu. Cabrão.

De qualquer maneira, há uma coisa: é que eu recupero sempre um bocado destes ataques de doença, especialmente depois de ficar muito *fora* e de acordar todo vomitado, sinto-me muito melhor, bebo água, descanso um bocado, limpo o sangue dos olhos e tios ouvidos e começo a sentir-me mais um ser humano. Consigo fazer um sorriso ao *hamster*, o meu único amigo.

Mas nunca durava muito, à medida que melhorava, piorava, e cada vez era pior do que a anterior. Nunca a pele de ninguém alguma vez teve esta cor, era ridículo.

Que tempos mais miseráveis. Ainda me sinto mal quando penso nisto.

E agora aqui estou sentado num razoável estado de saúde e de medo.

¹ Edifício abandonado, normalmente degradado que é ocupado (N. da T.)

Amanhã tenciono ir a Brixton passar *speed* a meia dúzia de pessoas por um lucro ridiculamente pequeno e pergunto-me por que faço isto especialmente quando metade da China parece andar atrás de mim, sabe lá Deus porquê, e de qualquer maneira quem *snifa* a maior parte sou eu.

Duas pessoas que conheço foram abordadas pelo chinês, que me descreveu muito bem, que sabia o meu nome e descreveu com pormenor as minhas actividades, e lhes perguntou onde me poderia encontrar. Ambos lhe mentiram, claro, e disseram que não sabiam. E se ele volta e os ameaça?

Olha, por que é que toda esta gente anda a tentar matar-me? O que é que eu lhes fiz? É verdade que não tenho provas concretas de que este demónio oriental tencione assassinar-me mas nos dias que correm só posso presumir o pior.

Talvez ele faça parte de uma Tríade. Talvez eu os tenha insultado de alguma maneira, tenho uma banda desenhada que diz que isso é do piorio. Ele quer ficar com o meu negócio, de certeza.

Cabrão, por que é que não me deixa em paz com a minha desgraça.

Esperem até eu arranjar uma arma. Hei-de-lhes mostrar.

Estou cansado. Vou fazer um pão com manteiga de amendoim e compota e vou para a cama. Vou barricar, aferrolhar e armadilhar o cimo da porta do meu quarto para me proteger da mulher da Direcção Promotora de Lacticínios que anda para me apanhar.

Dói-me a barriga.

Então por que é que não pedes ao teu médico para te mandar para o hospital, disse finalmente um dos meus amigos.

Parece boa ideia e lá vou eu cheio de dores até à clínica quando começa mais um ataque e deito algum sangue na carpete. Este médico tem cara de mau e voz de antigo locutor da BBC.

"Hospital? Mas vai perder o seu tempo, isso são só nervos."

Ameacei matá-lo logo ali. Acabou por passar-me uma carta para ir ao hospital.

Arrasto-me pela rua abaixo. As pessoas olham de lado para o meu aspecto doente e horroroso. Os que andam às compras atravessam a rua para me evitar e as crianças pequenas desatam a berrar quando passo.

o O vento sopra e parece que me vai levar.

No hospital espero horas e horas enquanto as enfermeiras sussurram nas minhas costas. Parece-me que devem ter posto a minha ficha no fim do monte.

Quando me fazem testes e coisas assim, têm a lata de me dizer que não tenho nada.

É claro que me devia ter apercebido de que esta gente da medicina se manteria unida e provavelmente o meu médico não escreveu nada na carta sobre os meus terríveis sintomas mas só um recado a dizer que me deviam deixar morrer para ele poder deitar as mãos ao número 1 do meu *Surfista Prateado*.

Nesta altura já estou praticamente cego e tenho imensas dores. Quase não me consigo mexer.

Está bem, penso, não preciso deles. Hei-de curar-me sozinho.

June acabou de cortar o cabelo e pensa no seu actual contrato. Tem de matar uma pessoa em Brixton. Ele chama-se Alby Starvation. Ela não sabe a sua direcção, o que não é normal no seu ofício, recentemente mudou-se e parece que se anda a esconder. Mas ela sabe que o encontrará com facilidade.

Tirando a arma de uma gaveta da cozinha, senta-se para a limpar enquanto come flocos de cereais.

Amanhã espera concretizar o contrato. Recorda por momentos o treino no Brasil.

Fran sai à rua para roubar alguma comida dos armazéns Big Value¹.

O gerente do Big Value é um homem amargurado. Tem a carreira estagnada porque o gato lhe morreu de cancro. Ele sabe que a Administração já não confia nele e não o hão-de promover para uma loja maior, como é que se pode promover um homem cujo gato morreu de cancro? Se não conseguia tomar bem conta de um gato o que é que faria num grande armazém da cadeia Big Value?

Fran enche os bolsos de comida e deixa a loja.

Sorri para o segurança. O segurança está a pensar noutra coisa.

Música *reggae* paira no ar chuka chuka chuka enquanto Fran desce a rua com os bolsos cheios de comida. Fran cortou o cabelo à *skinhead*, quase todo preto com uns bocados de verde aqui e além. Nunca lhe passou pela cabeça ser apanhada a roubar comida e nunca é.

Hoje à noite a banda dela dá um concerto num pequeno espaço ali perto, não é nada de especial mas pode ser divertido ou também pode não ser. Fran toca *baixo*, não muito bem mas bem que baste.

¹ Big Value – expressão que coloquialmente significa bom e barato (N. da T.)

Vai para casa para dividir a comida com Julie. À Julie falta-lhe completamente o talento dela para arranjar provisões mas é melhor a lutar.

John Peel passa um disco a pedido de alguém. É um bom disco mas esqueci-me de qual é. Bom, como é que eles puseram este assassino atrás de mim?

Estou doente e a morrer (isto passa-se há cerca de seis meses), as coisas parecem sérias. O *hamster* parece estar preocupado.

O tecto branco do meu apartamento está *negro* e remendado, foi reparado em três sítios, como resultado de assaltos passados.

As pessoas metem-se no sótão que é comum e cobre toda a área do prédio, andam por lá, e a seguir abrem caminho através dos tectos dos andares de cima. Eu não vivo aqui há muito tempo e estou sempre à espera da chegada de um bando de assassinos caídos do tecto, provavelmente enquanto durmo.

A intenção deles pode ser apenas assaltar o apartamento mas quando me encontrarem hão-de matar-me brutalmente.

Hão-de ter de me matar para evitar que eu os possa identificar mais tarde.

Apesar de eu prometer manter a boca fechada e não chamar a polícia, hão-de matar-me porque o chefe do grupo é um monstro sádico que gosta de provocar dor nas vítimas. Cabrões, por que é que não me deixam em paz?

Bem, a minha doença está a tomar proporções terminais quando um dia tenho uma visita, Stacey, um amigo.

Contei-lhe da minha terrível doença e de uma forma surpreendente deu-me uma sugestão muito sensata.

"Provavelmente és alérgico a alguma coisa da tua alimentação. Já li sobre isso num sítio qualquer. Dizia que as pessoas muitas vezes têm doenças misteriosas que confundem a ciência médica e são sempre devidas a alergias escondidas."

"Então como é que posso descobrir isso antes de morrer?", perguntei.

"Fazes jejum", disse-me ele. "Limpa o teu organismo durante cinco dias, depois começa a comer uma coisa de cada vez, por exemplo, um dia só arroz integral, uns dias depois juntas alface, e, se continuares saudável, estas comidas não te fazem mal. Mas, quando comeres alguma coisa e umas horas depois começares a vomitar e a sangrar e coisas assim, pronto, descobriste o problema."

Agradei-lhe imenso e comecei os meus cinco dias de jejum.

Depois de deixar o Brasil, June viajou através do México para os Estados Unidos. Não gostou muito das pessoas.

Uma noite num bar um homem tenta engatá-la.

Ela faz por o desencorajar educadamente mas ele continua a chateá-la e ela acaba por o mandar foder-se.

Mais tarde, quando chega a casa, os seus sentidos treinados dizem-lhe que alguma coisa está errada. Quando mete a chave na fechadura do apartamento alugado ouve um som e volta-se para trás e lá está o homem que a estava a chatear no bar. Ainda p'ra mais com um amigo.

Isso descontrola-a momentaneamente, tratando-se de um segundo homem, e antes de reagir empurram-na para dentro do apartamento. Estão ambos um bocado bêbedos e são os dois grandes e nenhum deles aparenta senão maldade.

Sem dizer nada o homem que tinha falado com ela no bar estende-se para lhe agarrar as mamas mas nesta altura o treino de June toma conta da situação. Ela já se sente chateada por não ter reagido de imediato. Bloqueia-lhe a mão e golpeia, de lado, a traqueia dele. Quase simultaneamente enfia-lhe um brutal pontapé no joelho. Ele gorgoleja e cai.

June vira-se para enfrentar o outro homem e precipita-se no ataque. É tão rápida que o seu golpe teria atingido qualquer pessoa excepto um ex-fuzileiro dos Estados Unidos treinado em combate homem a homem que é justamente o que o seu segundo assaltante é. Movendo-se a uma velocidade anormal neutraliza o ataque de June. (Mais tarde June pergunta-se se a sua velocidade teria sido enfraquecida por alguma pequena inibição. Antes nunca tinha tido de lutar a sério.)

O homem puxa de uma faca e põe-se no que parece ser a posição de alguém treinado para lutar assim. June sabe como se defender de um ataque de faca usando só as mãos.

Mas em vez disso saca da sua arma e mata-o com um tiro porque, no fim de contas, parece aceitável fazê-lo.

O primeiro homem arrasta-se no chão e ela mata-o a tiro também.

Faz a mala e parte para a Europa.

Então segui o conselho de Stacey e comecei os meus cinco dias de jejum.

E, depois de jejuar alguns dias, já me sinto melhor. Quer dizer, sinto-me a morrer de fome mas isso é uma melhora. A cegueira passou-me quase completamente e é bom ver outra vez. As dores estão a deixar o meu corpo. A pele é que ainda tem uma cor nojenta mas não se podem esperar milagres.

Ora, consegui passar mais uma noite sem ter sido morto na cama pelos ladrões mas agora vem a parte difícil, tenho de sair e descer a Brixton e não há dúvida de que neste momento está uma mira telescópica apontada à minha porta assim como um bando de chineses com facas no patamar de baixo das escadas mas mesmo assim tenho de ir, tenho entregas de *speed* para fazer e ainda por cima não tenho comida em casa e detesto passar fome.

Também tenho de saber alguma coisa sobre o aluguer de um transporte para levar as minhas BD à baixa para as vender, e também tenho de saber onde posso comprar uma arma. Não tenho a certeza como é que funcionam. E depois de se ler uma, é difícil atirar? Como é que se aprende? Quer dizer, é fácil quando se é da Máfia ou assim e a família tem carreiras de tiro, não há problema, vai-se lá baixo com um instrutor e rebenta-se com qualquer coisa entre treinos com picadores de gelo e estimula-se essa aptidão, mas como é que eu posso aprender a atirar. É ilegal andar por aí a praticar no parque, além disso posso magoar alguém, provavelmente a mim próprio.

Nesta altura decorre um grande julgamento da Máfia em Itália. Quando se chega a criminoso da alta-roda já não é preciso andar para aí a matar gente e fica-se igual a um contabilista.

Agora começam os The Fall. Há poucas bandas como os The Fall. Dá-lhe com força, Mark.

Vou indo para Brixton.

Exercitando a minha visão de 360 graus.

À escuta do menor som de algum assassino.

Todos os sentidos a funcionar a tempo inteiro.

Os meus nervos a sofrerem uma grande pressão.

É uma miséria de merda.

O chinês acabou de fazer um negócio e está a comer um bife com batatas fritas num restaurante. Perto, tem o carro à espera com o motorista guarda-costas. O motorista lê o jornal e pensa num jogo de vídeo que quer comprar. Anda a jogar este jogo no salão de jogos, mas Wu, seu aqui-rival, continua a ganhar-lhe, por isso Cheng, o motorista, planeia comprar o jogo e praticar a sério em casa.

Após este treino secreto há-de dar cabo do Wu no Salão de Jogos.

A sua luta por supremacia nas apostas dos jogos de vídeo no Soho é um assunto antigo e a vitória num jogo não pode ser considerada final, mas Cheng acha que, se chegar de surpresa, inesperadamente, e derrotar Wu, isso seria um golpe psicológico significativo a seu favor e podia bem desfazer o seu opositor.

Wu e Cheng eram bons amigos mas a sua rivalidade nos jogos envenenou a relação. Agora quando se encontram trocam sorrisos falsos e dirigem-se às máquinas. As pessoas já os conhecem e juntam-se à volta deles para assistir às suas batalhas, porque tanta prática os tornou exímios jogadores e poderiam facilmente derrotar qualquer dos outros jogadores de máquinas.

Eles ora se sentam ora ficam de pé dependendo da máquina, cenho carregado, a mente fixa na mais profunda concentração ao mesmo tempo que as cores brilham no ecrã.

Já não jogam para se divertir.

O chinês sai do restaurante e faz o pequeno percurso até ao carro. Está num lugar proibido mas não há perigo de multa ou de bloqueio da roda porque faz parte da sua teia criminosa subornar a polícia local e os polícias de trânsito.

Nem sempre os polícias de trânsito são subornados, mas o chinês é muito minucioso e não se pode dar ao luxo de ser multado ou de ter as rodas bloqueadas cada vez que quer estacionar no Soho.

Descem a Brixton.

Trouble you a trouble me, yes I, awoh, a jus flash it!

Ouçó o ritmo do enorme gravador portátil, que é quase do tamanho do pequeno *rasta do ghetto* que o carrega. O *rasta* é pequeno e os seus caracóis estão enfiados dentro de um grande chapéu castanho. Desço atrás dele, não o passando deliberadamente para poder ouvir a música.

Bem, depois de ter jejuado durante cinco dias todos os sintomas tinham desaparecido excepto a cor de icterícia e eu tinha esperança de que esta fosse o resultado da má nutrição.

Até a fome me passou e eu estou como há muitos meses já não me sentia, de facto, pareço flutuar.

O único problema é que agora tinha de comer e pergunto-me por onde devo começar. Iogurte? Eu como imensos iogurtes. Como tantos iogurtes que já me começam a sair pelas orelhas. Arroz integral? Cenouras? Um Mars? Tem de

ser uma coisa pura e por isso decido-me pelo arroz integral. E uma seca de um sabor mas tem o *yin* e o *yang* perfeitamente equilibrados.

Então com algum receio cozinho arroz e quando fica pronto só consigo comer umas garfadas, depois de cinco dias sem comer acho que o meu estômago encolheu imenso. Fico à espera de ficar outra vez doente, passo o dia a ver se os olhos ficam mais escuros, se incham e fecham, se os órgãos começam à luta uns com os outros, mas nada acontece, OK, o arroz é porreiro. Começo a sentir que a minha morte pode não estar iminente.

Conto aos meus amigos este processo e todos ficam fascinados. "Estamos a torcer por ti", dizem.

Uma semana mais tarde estou a comer alface, cenouras e arroz, ando aborrecido mas saudável.

Comemoro a comprar uns discos dos *Desmond Hip City* e, quando chego a casa, danço e não me preocupo por aí além que o baixo do gira-discos não esteja a funcionar grande coisa. Tento deixar de fumar mas desisto imediatamente.

Que se lixe.

Vou até casa da Fran e da Julie.

A meio da rua um velho casal sentado na varanda acena-me como sempre faz. Respondo com outro adeus e cumprimento-os em voz alta e, se os tempos não fossem tão perigosos, ficaria a conversar, este pobre casal só fala p'ra aí com uma pessoa por semana. E então passam o tempo à varanda, a olhar para a rua.

Não é seguro andar por aqui. Não é seguro andar em lado nenhum na Grã-Bretanha. Ficar em Londres é suicida, mas se me vou embora estes predadores atiram-se todos às minhas BD e não consigo suportar essa ideia.

Passo por pessoas que seguem a sua vida normal. Isto deprime-me mais do que tudo.

Um grande avião passa por cima da minha cabeça a rugir e a cuspir e abafa a música que vai à minha frente. Não olho p'ra cima porque a única coisa que voa sobre Londres com este barulho é o Concorde. Sobrevoa Londres há muitos anos e para mim é uma contínua causa de aborrecimento. Devia ser um sentimento reconfortante pensar em todos aqueles homens de negócios que andam rapidamente de cá para lá oleando as rodas da indústria para benefício final daqueles como eu mas não é.

Como é que tenho estas olheiras tão escuras? Mais ninguém parece tê-las tão mal nem mesmo aqueles que se masturbam consideravelmente.

Basta sentir-me um pouco cansado e grandes sombras negras aparecem como por magia e este é só mais um exemplo de como a vida permanentemente me provoca.

Em Brixton o sol brilha.

O chinês chega a Brixton e para sua surpresa descobre imediatamente a pessoa que procura. Diz a Cheng para encostar e deslizam até parar. O chinês abre a janela.

Meu Deus, está um carro a encostar, já me encontraram. São os chineses, os que têm andado à minha procura, consigo ver dois deles, um parece cruel como o raio. Entro em pânico e tento fugir mas o meu pobre corpo assustado não responde. A janela abre-se e fico à espera que a boca de uma metralhadora me acerte nas costelas antes de me cortar ao meio.

Isso não acontece e apercebo-me de que me vão levar para me torturar.

"Tenho andado à sua procura", diz o chinês com a voz mais sinistra depois de Lon Cheyney¹.

"Que é que quer?", consigo articular.

"Tenho uma coisa para lhe dizer em privado. Há algum sítio onde possamos falar um bocado?"

Olho à minha volta para encontrar a melhor direcção para fugir e experimento as pernas para ver se a paralisia se foi embora. Nem por isso. Se conseguir empatar por uns segundos antes de me levarem, tento fugir. As torturas chinesas são muito cruéis. Parece não haver espaço suficiente na minha boca para a língua inteira. Surge outro pensamento negro. "Também és da Direcção Promotora de Lacticínios?", pergunto. Ele parece confundido ou quer parecer. "Ou andas só atrás do meu negócio de *speed*?" Eu tenho amigos, tenho contactos próximos na Máfia britânica, a minha mãe é de Nápoles."

Ele está quase a falar mas aparece um polícia e eu aproveito-me disso para correr para a liberdade. Voo pela rua abaixo à espera de uma bala enfiada nas costas ou talvez uma estrela *shuriken* mas por milagre chego à esquina da rua sem nenhum buraco. Dou a curva como um corredor olímpico de alta velocidade e choco de frente com uma miúda.

¹ Lon Cheyney (1883-1930) – Actor americano conhecido pelos seus papéis de monstro em filmes de terror como em *O Corcunda de Notre Dame* (1923) e *O Fantasma da Ópera* (1925) (N. da T.)

Caímos ao chão. Vê por onde vais, grito com raiva e medo e tiro-a do caminho. Arrisco um olhar por cima do ombro e embora algumas pessoas olhem interessadas para a minha figura em fuga nenhuma parece ser chinesa.

O terror mantém-me rápido até chegar a casa de Fran e Julie. Tropeço no caminho e bato com a cabeça na porta, deixem-me entrar eles andam a tentar torturar-me, suplico.

A porta abre-se quando estou ainda de joelhos e rastejo para dentro agradecido.

"Esconde-me, Fran, o chinês encontrou-me."

"O que é que ele fez?"

"Tentou matar-me."

"Trouxeste o *speed*?"

O gerente do Big Value está extremamente preocupado porque acabou de ver os últimos números do *stock* que mostram que uma quantidade imensa de mercadoria foi roubada.

Atira as culpas para cima do chefe da segurança. O chefe detesta-o e na verdade ficaria bem contente com a perda do *stock* se o facto não lhe desse tão má imagem. O gerente está irritado e fá-lo passar um mau bocado.

"Quando é que foi a última vez que apanhou alguém a roubar, seu inútil de merda? Como é possível que os ladrões saiam com dois aquecedores a gás e uma mesa de cozinha? A loja está sempre cheia de marginais, como é que nunca apanhou nenhum?"

Cum carago, pensa o chefe da segurança, o que é que ele tem contra mim, eu só uso uniforme para organizar as coisas, há aqui outras pessoas que também os deviam apanhar.

Mais tarde o gerente está tristíssimo. A carreira a desmoronar-se diante dos seus olhos, ele não só é desprezado pelos seus colegas por causa do gato doente (Quem é que já ouviu falar de um gato com cancro na garganta? O que é que ele lhe teria andado a fazer?), mas tem também a desaprovação completa da Administração por causa dos números que lhes tem mandado. Por que raio é que toda a gente tinha de vir roubar à sua loja. Porque é que não haviam de ir a outro sítio e infernizar outro qualquer?

Detestava Brixton, cheia de lésbicas feministas e *punks* e *rastas* e comunistas e outros marginais repelentes que se possam mencionar todos a usar roupas em segunda mão nojentas e rotas, com cortes e cores de cabelo bizarros, a roubar subsídios ao Estado com a maior desfaçatez.

Por que não trabalha numa boa zona nos subúrbios como o seu primo? O primo também é gestor de uma loja mas não tem de estar sempre a ser incomodado com clientela de segunda.

O chinês anda de carro pelas ruas, ainda anda à procura.

Já passaram uns dias do teste da alergia, já como sele coisas diferentes sem morrer e estou a tentar a oitava, um copo de leite.

Meia hora depois de o ter bebido sinto-me tonto e a minha visão desfoca. Olho para o espelho e tenho sangue a sair de uma das pálpebras. As entranhas começam-se a complicar. Vômito e continuo a vomitar depois de ter o estômago vazio. À medida que respiro com dificuldade e tento não irritar os olhos inchados descubro que pelo menos sei o que está errado.

Sou alérgico ao leite.

Isso não me parece muito mau. Quer dizer, acabaram-se os cereais com leite frio de manhã, não admira que estivesse sempre doente, mas pelo menos vou ficar bom.

Começo-me a preocupar com a falta de cálcio. Provavelmente posso tomar comprimidos.

E mais, descobri o meu mal sem a ajuda da besta do médico e agora não vou morrer e ele não vai ficar com as minhas valiosas BD.

O mal-estar acalma umas horas mais tarde e começo a sentir-me bastante melhor.

Leite? Quem é que precisa dele?

Só houve dezoito números do *Surfista Prateado*. Eram boas BD. As melhores BD da *Marvel* foram por água abaixo por causa das vendas. Onde estás tu agora *Howard The Duck*? O que é que aconteceu ao *Warlock*? *Killraven*? *Capitão Marvel*?

O *Capitão Marvel* era um guerreiro *Kree* que amava *Una*, a única heroína da banda desenhada americana que alguma vez leve cabelo curto e que não se parecia com uma boneca *Barbie*. *Una* foi morta pelas manobras maquiavélicas do comandante da nave do *Capitão Marvel*, que também a amava.

Mais tarde um horripilante parasita do espaço apodera-se do corpo de *Una*. Depois de maldosamente atacar *Carol Denvers* (que mais tarde se tornaria *Ms. Marvel*, com a sua própria série, que também seria cancelada) ela/aquilo ataca o *Capitão Marvel*. O guerreiro *Kree* sente-se mal por lutar com *Una*, mesmo sendo só o seu corpo habitado pela criatura. Mal o *Capitão* ganha a batalha e a vida abandona o parasita do espaço, os olhos de *Una* iluminam-se por um segundo e a sua verdadeira pessoa parece voltar a existir ali por um instante. A seguir fica morta e fria.

O chinês desistiu da sua caça por hoje e não pretende vir procurar-me pessoalmente outra vez. Amanhã há-de contratar alguém para encontrar o Alby Starvation por ele.

Cheng leva-o de volta à cidade, deixa-o e dirige-se à sua loja de vídeos preferida. Verifica com cuidado se Wu não anda por ali, ou alguém que o pudesse reconhecer. Ser apanhado a comprar um jogo para praticar seria muito mau para a sua credibilidade. Quando tem a certeza de que a cosia está livre entra na loja e compra o jogo que ocupou os seus pensamentos nos últimos dias. Chama-se *Kill Another One*¹.

Vai para casa depressa e dedica-se a praticar o jogo a sério.

Dou *speed* a Fran e a Julie e elas agradecem-me e dão-me algum dinheiro. Elas já sabem do chinês que anda atrás de mim. Dizem que toda a gente sabe. O que é que ele quer?

Digo-lhes que não sei ao certo mas que não é coisa boa para mim, deviam ter visto o olhar terrível do sujeito que estava com ele, acho que quer ficar com o meu negócio, estes grandes *gangsters* fazem-me lembrar o *Paul Muni* em "*Scarface*".

Fran parece duvidar e abana a cabeça rapada.

"Por que é que alguém se iria incomodar para ficar com o teu negócio, Alby? É tão pequeno."

"Megalomania?"

Fico quilhado por elas duvidarem do perigo em que estou envolvido com este demónio oriental quando quase tenho cicatrizes nas orelhas para onde ele atirou a *Shuriken*.

Talvez esteja ligado com o assassino da Direção Promotora de Lacticínios. Ponho a hipótese de lhes pôr uma bomba no edifício, era bem feito para esses filhos da puta, mas não saberia como o fazer. É claro que ninguém neste país espera que haja mais bombas em lado nenhum, não vá estar um cavalo por perto que se fira como da última vez que isso aconteceu, que o dito cavalo foi primeira página dos jornais o resto do mês com entrevistas e livros e, se voltar a acontecer, ficaremos provavelmente sujeitos a uma série de TV.

Sento-me, cabeça bem longe dali, e bebo chá com a Fran e com a Julie que vai batendo com os pés nas cadeiras, nas paredes e em outras coisas e a Fran põe um disco, mas estes confortos caseiros não conseguem tirar da minha cabeça o facto de todo o submundo londrino andar atrás de mim.

Pergunto-lhes se sabem como é que se arranja uma arma mas tudo o que me dão são olhares de piedade. Começo-me a perguntar se não farão parte da tramóia. Quer dizer, Fran nunca mostrou um interesse verdadeiro pelas minhas BD, mas nunca se sabe. Hoje em dia não se pode confiar em ninguém. A última vez que fui ao Big Value o segurança olhou-me de uma forma nojenta.

Depois de me curar, naturalmente conto às pessoas e por acaso conheço alguém que tem sintomas muito semelhantes. Ela experimenta a cura e por coincidência também é alérgica ao leite. Melhora.

Um dia ando eu a passear quando encontro essa mesma pessoa. Ela conta-me que conheceu alguém com uma doença e a não ser bem tratada pelos médicos, se eu lá podia ir e ensinar como jejuar e testar uma alergia porque ela não tem a certeza de conseguir explicar-se bem.

Assim faço. A pessoa verifica que é muitíssimo alérgica ao leite. Melhora. Esta terceira pessoa chama-se Ian e é repórter de um pequeno jornal local. Escreve um pequeno artigo e por qualquer razão o editor publica-o e sai na história que esta técnica de detecção alérgica é minha, o que não é verdade, é do Stacey.

Desde esse momento, de alguma maneira as coisas parecem uma bola de neve. E tudo teria ficado bem se não houvesse tantas pessoas alérgicas ao leite.

Recebi a indicação de que a assassina que andava atrás de mim tinha um contrato para me matar. Tive sorte em receber esta informação.

Mas não podia desaparecer completamente de Brixton porque o *hamster* tem medo de viver noutra sítio, então mudei de casa e mantive-me quieto, esperando que na altura em que fosse encontrado estivesse em posição de me defender.

¹ Mata Mais Um (N. da T.)

Esperei que eventualmente a coisa passasse. Mas depois ouvi de várias fontes que também andava um chinês à minha procura. E possível morrer de medo e de *stress*! Bem, se vou apagar-me dentro em breve, até há pouco tempo a minha vida era bastante simples, doente, é verdade, mas simples. De repente sou o homem mais procurado da Grã-Bretanha.

Existe uma lista dos mais procurados na Grã-Bretanha?

Haverá uma lista nos Estados Unidos, ou será só nos filmes?

Eis uma ideia para uma história. O décimo mais procurado na América está chateado por estar apenas em décimo pois acha-se muito mau merecendo estar mais bem situado 11a lista. Então encontra o número oito e mata-o. Este acto faz com que salte para o oitavo lugar mas o número nove fica furioso por ter sido ultrapassado desta maneira e vai atrás dele.

Aparecem notícias nos jornais. Isto dá ideias a outras pessoas da lista e o número três anuncia que se considera o homem mais procurado da América e que, mal consiga deitar as mãos ao número um, vai prová-lo.

As pessoas começam a fazer apostas sobre estas batalhas e os jornais começam a publicar as listas de procurados como as tabelas de classificação do futebol. À medida que os procurados vão sendo mortos ou capturados aparecem vagas e a rivalidade é tanta que tem de se formar uma segunda divisão com regras duras para a promoção. A polícia não se importaria que os criminosos se matassem uns aos outros, mas começaram a praticar-se crimes horrendos contra a população na esperança de serem promovidos na lista e todos os dias aparecem civis dizimados por jovens esperançosos enquanto os mais antigos fazem coisas como envenenar o abastecimento de água das cidades principais.

Não sei como acabaria a história. (O presidente envia-os a todos para a América Central como conselheiros políticos?)

Gosto da Fran e da Julie mesmo que elas não retribuam com nada de semelhante. Fran pergunta-me se vou ao concerto à noite e digo-lhe que sim. Provavelmente estou tão a salvo lá como noutro sítio qualquer. Com certa manha Julie lembra que já não vê o meu nome nos jornais há uns tempos e eu olho-a irritado porque preferia não pensar nisso.

"Por que é que andas sempre aos pontapés às coisas?", pergunto à Julie. Sei o que me vai responder.

"Faço de conta que são homens."

"Como podes odiar todos os homens quando eu sou uma pessoa tão fantástica?" Nenhuma delas responde.

Julie tem imenso cabelo que inclui todas as cores principais e várias tonalidades. Aprende Kung-Fu numa aula só para mulheres num *squat* ali perto e às vezes ajuda a ensinar as principiantes.

Nunca pratiquei nenhuma arte marcial porque tenho medo de me magoar.

Fran muda o disco. Põe as *Gymslips* que são uma espécie de banda *punk* feminina, bem, não são exactamente *punk* são mais do género, por que é que hei-de estar a pensar nisto, que se foda, não sou crítico de música ela põe as *Gymslips*. O *reggae* não é lá muito bem visto nesta casa porque muitas vezes é um bocado machista embora isto não seja uma regra de ouro especialmente quando elas estão completamente pedradas.

Perguntam-me como está o *hamster* e digo-lhes que está bem, que tem saído muito e perguntado por elas.

E vocês, perceberam tudo? quer dizer, até agora está tudo claro?

Wu, o mortal rival de Cheng nos salões de jogos, nunca treina. Em vez disso medita. É uma das poucas pessoas a usar o *zen* nos jogos de vídeo. Medita até a mente lhe ficar completamente vazia e depois ele e a máquina tornam-se um só. Quando chega a altura em que a máquina é parte dele e ele parte da máquina e que a temporalidade do jogo é uma ilusão, o jogo acontece. Joga sem consciência objectiva.

Enquanto que os palermas podem dizer que os jogos de vídeo não são próprios para a prática de *zen*, Wu é que sabe. É o mesmo que noutra área qualquer.

Enquanto que Cheng procura glória pessoal, Wu procura crescimento espiritual. A sua sintonia com o mundo dos jogos é tal que pode trocar a sua percepção com a da máquina e jogar com a pessoa que está fora.

Como resultado da sua meditação Wu é uma pessoa excepcionalmente calma. Mesmo nas escaramuças nos salões de jogos exala tranquilidade e calma. Quase toda a gente com que ele contacta fica impressionada com isso e a maioria das pessoas gosta dele.

As vezes as pessoas solitárias ficam ao lado dele nas máquinas para se reconfortarem com as suas vibrações positivas.

Se ele soubesse que o Cheng estava a praticar em casa violando directamente o espírito das suas competições, não se importaria.

Apesar de ser bom cozinheiro, come de uma forma muito frugal e às vezes faz jejum. Neste preciso momento está a cozer arroz e depois vai meditar de novo.

Quando tinha algum dinheiro comprei uma caixa de ritmos. É bom porque pode-se-lhe pedir o que quisermos, o que é mais do que posso dizer dos bateristas que alguma vez conheci.

Mas agora que já não sou um herói nacional estou completamente leso. Não posso comprar nem um jornal e a consequência disto é nunca saber que dia é ou o que se passa no Médio Oriente. Tentei ver televisão mas não consegui. Fiquei contente quando ela se avariou e deixei de me preocupar com poder ser apanhado por alguma carrinha de detecção de TV¹. Toda a gente diz que elas não funcionam mas não me espantaria se uma delas miraculosamente aparecesse à porta do meu apartamento.

Todas as pessoas que conheço estão tesas, ninguém nunca tem dinheiro excepto por breves instantes no dia em que recebem o subsídio de desemprego² e se sentam para comemorar a lástima das duas semanas no *pub* e talvez até saiam para comprar alguma coisa para comer.

Fran oferece-me de comer, o que agradeço.

"Quem me dera roubar nas lojas como tu" digo-lhe "mas tenho demasiado medo de ser apanhado."

"E se fosses", diz Fran, "não ia ser o fim do mundo ou ia?"

"Não, mas era uma vergonha terrível."

Estamos a comer e este acontecimento invulgar por momentos faz-me esquecer os problemas. O rádio está ligado. Um ministro do governo está a avisar os manifestantes pela paz que, se entrarem numa base militar, podem ser mortos.

A Câmara de Merton anuncia a abolição das refeições nas escolas.

Duas semanas depois de o artigo de Ian ter saído no jornal duas pessoas simultaneamente escreveram para lá a dizer que se tinham curado de doenças prolongadas usando o método descrito. Ambas expressaram a sua gratidão usando o meu nome.

Quando apareceram mais quatro cartas veio um repórter a minha casa para me entrevistar.

"Como é que descobriu", pergunta, "que o leite é potencialmente tóxico?"

Disse-lhe que não fazia a mínima ideia que fosse e que só o descobri por tentativas. No dia seguinte publica uma história. O título é ACTIVISTA ANTILEITE ATACA.

A razão por que June obtém o contrato para matar é ser muito discreta. Os mandantes são muito respeitáveis e não se podem dar ao luxo de se expor. Já tinham feito um contrato de assassinato do activista da campanha antileite numa agência com a qual têm conta aberta mas tudo acabou numa grandessíssima confusão e portanto decidiram contratar a June. Apesar de ela pedir uma quantidade imensa de dinheiro, a sua reputação de eficácia é a melhor.

Mas June já percebeu que a sua vítima se está a esconder e não se encontra no endereço que os clientes lhe deram. Felizmente tem tanto jeito para a detecção como para a eliminação, e oferece-se para localizar o autor da campanha antileite. Por isto pede um pagamento extra, também enorme, mas os clientes que já não se querem envolver com outra agência para o que deveria ter sido um assassinato simples concordam com a sua proposta.

A situação está ligeiramente confusa pelo facto de publicamente a sua vítima estar a usar um nome falso.

A razão de ser disto, embora June não o saiba, é que ele não quer que a segurança social deixe de lhe pagar o subsídio, o que aconteceria se imaginassem que ele recebia algum dinheiro.

Ela apercebe-se de que pode ser complicado encontrá-lo agora que parece ter-se escondido, mas com o *dossier* de informações que tem sobre ele acha que não lhe levará muito tempo.

June dirige-se à loja de BD para lançar o isco.

Compra primeiros números dos *Quatro Fantásticos*, raros e valiosos, e o número 1 do *Incrível Hulk*.

Guarda-os com cuidado na carteira e dirige-se a casa.

Em Brixton o sol brilha e incomoda todos os que trabalham dentro das lojas quentes cheias de gente e de barulho das caixas registadoras. As operadoras de caixas do Big Value evitam pensar, tornando-se robóticas para se defenderem do tédio do trabalho.

Ocasionalmente o segurança anda por trás delas fazendo comentários lúbricos. Ele acha-se o máximo para estas raparigas, julgando que elas o admiram e respeitam o seu uniforme.

¹ Carrinhas que fiscalizavam a posse de aparelhos de televisão e confirmavam o pagamento da respectiva taxa; em 1996 a taxa televisiva anual era de 80£ (N. da T.)

² No original *Giro Day*; Giro é o nome da empresa financeira que faz todos os pagamentos da Segurança Social. Por isso se chama *Giro Day* ao dia do pagamento do subsídio de desemprego (N. da T.)

Elas pensam que ele só bate é à punheta e dizem-no frequentemente.

O uniforme dele é azul debruado a branco. A volta das prateleiras escondem-se outros seguranças. São detectives à paisana e agem com base na suspeita, seguindo as pessoas de cujo aspecto não gostam. Adoram imaginar que conseguem detectar ladrões por intuição, mas o que geralmente fazem é seguir as pessoas que parecem pobres. Os compradores habituais conhecem-nos de vista e os jovens normalmente apontam-nos uns aos outros.

"Aquele ali de casaco castanho" ou "Aquele que está a olhar para nós há dez minutos".

Ninguém é tão cuidadosamente observado como os próprios empregados.

Vou subindo para casa. Sinto-me compelido a olhar para as montras para ver como estou. Isto deprime-me. Quem me dera ter um saco de papel para enfiar na cabeça.

Quando chego falo com o *hamster* o que me anima um bocado. Conta-me o que anda a fazer e eu conto-lhe os meus problemas. Ele tem pena mas não está em posição de ajudar. Falamos de *reggae* e de dança.

Se reencarnasse gostaria de virar *hamster*, na verdade acho que desta vez fui feito para ser um deles e o acaso de habitar uma concha humana é a raiz de todos os meus problemas. Não há no entanto qualquer maneira de recorrer contra a actual encarnação, portanto deixo o *hamster* voltar a dormir e vou para a cozinha examinar os armários.

Com um súbito optimismo decido fazer uma torta de maçã e para a preparar limpo à balda a mesa da cozinha. Depois empilho os ingredientes e procuro uma taça para a mistura. Como sempre não consigo lembrar-me das quantidades certas e de qualquer forma também não tenho balança, então atiro um bocado aproximado de farinha e de margarina para a taça e amasso-as durante um bocado. Quando me parece muito húmido ponho mais farinha e depois tenho de pôr mais margarina para compensar e eventualmente acabo com a taça cheia de um bocado gigante de massa para o bolo onde dificilmente tenho espaço para enfiar o açúcar. A mistura é cerca de quatro vezes maior do que a taça.

Entretanto as maçãs fervem num tacho e o forno está a aquecer. O termóstato estragou-se e o calor não pára de subir, continua sempre a aquecer. E como cozinhar numa fornalha o que só é possível devido à minha intuição altamente desenvolvida durante anos a lidar com equipamento de cozinha defeituoso.

Mas acaba por sair bastante bem, por isso dou um bocado ao *hamster* e sento-me a comer o resto. Este pequeno sucesso dá-me grande satisfação.

E depois não tenho nada que fazer o dia inteiro senão esperar que sejam horas para o concerto da Fran e preocupar-me para o caso de algum dos meus inimigos de repente me aparecer à porta brandindo facalhões ou pistolas.

Será que podia transportar as minhas BD para a alta de autocarro numa mala? Por estimativa isso devia envolver cerca de doze viagens e alguns dias.

Alguém bale à porta e eu entro em pânico.

Detesto que me batam à porta mesmo nas melhores alturas e esta não é a melhor altura. No fundo do meu subconsciente começa a ouvir-se uma oração no caso de a tão difundida crença em Deus ter algum fundamento de verdade.

Voltam a bater. Deito-me no chão e rastejo como um verme ao longo da entrada e deslizo como uma cobra até ao buraco da fechadura. Lá fora está o meu amigo Stacey. A não ser que me tenha vendido e me esteja a fazer abrir a porta antes de me cravejarem de balas, por enquanto estou safo.

Stacey entra e diz-me que acabou de conhecer uma mulher na loja de BD em segunda mão em Brixton que perguntou se alguém sabia onde podia vender umas BD muito valiosas que tinha. Contou-me que lhe tinha dito que conhecia alguém que podia estar interessado e deu-lhe o meu número de telefone.

Começo a chorar.

Cheng anda a praticar como um doido o *Kill Another One*. Mata-os a todos sentado em casa em frente à televisão com o jogo ligado e as luzes apagadas, pum, pum, pum.

A maior parte do tempo fuma cigarros uns atrás dos outros embora as mãos estejam demasiado ocupadas para os levar à boca e longos tubos de cinza caíam na carpete. Quando o jogo acaba tira uma passa de um resto de cigarro ainda aceso e acende outro. A medida que se vai concentrando começa a suar e franze a testa em sulcos fundos e rígidos, mas os pulsos e os dedos continuam leves e ágeis.

Wu, seu filho da puta, pensa, desta vez dou cabo de li.

E difícil explicar a Stacey a razão por que estou a chorar. Entre soluços resumo-lhe o que será o meu futuro e convenço-o de que provavelmente deu o meu número de telefone a alguém que me vai malar. Ele pergunta-me por que é que não abandono o país imediatamente e eu começo a ver que também ele anda atrás das minhas BD, mal desapareça enfia-me um pé-de-cabra 11a porta e leva as primeiras edições do *Conan*.

Tento livrar-me dele. Antes de o pôr na rua cravo-lhe um cigarro.

Bem, 11a fase seguinte da minha ascensão à fama fui entrevistado por uma rádio independente e depois de a notícia ter ido para o ar fui contactado por uma revista para dar a minha opinião sobre nutrição e como evitar doenças. De repente metade do país parecia sofrer de alergias ocultas, a maior parte delas ao leite.

A Direcção Promotora de Lacticínios reage depressa e diz que são tudo mentiras e histeria colectiva, mas o país não fica convencido. Apareço na televisão a contar a minha história e as pessoas começam a enviar donativos para ajudar a campanha, como lhe chamam agora.

Bem, até agora tudo isto parecia uma seca, e por que é que esta gente não me deixaria em paz. Não sei nada de medicina nem de nutrição, mas quando me começam a mandar dinheiro passo a ver as coisas com outros olhos.

Na televisão acuso as autoridades responsáveis pelo leite de esconderem os factos.

Nesta altura a Direcção Promotora de Lacticínios começa uma campanha à volta do *slogan* "LEITE: É DE HOMEM".

Isto é um insulto à inteligência e a verdade é que quem inventasse um *slogan* assim devia ter vergonha, mas não, eles continuam a dar-lhe com força, dando a entender na campanha que o leite não é uma bebida para lingrinhas, mas sim o que se bebe quando se é um cowboy ou um alpinista. Patrocinam competições de futebol e fazem com que o produto seja vendido em *pubs* cobrindo todo o país com cartazes promovendo a imagem do machão que bebe leite.

Começam a soar alarmes no Quartel-general dos Lacticínios quando surge a notícia da publicidade contra o leite. As vendas de Abril não são tão altas como esperavam, embora seja ainda muito cedo para dizer se isto se deve à má publicidade ou a um fenómeno nacional como as pessoas estarem tão pobres que já não possam comprar *cornflakes*.

Estes assuntos são levados ao departamento de tráfego do Quartel-General dos Lacticínios. Este departamento foi formado à semelhança do seu homólogo da CIA e faz a ligação entre os departamentos de vendas e de publicidade.

A sua função é impedir qualquer obstrução ao consumo do leite. Quem quer que apareça com algo que possa ser prejudicial às vendas é sujeito a uma campanha de difamação, ameaças e desinformação até que o perigo que representa seja anulado.

É chefiado por Crosby, um implacável ex-vendedor. O número dois do departamento é Withers, um psicólogo que trabalhava para o governo. Quando as coisas parecem estar mal põem-se em acção. Crosby manda Withers desacreditar o doido da nova dieta que os anda a chatear e Withers começa a trabalhar com a sua equipa de espões e técnicos de informática.

June não gosta muito das pessoas em geral e por isso não se importa que o seu *trabalho* tenda a reduzir-lhes o número. Durante toda a vida só conheceu três pessoas de quem gostou vagamente.

Não desgosta das pessoas por princípio. Só que não gosta das coisas que elas dizem ou fazem.

Nunca faz sexo, embora gostasse de o fazer, porque só iria para a cama com alguém de quem gostasse. Nem sequer conversa com frequência e vive sozinha num apartamento em Chelsea rodeada de plantas e livros de filosofia. As plantas estão em vasos de todos os tamanhos, e até numa enorme floreira na sala de estar onde crescem algumas das suas preferidas de maior porte. A maior parte do chão e as paredes estão cobertas de vegetação. Não é que ela seja completamente doida por plantas, só que não gosta da maioria das decorações que as pessoas fazem.

A sua colecção de livros de filosofia é vasta e foi lida com cuidado. Há algum tempo chegou à conclusão de que a filosofia contida nos livros nada tinha para lhe oferecer, o que de alguma forma a entristeceu já que qualquer pista sobre o sentido da vida seria bem-vinda. Também se desinteressou dos livros de filosofia porque se apercebeu de que todos os autores eram homens. Não sem razão, concluiu que esta visão do mundo ganhava cor para eles e enfraquecia a dela.

Apesar de não manter registos pensa já ter assassinado cerca de catorze pessoas. O seu agente fornece-lhe um novo *trabalho* mais ao menos sempre que precisa de dinheiro. Às vezes entra em contacto com ela e diz-lhe que tem um *trabalho* urgente e se ela o pode fazer. Às vezes fá-lo outras vezes não.

Na sua pequena casa o *hamster* volta-se satisfeito e torna a dormir.

Ele foi especialmente feito pela natureza para dormir confortavelmente em todas as posições.

Durante todo o dia tudo o que faz é comer e dormir.

Podia fazer muito mais mas não vê qual seja o interesse.

Wu acabou de meditar.

Sorri e olha em volta. Vive num quarto completamente vazio. A única coisa que lá tem é um *futon*¹. Partilha a cozinha, em baixo, com outras pessoas. Não há nenhum relógio no quarto porque Wu geralmente sabe que horas são e de qualquer modo isso não lhe interessa. Não há cadeiras porque ele normalmente senta-se numa almofada no chão. Tudo o que existe é um caixote de madeira onde guarda o material de pintura.

As vezes Wu pinta. Pratica pintura *zen* e faz desenhos que significam mais para ele do que para outros. Pinta espaços em movimento. Algumas das suas pinturas são intrinsecamente belas e quem as vê costuma ficar impressionado. Wu não expõe os seus quadros mas não se importa que os vejam. As vezes alguém quer comprar um e Wu tem lodo o gosto em vendê-lo barato.

Faz-se um grande estrondo lá fora. No momento penso que é um *rocket* a ser lançado, meu Deus, quem é que contrataram para me apanhar, as SAS².

Mas é só um operário a esburacar a rua. Observo-o durante um bocado e parece-me inofensivo, por isso volto para dentro para me preocupar com o que fazer quando a assassina me telefonar, por que raio não há-de dar-lhe um ataque cardíaco e deixar-me em paz, será que fui eu quem começou com isto?

Talvez pudesse disfarçar a voz para parecer um médico galês ou de outro sítio qualquer e atender o telefone a fingir que estava a assistir a um caso de morte súbita, expirou calmamente há dez minutos, o seu coração já não era o que foi, já não o deixava subir todas estas escadas. Andávamos há anos a pedir ao município que lhe desse um apartamento num rés-do-chão. Ou podia ser um cangalheiro a perguntar se era da florista a encomendar mais umas coroas baratas, afinal descobrimos que ele tinha amigos, tem piada, não, a casa está cheia deles, todos a vasculhar na colecção de banda desenhada.

Lá fora o homem está a ter dificuldades em esburacar a rua. Está completamente sozinho sem sequer ter alguém das Oportunidades Jovens³ para o ajudar e quando consegue pôr as luzes de sinalização e a vedação e a pequena tenda de abrigo para se sentar começa a chover. Está exausto. Agora luta contra um martelo pneumático que não controla bem e parece em perigo constante de lhe furar um pé.

A razão por que está sozinho é porque não é de todo um funcionário do município mas um impostor. Nos últimos meses roubou meticulosamente tudo o que precisava para se instalar no seu próprio trabalho de estrada, uma luz de prevenção daqui, um blusão de trabalho dali, todas as noites de um lado para o outro à procura de mais equipamento para tornar o seu cenário realista. A peripécia final, roubar o martelo pneumático, envolveu assaltar o departamento de obras e carregar com equipamento pesado até uma carrinha do município, a carrinha já a tinha roubado ligando os fios com uma técnica que aprendeu num programa policial americano que viu de propósito para aprender truques criminosos, e conduziu-a calmamente pela noite. Passou semanas a disfarçar a carrinha para que ainda parecesse pertencer ao município, mas não pudesse ser identificada como o veículo roubado.

A razão por trás de toda esta actividade criminal é que o Professor Wing, assim se chama, descobriu, através de um estudo exaustivo de documentos da Biblioteca Britânica, que uma antiga coroa, vista pela última vez no tempo de Etelredo, o Incauto⁴, está enterrada neste exacto lugar. O Professor Wing não quer que ninguém lhe deite as mãos antes dele. Apesar de o seu físico não ser o mais próprio para fazer buracos em estradas, está preparado para sofrer pela causa da ciência.

O seu conhecimento profundo da natureza humana diz-lhe que uma vez que comece os trabalhos ninguém o irá incomodar, e não interessa quão incompetente ele pareça.

Uma histeria colectiva toma conta do país.

Ninguém que tenha estado doente nos últimos cinco anos se atreve a beber leite com medo de uma recaída. Há histórias nos jornais de casos terminais que deixam alegremente os hospitais para começar uma nova vida saudável sem leite. Pais juntam-se à porta das leitarias para queimar pacotes vazios com cartazes que dizem PAREM DE ENVENENARAS NOSSAS CRIANÇAS.

Cada vez me entrevistam mais.

A Direcção Promotora de Lactícínios regista em Maio as piores vendas de sempre.

¹ Colchão japonês (N. da T.)

² SAS – Special Air Service – Força policial militarizada da Grã-Bretanha que trabalha em missões difíceis (N. da T.).

³ No original “Youth Opportunities Person” – Programa da Segurança Social britânica que insere os jovens no mundo do trabalho (N. da T.).

⁴ Nome de um antigo rei de Wessex, morto em 860 (N. da T.)

Começa a entrar dinheiro e passo o dia em lojas de BD e em convenções, armazeno valiosas revistas aos quadrinhos ou ando por lojucas de *reggae* nada perturbado por gastar dinheiro a mais a comprar montes de discos. Quando chego a casa ouço os discos enquanto catalogo as minhas BD, saindo apenas para ir a reuniões ou gravar entrevistas.

Um editor contacta-me para saber se quero dar o meu nome a um livro já escrito sobre comida saudável com a hipótese de ser também autor de uma nova série de fascículos, o segundo fascículo grátis na compra do primeiro, *O Guia para uma Alimentação Saudável de Alby Starvation*. Não me soa lá muito bem. Afinal por que é que as pessoas compram estas séries de fascículos? Será que compram mais do que meia dúzia de números, será que alguém quer um quarto cheio de lustrosos ensinamentos sobre bordados.

Um jornal pergunta-me se quero enviar uma mensagem sobre nutrição aos nossos rapazes a cumprir serviço militar nas mais remotas partes do mundo.

Para me esquecer dos problemas começo a programar um som assassino na minha caixa de ritmos. Tenho a batida na cabeça e tomo nota dela na parte de trás de um envelope de uma conta de gás antiga, depois programo-a. A caixa está ligada às colunas no meu quarto. Rodo o botão para tocar e quando começa está mesmo bem, exactamente como eu queria. Ponho alto e ecoa por todo o apartamento. Danço contente o meu novo ritmo quando toca o telefone e o atendo sem pensar.

Uma voz de mulher que não reconheço pergunta pelo meu nome e eu sei que é a assassina, mas não desligo porque me ocorreu que a única forma de me safar desta ameaça é aniquilá-la de uma vez por todas.

Ela apresenta-se como Pamela Patterson e diz ter algumas revistas de banda desenhada valiosas de que se quer ver livre e que em Brixton alguém lhe disse que eu talvez estivesse interessado.

Respondo o mais naturalmente que posso, voz na voz com alguém que me quer varrer da face da Terra, e digo-lhe que sim que posso estar interessado, diz-me então que tal se eu fosse ter consigo, onde é que vive?

"Beni, neste momento não seria conveniente" digo-lhe, sentando-me à medida que os joelhos cedem "Por que é que não nos encontramos noutro sítio?"

"Que tal amanhã?", pergunta.

"Que tal para a semana?", grito mais alto que a caixa de ritmos.

Ela diz que não, que gostaria mesmo de me encontrar mais cedo.

Pensando depressa como um relâmpago apercebo-me de que, se a tentar empatar de mais, apanha-me no apartamento e mata-me aqui.

"Segunda-feira", sugiro. Ela concorda. Tenho dois dias para elaborar um plano.

Pelo menos hoje à noite não tenho de me preocupar. Encosto a cabeça à coluna.

Enquanto Withers anda a pesquisar o obscuro passado da sua vítima, Crosby, o cabecilha do departamento dos golpes sujos, é chamado a uma reunião de Administração. Os números de Maio chegaram e todos sentem grande tristeza intercalada por espasmos de raiva e medo.

As vendas caíram e a campanha "LEITE: É DE HOMEM" está arruinada.

"Não temos tempo" dizem a Crosby "para fazer uma difícil campanha de desinformação. Livre-se dele."

"E p'ra já" diz Crosby.

Fui massacrado até à exaustão com a caixa de ritmos e estou a recuperar com a rádio.

Ouçó um anúncio sobre o castelo de Leeds em Sussex (Leeds é em Sussex? A minha geografia inglesa não é grande coisa, mas acho mesmo que não é.), além de ser o mais belo castelo do mundo, este monumento possui o único museu de coleiras de cão do mundo.

E uma notícia espantosa. Um museu de coleiras de cão. Quantas variedades de coleiras existem? E na casa das centenas? Estará o lugar repleto de coleiras com valor histórico, esta foi usada pelo *poodle* do czar em 1917 e foi contrabandeada da União Soviética por um leal general da Rússia Branca, esta foi usada por Bessie, o primeiro cão a entrar em órbita à volta da Terra, esta foi encontrada nas ruínas de Pompeia, esta era usada por um dos Sex Pistols?

Tomo mentalmente nota para poder contar isto a toda a gente, e se alguma coleira interessante me chegar às mãos envio-a de imediato.

Demoro horas a preparar-me para sair. Ninguém diria que estava muito diferente do que quando comecei mas para mim todos os pequenos detalhes são vitais. Estou a olhar para o espelho há uma hora, no mínimo, deprimido com o meu aspecto. Como é que fiquei tão velho? E possível voltar atrás? Será que as rugas alguma vez vão ser moda? Por que é

que não sou mais bonito? As ruas estão cheias de gente bonita com caras jovens e boa pele. Por que é que eu pareço um mutante das radiações?

No fundo estou convencido que sou bem giro mas que as pessoas conspiram contra mim para o esconder. Cabrões. Deixem-me em paz. Tiro para fora todo o conteúdo do meu guarda-roupa, quer dizer, armário, e experimento tudo com tudo. Na rádio ouço que os noruegueses andam à procura de um submarino soviético suspeito ao largo da sua costa. Hoje em dia isto está sempre a acontecer, embora não tenha a menor ideia da razão por que é assim.

Depois volto ao início e tento combinar tudo com tudo e começo a ficar chateado porque nada me fica bem e por que caralho não tenho roupas decentes e mesmo que as tivesse provavelmente não ficaria com muito melhor aspecto e provavelmente não me vão deixar entrar no concerto hoje à noite mesmo sendo aquele sítio um completo antro cheio de ratos e copos de cerveja por todo o lado.

Sento-me e cheiro um bocado de *speed* para me dar coragem.

Finalmente encontro uns trapos um bocado destruídos que me ficam mais ao menos bem, vêm de uma das minhas lojas de tralha preferidas e parecem sobras de alguma antiga família vitoriana. Enfim vestido como deve ser corro desesperado todas as divisões da casa à procura do que preciso de meter nos bolsos para poder sair. Não consigo encontrar as chaves e já cheguei ao ponto em que ando a levantar os móveis para procurar por baixo quando por acidente dou com elas atrás de uma daquelas coisas plásticas para regar as plantas e parece-me que estou pronto.

"Adeus, Feliz", digo ao *hamster*, "Diverte-te se decidires sair."

Verifico se há assassinos nas sombras. Não os encontro e então despacho-me rua abaixo. O vento despenteia-me. Rogo-lhe pragas.

O vento não me deixa em paz, começo a achar que tem qualquer coisa contra mim.

O Professor Wing acabou por hoje. Está contente por ter começado, mas 11111 bocado preocupado no caso de ter errado os cálculos. Nem que estejam ligeiramente errados é uma confusão. Romper com a estrada em Brixton não é como furar no deserto, onde se podem fazer outras tentativas uns metros ao lado se a primeira estiver errada, ainda p'ra mais quando somos só nós e um martelo pneumático roubado, não é possível.

Passa a noite a examinar manuscritos que tirou ilegalmente da Biblioteca Britânica. Vai devolvê-los quando deixar de precisar deles. Depois de encontrar a coroa todos os podem voltar a utilizar, mas agora acha que a prioridade é sua.

A coroa era famosa no tempo de Etelredo. Era conhecida por ter poderes mágicos e foi roubada por um feiticeiro do mal que a queria usar nas permanentes guerras contra um benfeitor de um condado vizinho.

O Big Value agora está calmo. O único na loja, sozinho na semi-escuridão do seu escritório, é o gerente. A tristeza escorre do tecto e viaja através da sua cabeça ao longo da espinha até aos seus elegantes sapatos.

Está deprimido com os números das vendas e também com os artigos roubados, mercadorias desviadas, tanto quanto lhe parece, pelo seu pessoal em conluio com os larápios que andam à vontade pelos corredores da loja.

Imagina um local de encontro combinado em Brixton, os seguranças e as operadoras de caixa juntos com os vastos esquadrões de gatunos a dividir os resultados do dia.

Está particularmente deprimido porque os fracos resultados significam que nunca terá o bónus com que contava, o que quer dizer que não poderá comprar a Piscina Chalé de Troncos de estilo sueco. Lê o anúncio.

"Quem lhe disse que não pode comprar saúde e felicidade? Com uma Piscina Chalé de Troncos, pode gozar as maravilhas do relaxamento, esquecer as dores musculares, comemorar o retorno da sua saúde - e divertir-se com esta pechincha. "Abandone-se no esplendor da lama hidroterapêutica e relaxe no bem-estar dos poderosos jactos de água quente, ou, sem ter de percorrer grandes distâncias, pratique a sua natação no local com o módulo opcional *Swimjet*.

Com uma piscina, de cinco metros e meio de comprimento, não necessitará de nenhum *bulldozer* para a colocação do chalé no seu jardim, pode ser feita por medida e com o formato que desejar. Os extras opcionais incluem sauna, solário, bar, chuveiro e casa-de-banho.

A instalação completa pode custar apenas "15000£, em geral sem necessidade de licença para construir. Para mais informações e cópia da nossa brochura ilustrada, preencha o cupão e envie para Pinelog Products Ltd."

Há já algum tempo que o gerente deseja estar mais em forma mas nunca parece ter tempo para se exercitar ou para cortar nos cigarros e na bebida. Ficar em forma mergulhado numa piscina de cinco metros e meio parece-lhe uma ideia mais prática.

Cheng e Wu e outros dirigem-se para o salão de jogos Golden Glitter para a guerra desta noite. O dono do salão de jogos fica todo contente quando eles chegam porque com eles vem o negócio, quer para as máquinas quer para os rapazes que chula.

Os rapazes de aluguer são prostitutas jovens que andam pelos salões de jogos. O dono do salão fica com uma grande percentagem dos seus ganhos. Tal como ao dono, os rapazes muitas vezes têm de pagar à polícia para evitar serem presos. Depois da habitual extorsão a polícia também recebe uma percentagem nos lucros que os rapazes pagam ao dono. Isto não lhes deixa muito mas não têm para onde ir e nenhuma outra forma de ganhar dinheiro. A maioria deles fugiu de casa na Escócia ou no Norte de Inglaterra. Têm medo do dono e medo de serem mandados para casa. O dono é um vigarista com sócios vigaristas. A última vez que um rapaz fugiu a polícia prendeu-o por prostituição e deteve-o durante uns dias para lhe ensinar a lição. Depois devolveram-no ao salão de jogos.

Cheng e Wu têm a noção de que os salões não são um sítio por aí além mas não fazem ideia da potencial escravatura dos rapazes.

Quando as pessoas que estão a jogar o *Kill Another One* vêem Cheng e Wu chegar deixam imediatamente de jogar, mesmo que tenham acabado de meter a moeda na máquina. Por um lado por respeito e por outro porque seria uma vergonha para qualquer um deles jogar o *Kill Another One* em frente a Wu ou a Cheng.

As pessoas gritam frases de encorajamento ao jogador que apoiam e amontoam-se à volta das máquinas. Os concorrentes cumprimentam-se. Cheng é manifestamente falso e mesmo Wu tem dificuldade em cumprimentar com entusiasmo alguém que tão obviamente o odeia.

Eles costumavam ser amigos.

Contratar um assassino não foi problema para Withers.

O seu departamento tinha um contrato com uma agência que se ocupava dessas coisas e, apesar de até agora ainda não terem morto ninguém, já fizeram tanto mal a algumas pessoas que estas se suicidaram. Crosby e Withers fizeram pessoalmente mal a centenas de pessoas durante as suas carreiras.

A agência aceita o contrato e contacta um dos seus pistoleiros, um homem chamado Alton. Pagam-lhe um adiantamento e ele parte em missão.

Mas no seu caminho para Brixton uma mulher de meia-idade dá-lhe um panfleto. O panfleto pergunta "Jesus está na sua vida?" e antes de o conseguir deitar fora tem um *flash*. Uma voz toda-poderosa parece falar com ele.

Olha para o panfleto. Diz assim:

"Sabia que há dois mil anos nasceu em Jerusalém um homem chamado Jesus Cristo?

Nunca teve um cargo.

Nunca foi à escola.

Nunca tirou um curso.

Nasceu humilde carpinteiro.

Nunca viajou mais do que cinquenta milhas à volta do sítio em que nasceu.

Nunca saiu do país.

Foi crucificado com criminosos.

No entanto, hoje em dia esse homem, o filho de Deus, é a figura histórica mais importante do mundo. Conhece-o?

Para mais informações, contacte o Movimento Mundial do Cristianismo, a/c Movimento Mundial para a Liberdade."

O poder inerente às palavras deste panfleto tem um profundo efeito em Alton que se converte imediatamente. Profundamente arrependido dos seus crimes passados dispara para casa da vítima para o avisar do perigo que corre. Depois apressa-se de volta a Brixton para ajudar a entregar panfletos.

No auge da minha fama e popularidade sou visitado por este louco que fica a pregar e a profetizar à porta da minha casa mais ou menos dez minutos até chegar à questão.

"Conhece Jesus?", atira-me.

"Bem, pessoalmente não."

Olha-me esgazeado. "Talvez já não tenha muito tempo."

"Que que quês dizer?"

Divaga um pouco mais sobre o Livro das Revelações e abortos e várias outras coisas e fico finalmente com a ideia de que me quer avisar pessoalmente e não ao mundo em geral.

Diz-me que há um contrato pela minha vida. Eu presumo que isto é uma tentativa da igreja de dizer aos deprimidos que o demónio anda atrás da minha alma ou algo que se pareça e estou a ponto de fechar a porta, para começar nunca a devia ler aberto, as únicas pessoas que me procuram ou vêm ler os contadores ou são malucos.

Mas, quando estou a fechar a porta, ouço "Direcção Promotora de Lacticínios."

Fico pensativo por uns instantes. Olho para o panfleto que ele me obrigou a aceitar. Não sabia que Jesus tinha nascido em Jerusalém.

Lá fora uma voz canta "*Jesu joy of mcin 's desiring.*" pergunto-me quem será o *Jesu*, mas não abro outra vez a porta para perguntar.

O chinês, patrão de Cheng, anda por um clube nocturno caro sem se divertir muito. O sítio está cheio de homens de meia-idade de fato e de jovens de fato que também parecem de meia-idade e na maioria estão ligeiramente tocados e a fazer cada vez mais barulho à medida que a noite avança e dançam de um modo que envergonharia profundamente qualquer um excepto bêbados com dinheiro.

Entre eles há raparigas. Algumas são ricas e vão ao clube porque só se sentem bem a conviver com os do seu meio, mas muitas estão longe de ser ricas e é obvio que estas mulheres só aqui estão e só falam com os homens porque eles têm montes de dinheiro. Os homens não se parecem importar, sentem-se bem por serem alvo de atenção das raparigas, não é que elas sejam prostitutas, apesar de tudo, isso não os faria sentir tão bem.

O chinês tem uma cota do clube e por isso tem de aparecer pessoalmente de vez em quando. Um homem que é lorde dá-lhe uma palmada nas costas quando passa. Cheng olha-o e sorri e pensa que caso mais perdido é este tipo.

"Está-se a divertir, Lord Wainwright?"

"Deveras", desequilibra-se Lord Wainwright.

Já ninguém na Grã-Bretanha diz "deveras".

Então apareceu-me este louco à porta a cantar sobre *Jesus* e a dizer-me que a Direcção Promotora de Lacticínios fez um contrato pela minha vida.

E ridículo, quer dizer, supõe-se que seja uma instituição responsável. São financiados pelo Estado, são os meus impostos que lhes mantêm o negócio. Bem, poderiam ser se eu tivesse emprego. Serão financiados pelo Estado? Agora que penso nisso não tenho a certeza. Mas de qualquer forma não se podem pôr para aí a matar as pessoas de quem não gostam.

Isto é uma pista nova para a misteriosa morte no Verão passado daquele célebre sujeito que fazia tanto sucesso na televisão com os anúncios de cerveja.

De repente fico histérico de preocupação e começo a evitar as janelas do apartamento, já os vi na televisão a focar as miras telescópicas das torres vizinhas, filhos da puta, a enroscar todo aquele complicado equipamento das espingardas de *snipers* de mãos cobertas com luvas de couro negro, estes assassinos têm ar de ricos, nunca envelhecem antes do tempo como nós os que sofremos, é um dos trabalhos mais fáceis que se pode arranjar, é só acertar em cheio na pessoa que querem durante umas férias de iate ou nalguma estância cara.

Uma das consolações de ser pobre é a imensa falta de gosto exibida pelos que têm dinheiro, os seus corpos flácidos escondidos por baixo de roupas caras passeando por sítios fantasticamente caros como um monte de manequins de alfaiate.

Alguém me vai matar.

Em casa o Professor Wing está sentado a uma enorme mesa sobre a qual estão mapas, livros e manuscritos. Entre os documentos estão os seus próprios papéis. Canetas e lápis caem de vez em quando ao chão.

Por baixo da mesa estão ferramentas que não têm lugar definido na casa do professor.

Pela centésima vez verifica os cálculos. Tem consciência de que já é tarde para descobrir que estão errados agora que começou a furar o pavimento, mas por outro lado é demasiado sensato para continuar se encontrar algum erro.

Descobriu o primeiro indício da existência da coroa num manuscrito da Biblioteca Britânica. O manuscrito não dava nenhuma pista sobre o sítio onde ela se poderia encontrar, e a hipótese não lhe apareceu até que achou uma velha folha de pergaminho dentro de um anuário *Beano* de 1959 que comprou para um colega que os colecionava.

Ele sabia que o colega tinha a colecção completa dos anuários *Beano* excepto o de 1948 e o de 1959 e quando encontrou um deles num alfarrabista, que vasculhava com cuidado e sem nenhuma razão em particular, comprou-o imediatamente, contente por lhe fazer um favor.

Quando levou o anuário para casa naturalmente quis lê-lo antes de o entregar. Dentro descobre o antigo pedaço de pergaminho. Estava escrito numa linguagem obscura mas rapidamente o Professor percebeu que tinha alguma coisa a ver com a coroa sobre a qual ultimamente andava a ler. Treme de excitação e nem pensa na incongruência de encontrar um documento assim num anuário *Beano*.

O documento tem centenas e centenas de anos mas foi mantido durante a maior parte do tempo na gaveta de baixo de um armário construído em 800. O armário foi soterrado quando o castelo em que se encontrava foi destruído por um dos raros tremores de terra na Grã-Bretanha.

Assim protegido é desenterrado muitos anos mais tarde por uma empresa que escavava para abrir uma rede de esgotos. Apesar de terem chamado especialistas quando começaram a encontrar peças antigas de mobiliário e pedaços do castelo, o pergaminho voa por acidente sem que ninguém repare.

Aterra junto a um operário que acidentalmente o apanha do chão junto com o papel em que estava embrulhada a sua *Sandwich* e o leva para casa na lancheira.

Mais tarde descobre o pergaminho e confundindo-o com uma carta da amante depressa o esconde debaixo do sofá onde é encontrado por uma das crianças que depois de fazer com ele um avião e andar a atirá-lo pela casa o passa a usar como marcador de livro.

E é por isso que acaba dentro de um anuário *Beano*.

Toda esta conversa de assassinos preocupa-me um bocado na altura, embora quando penso nisso racionalmente os meus medos diminuem ligeiramente, quer dizer, certamente que a Direção Promotora de Lacticínios não vai contratar ninguém para me matar, como é que iriam justificar a despesa nos impostos?

Talvez não tivessem de a justificar. Pode ser uma prática de negócios legítima com os Conservadores. Se calhar até oferecem incentivos.

E aquele homem foi bastante convincente, e o seu bolso estava cheio com o que poderia ser uma arma. No entanto estes fanáticos religiosos são notoriamente malucos e provavelmente o homem inventou aquela história toda para me vender um livro ou assim.

Estou a tentar fazer umas flexões. E muito duro, os braços doem-me e fraquejam, como é que as pessoas conseguem levantar aqueles pesos enormes? Talvez nas transmissões televisivas de levantamento de pesos os falsifiquem cuidadosamente para conseguir que o resto da população em geral se sinta inferiorizada. Todos os dias vejo uns desgraçados de calções a trotar à volta da minha casa com sapatilhas caras e fico doido porque não conseguiria correr mais do que dez metros numa emergência e odeio ver as pessoas fazer aquilo que não consigo. Vou planeando à vez ficar em forma ou passar umas rasteiras aos corredores.

Estou a pensar onde pode estar o meu relógio, quando me batem à porta. Detesto que isto me aconteça inesperadamente, quando é que isso me trouxe algo de bom? Talvez pudessem considerar a hipótese de me deixar sossegado durante um bocado.

Resmungo e abro a porta a um homem baixo que é à primeira vista e obviamente um maníaco fugido de um estabelecimento psiquiátrico. Mostra-me um cartão que diz "John Primrose".

"Sou da Direção Promotora de Lacticínios" diz ele.

Quase desmaio e espero pelo impacto de uma bala.

"Eles matavam-me se soubessem que aqui vim", continua, "mas queria ajudá-lo porque a sua campanha curou o meu filho. Toda a vida esteve doente e foi visto por médicos de seis países diferentes. Agora deixou de beber leite e mais umas coisas e é a pessoa mais saudável da rua" - interrompo o testemunho para lhe perguntar por que veio.

"Vão contratar um novo assassino", diz, "uma mulher, treinada pela polícia secreta brasileira. Açam que esta não vai ser tão facilmente despistada como o anterior. Obrigado por ter salvado o meu filho." Sai a correr.

Foi aí que me decidi a mudar de casa.

Os mergulhadores estão a fazer um *sit-in* no fundo do Mar do Norte por causa dos salários e das condições de trabalho.

Esta é na verdade uma forma impressionante de reivindicar, penso eu, será que não morrem por andarem ali pelo fundo do mar? Só ir lá para baixo já me parece muito corajoso, será que vale a pena lá ficar por alguma razão? Imagino o mar cheio de tubarões e lulas e algas venenosas já para não mencionar os submarinos hostis e piratas de alto mar com arpões e de qualquer maneira não é sítio que tenha grande vontade de visitar.

O gerente do Big Value finalmente vai para casa. A mulher está preocupada porque ele não se deu ao trabalho de telefonar a dizer onde estava ou que ia chegar mais tarde. Agora está arrependido porque gosta da mulher. Mas está sempre tão preocupado com problemas de trabalho que nunca parece lembrar-se de ser simpático ou atencioso, o que a entristece porque ela também gosta dele.

"Estes cabrões andam a roubar-me os olhos da cara", diz em resposta à saudação da mulher.

Ela pensa no que podem comer. A refeição que tinha preparado para a noite está queimada no forno.

Ela não lho diz com medo de o perturbar ainda mais.

"Gostava que o filho da puta do Wilkins morresse." Wilkins é o gestor daquela área e ambos o consideram responsável por ele não ser promovido para um *Big Value* melhor.

A mulher do gerente gostaria de ter um novo gato para lhe fazer companhia durante o dia porque tem uma vida solitária e o seu único contacto com o mundo é quando vai às compras e mesmo aí só para coisas pequenas porque o marido traz da loja para casa a maioria da comida de que precisam. Mas ela não pode falar no gato por causa do que aconteceu ao último e o problema que arranjou ao marido.

O marido tem-se perguntado se o gato realmente teria cancro na garganta ou se o veterinário não andaria feito com o Wilkins e não lhe teria dado um falso diagnóstico para o desacreditar. O veterinário era um tipo manhoso e provavelmente tratava animais porque a Ordem dos Médicos não o deixava chegar perto dos humanos. Não ficava nada admirado se o Wilkins o tivesse subornado.

Antes de ir para o maldito sítio onde se iria realizar o concerto, uma sala por baixo do arco da linha férrea com meia dúzia de metros quadrados na qual as pessoas esmagam os seus magros corpos desempregados às sextas e sábados à noite para ouvir tantas bandas *trash* quantas existem, encontrei o meu amigo Jock.

Jock vive com o seu amigo Sanny muito perto de mim, e são ambos de Glasgow.

Jock coxeia, sei por que é que coxeia, porque rebentou com a perna, há uns meses, aos pontapés a uma montra com uma depressão alcoólica. A polícia chegou e seguiu o trilho de sangue até à esquina o que naturalmente a levou até ao Jock, de pé numa cabine telefónica com um grande buraco na perna a chamar uma ambulância.

Começam a interrogá-lo embora não haja muito para dizer sobre o crime. Quando a ambulância chega não o deixam ir logo embora e continuam a fazer-lhe perguntas. Jock vinga-se deixando o carro da polícia cheio de sangue. Finalmente deixam que a ambulância o transporte ao hospital onde um médico lhe cose a perna com o cuidado e a atenção com que coseria um velho saco do correio. Enquanto o médico despreocupadamente lhe sutura a perna a polícia continua a interrogá-lo. Apesar do choque e da perda de sangue não lhe dão nenhum remédio, plasma ou qualquer tipo de tratamento. Durante os dias seguintes a ferida continua a sangrar e nunca chega a recuperar a sensibilidade por completo.

De volta à esquadra Jock é novamente interrogado. Quando se levanta para ir à casa-de-banho fica tonto e cai. O médico da esquadra chega e diz aos polícias que ele não pode ficar na cela durante a noite, como tencionavam, tem de ir para casa.

Três dias antes disto ter acontecido, Sanny, que vive com Jock, tinha sido apunhalado por um terceiro que dividia o apartamento com eles. Sanny estava em desvantagem porque na altura se encontrava na cama. A faca entrou-lhe pelo lado esquerdo a apanhou-lhe um pulmão. E tratado no hospital mas não conta quem o apunhalou e Jock finge que foi atacado na rua por um estranho. Durante algum tempo Sanny não se pode dobrar e Jock não se consegue esticar, portanto têm de andar juntos pelo apartamento para pegar nas coisas das estantes e dos armários.

Frente às máquinas Wu está calmo e Cheng frenético de excitação.

Cheng está a ganhar.

Jogam em máquinas diferentes. Podiam partilhar uma mas isso obrigaria a uma constante troca de posições o que seria uma perda de tempo. Cheng acumula pontos e Wu não o consegue acompanhar.

Wu mergulha cada vez mais no seu estado de meditação, procurando fundir-se com a máquina à sua frente, mas até ao momento não consegue igualar a refinada técnica demonstrada por Cheng.

Cheng praticou até à perfeição o *Kill Another One* e é certamente nesta altura o melhor jogador do mundo. Inexoravelmente afasta-se cada vez mais de Wu. Os espectadores, normalmente espantados com a perícia de ambos os jogadores, estão completamente abismados pela forma como Cheng está a jogar e espontaneamente aplaudem-no a cada novo triunfo.

Jogam dez minutos de cada vez, cada período de dez minutos conta como um jogo, no início da sessão combinam o número de jogos que vão fazer.

Cheng, em ligeira desvantagem no campeonato, esta noite ganha seis a zero. A palavra passa e cada vez mais espectadores chegam ao salão de jogos.

Wu não está preocupado por estar a perder mas começa a ter sérias dúvidas de natureza espiritual, pensa que talvez não ande a meditar o suficiente. Tenta pôr esses pensamentos de lado mas percebe que perdeu a concentração e não consegue esvaziar a mente. E massacrado no jogo seguinte.

O local do concerto é escuro e sórdido e bem divertido. Encontro Julie entre o público e Fran durante um bocado antes de se ir preparar. A sua banda é a primeira porque é ainda mais obscura do que a outra, desconhecida, que é topo de cartaz.

Mal entro olho à volta à procura de arruaceiros que me possam molestar. Parece relativamente seguro. Estou quase a ser morto por um profissional, por isso não vejo por que hei-de ser esfaqueado por um amador.

A banda de Fran é de *trash* e parece que só escreveram as músicas ontem. Ninguém dança, bem, neste tipo de coisas ninguém o faz, mas por outro lado também ninguém as insulta o que leva a crer que o concerto está a correr bastante bem. Não há pancadaria, pelo menos enquanto a banda de Fran está a tocar.

Toda a gente compra as bebidas que se vendem ilegalmente num canto. A banda começa outra música. É *trash, trash, trash*. Esquecem-se de um bocado a meio.

"Esta é a versão *dub*", diz Fran do palco. "Vamos agora tocá-la a sério".

Vão-se arrastando pelo palco e passado um bocado acabam e arrastam-se para fora do palco e voltam quase imediatamente para um *encore* e embora ninguém o tenha pedido, ninguém se importa muito.

A música acaba e passado pouco tempo Fran volta para junto da Julie e de mim. Há uma tentativa de passar música entre as bandas mas o som parece que tosse e é um falhanço antes de, de repente, ser amplificado num ruído monstruoso que faz com que todos deitem as mãos aos ouvidos para se protegerem. Uns segundos depois ouve-se um suspiro eléctrico e a música pára. Ninguém se importa.

June a atiradora está a ouvir rádio, chateada. Está muitas vezes chateada porque não há muitas coisas que goste de lazer e quase ninguém com quem goste de as fazer.

Quando já não consegue encontrar um programa que possa tolerar desliga o rádio e veste o casaco. Atira algum dinheiro para um bolso e sai de casa sem pensar para onde vai.

Vive em Chelsea, que é caro, mas pode pagar e gosta muito da calma da sua pequena rua. Lá fora está frio, então quando chega à rua principal procura um autocarro e mete-se no primeiro que aparece, é uma coisa que costuma fazer quando a vida é especialmente entediante. Não sabe para onde o autocarro vai, mas paga o preço máximo e senta-se um bocado lá em cima à frente.

Passado um bocado reconhece o sítio onde está. O autocarro levou-a até Brixton. Resolve ficar para ver que sítio se segue mas as luzes acendem e apagam dentro do autocarro e o condutor grita para que todos saiam. O autocarro só vai até ali.

Ela não quer sair naquele sítio porque sabe que é onde vivia o activista antileite que ela vai matar, e o seu instinto diz-lhe que ele não se deve ter mudado para longe. Não lhe parece a conduta profissional mais indicada andar a passear na zona onde pode dar de caras com o seu alvo, mas June está um bocado farta de tudo e não acha que isto vá fazer grande diferença. Pode passear por aqui um bocado, estas ruas são tão boas como outras quaisquer quando não se tem nada para fazer.

Então passeia e olha para o cinema Ritzy e para o mercado vazio e fechado. Passado algum tempo ouve música e apesar de a noite estar cada vez mais fria não lhe apetece ir para casa e ficar sozinha, segue-a até à fonte e entra. June não gosta de estar sozinha, mas o que é que se pode fazer quando o mundo inteiro é feito de completos idiotas?

Paga à porta e entra no concerto. Os vidros esmagam-se debaixo dos seus pés. No palco está uma banda de quatro mulheres que parecem tocar os instrumentos bastante à balda.

Dirige-se a um sítio e encosta-se à parede para olhar em volta.

No salão o jogo chegou ao fim. Cheng derrotou Wu de forma incontestável. A sua vitória foi a mais conclusiva de que alguém se lembra e os seus apoiantes rodeiam-no e, felizes, dão-lhe os parabéns.

Wu está admirado por ter sido tão derrotado e, apesar do barulho da claqué do adversário, não fica deprimido, tem mau efeito nos seus admiradores. Estão muito perturbados. Muitas pessoas solitárias que passam o tempo a vaguear no Soho são seus amigos, retirando conforto da sua aura de calma. Sentem a derrota mais do que Wu que tem pena deles. Ele sabe que é idiotice estarem tão envolvidos no que é só um jogo sem importância, mas também sabe que o seu envolvimento é parte da admiração que têm por ele. Por razões que não compreende muito bem estas pessoas que o apoiam parecem precisar do seu sucesso, e para pena sua não sabe o que lhes dizer para as consolar.

Enquanto os outros se dirigem para outras casas de jogos ou para arranjar clientes Wu vai para casa. Cheng grita um até à vista. Parece maldoso e é. Esta rivalidade afectou-lhe a mente a um ponto que nunca poderá voltar a ser amigo de Wu mesmo que ganhe todos os jogos a partir de agora.

"Amanhã à mesma hora, Wu?"

Wu volta-se, sorri e diz que sim com a cabeça. Depois vai para casa.

Estou no concerto a falar com Fran e Julie que depois me deixam para ir falar com outro qualquer.

Olho à minha volta sem procurar nada em especial e sinto-me um bocado estúpido por estar no meio da sala sozinho. Bem, o sítio está atafalhado de gente e ninguém poderia dizer que estou sozinho, mas de qualquer maneira parece assim, então tento chegar à parede onde me posso encostar confortavelmente e em segurança, estar sozinho nunca parece tão mal quando há uma parede para nos encostarmos. Encontro espaço em frente ao bar, se é que dois caixotes um ao lado do outro podem ser considerados um bar, e estico o pescoço para discretamente examinar o meu reflexo no vidro. Está bastante escuro o que no meu caso ajuda mas só um bocado e acho que estou de facto com um aspecto horrível, o peso de ser um homem procurado depois de todas as doenças que tive deformou por completo a minha aparência. Mesmo que por algum tempo tenha ficado mais saudável a doença do leite deixou-me a pele com uma cor desagradável e o sofrimento por que tenho passado arruinou completamente o meu ar jovem. Não foi o envelhecimento, foi a doença.

Enquanto me continuo a esticar para me examinar entorno a bebida em cima da pessoa que está ao meu lado.

June está a sentir-se razoavelmente bem no concerto. Nunca na vida tinha estado num sítio assim. Sendo mulher e estando sozinha tem de se defender dos olhares insistentes e de abordagens ocasionais e faz isso concentrando-se nos corpos dos dois homens que matou nos Estados Unidos e projectando essa imagem sobre quem quer que a olhe com alguma esperança. Parece funcionar. E numa emergência poderia espancar quem quer que a chateasse, por isso não está muito preocupada.

Está alguém ao lado dela junto à parede mas que não a chateia, provavelmente porque está demasiado preocupado com a sua própria imagem para reparar nela. Mas sem outra razão que não a estupidez ele, de repente, entorna-lhe a bebida em cima.

June fica chateada por ter cerveja despejada em cima da perna.

"Cretino", diz, "por que é que fizeste isto?"

Ele parece pateticamente arrependido, na realidade encolhe-se com medo dela e a sua cor de pele esquisita empalidece e ele pede imensa desculpa e oferece-se para lhe pagar outra bebida antes de se lembrar que foi a dele que entornou.

"Um idiota", pensa ela.

O chinês vai para a cama chateado e pensa no seu negócio e em como vai bem e que preocupações lhe trazem os rivais e em coisas assim. Amanhã vai entrar em contacto com um conhecido que tem uma agência de detectives e vai contratá-lo para que descubra Alby Starvation.

A sua mente deixa os problemas profissionais e concentra-se nos pessoais. Tanto quanto se pode aperceber a sua vida pessoal não existe. De alguma maneira o seu trabalho não o ajuda a encontrar o tipo de rapariga que gostaria de conhecer e isto ultimamente tem-no incomodado. Gostava de assentar, com uma jovem de boas famílias, de constituir a sua própria família. Ele considera que o tipo de trabalho que tem poderia ser um impedimento para os pais dela mas também acha que podia dar a volta a isso de alguma forma.

No clube que em parte lhe pertence conhece raparigas de famílias influentes mas não quer casar com alguém que frequente clubes nocturnos.

Pensa na hipótese de pôr um anúncio numa revista mas isso é extremamente problemático e uma violação à sua auto-estima. Todas as semanas inspeciona os corações solitários nas colunas de várias publicações para ver se a mulher dos seus sonhos lá está impressa, mas nunca está. De qualquer modo não sabe se queria conhecer alguém que põe o seu próprio anúncio numa revista. E acha que o tipo de mulher que queria conhecer também não seria pessoa para responder a um anúncio.

Então abandona a ideia por enquanto e considera a hipótese de diversificar os seus interesses para alargar o seu círculo social. A actividade de *dealer* em larga escala parece ser uma barreira e seria necessário mentir sobre o meio de que provém. O problema dá-lhe voltas à cabeça e não lhe ocorre solução e adormece infeliz.

Para Fran e Julie a missão de hoje à noite terminou, começam a tratar de se enfrascar. Já estão a *speedar* a um ponto considerável, oferta de Alby, gastam todo o dinheiro em bebidas no bar enquanto chateiam os conhecidos para dar urnas passas nos charros. Quando a outra banda entra em palco já estão completamente rotas. Olhos esgazeados e um discurso impossível de seguir, a não ser que se esteja num estado semelhante e nesse caso faz todo o sentido.

Todo este processo as deixa sem um tostão, mas para que serve o dinheiro senão para nos divertirmos, e de qualquer maneira não se importam porque qualquer que seja o estado em que fiquem na manhã seguinte, hão-de continuar a viver e a divertir-se.

Fran põe a hipótese de ir insultar a banda que está agora a tocar mas decide que não e em vez disso segue Julie até ao bar. O bar só serve latas de cerveja além do chá que ferve num tacho gigante num velho fogão, não faz sentido algum no meio de um concerto mas pelo menos é uma coisa que se pode comprar e que não é ilegal.

A pessoa em quem entornei a bebida é um monstro horrível que me grita, parece que pode até ser violenta e eu preparo-me para lhe pedir que pare. Se pudesse fugia, mas de repente estou cercado de pessoas e não consigo sair. As minhas desculpas confundem-se com o barulho, sinto-me um completo idiota, por que é que havia de ter entornado a bebida e de qualquer maneira por que é que ela está a levar isto tão a peito? Ou serei eu que estou a levar isto a sério de mais? Sei que toda a gente está a olhar para mim e a rir-se, quem é aquele incompetente que anda a atirar copos por aí, não admira que esteja sozinho, quer dizer quem é que queria ser visto com alguém com aquele aspecto?

"Estou doente, a culpa não é minha", digo num tom apaziguador embora tenha de gritar, o que estraga todo o efeito. Ela continua aborrecida e transmite vibrações ferozes. Começo a imaginar pessoas mortas à volta dela e por isso ofereço-lhe um bocado de *speed* de borla para lhe demonstrar que sou um tipo simpático.

Ela não sabe o que é *speed* mas parece menos chateada, então digo-lhe que é uma droga e ela pergunta-me quais são os efeitos, eu explico-lhe mas não me saio muito bem. Volto a olhar para o meu reflexo e gemo por dentro. Digo-lhe como é difícil explicar como é que se sentem as coisas a outra pessoa, outro dia li um livro sobre isso. E verdade, li um livro sobre isso.

"Spinoza?", pergunta ela.

Fico em branco

"Ou Kierkegaard?"

Pergunto-me se me estará a gozar. Mas não parece que esteja e começa a falar na dificuldade de transferir impressões subjectivas a outros.

E bom ter alguém com quem falar agora que Fran e Julie me abandonaram e não consigo ver o Jock em lado nenhum.

Ela sabe mesmo muito sobre filosofia.

June está espantada com o comportamento da pessoa que lhe entornou a bebida em cima. Ele pede imensa desculpa e parece temer pela sua vida.

Sem razão aparente oferece-lhe droga. Não aceita porque não sabe nada de drogas mas não se importa de falar com ele porque está sozinha e ele, apesar da cor da pele e do modo como olha por cima do ombro, não está a ser ofensivo.

Começam uma conversa filosófica que embora não especialmente inspirada é mais interessante do que a banda que está a tocar agora. Conversam durante um bocado e depois o tema seca e ele desaparece e June volta a ficar sozinha. Por alguma razão não está a gostar, o que a surpreende porque normalmente gosta da solidão.

Wu já não está preocupado com a derrota e sorri para si próprio por se ter momentaneamente perturbado com a vitória de Cheng. Calmo, depois de meditar, senta-se em frente a uma folha de papel branca com tintas e pincéis à volta dos joelhos. Quando se sentir em simbiose com os materiais há-de pintar uma imagem.

No concerto fujo da mulher com quem estive a falar. Ela acabou poise mostrar boa pessoa e nada violenta depois de eu ter pedido desculpa, e sabia tudo o que há para saber sobre os filósofos do mundo. Teria gostado de falar mais com ela mas achei que passado um bocado a ia chatear e detesto falar com alguém que está farto da minha conversa.

De facto fico envergonhado com a ideia de que ela me possa achar um chato, então saio dali para nenhum sítio em particular com a vaga intenção de cravar um cigarro a alguém. É claro que os podia comprar, mas isso seria admitir que não consegui deixar de fumar.

A banda que está a tocar não é grande coisa e procuro Fran e Julie. Vejo-as bastante perto, é difícil não se estar perto neste sítio, mas vejo pelo seu aspecto que estão para além do estado de comunicação e para mais aos beijos e não as quero interromper. Não consigo ver Ferg em lado nenhum, deve ler encontrado alguém melhor com quem ir e apercebo-me que estou outra vez sozinho no meio da sala. E um sítio muito pequeno para se andar assim a passear, encontramos sempre as mesmas caras e há um que já está a ficar chateado por ter tropeçado quatro vezes nele.

A música acaba e as pessoas começam a ir embora. June vê a pessoa com quem tinha estado a falar a passar na confusão. Há uma primeira vez para tudo, pensa, e pergunta-lhe se quer ir com ela para casa. Ele parece confuso.

Cheng festeja toda a noite com os amigos e apoiantes, triunfante ao ponto de ficar eufórico com a vitória absoluta sobre Wu. Não se preocupa por a sua prática em casa ter sido contra o espírito das competições, ele até planeia outros jogos diferentes e praticá-los. Ri-se quando pensa no pobre Wu, a meditar sozinho num quarto pequeno e miserável cercado por nada.

Cheng e os amigos comemoram num clube noturno no Soho antes de irem para o seu apartamento com muito álcool, onde continuam a festa pela noite dentro.

A pessoa em quem entornei a cerveja convida-me para casa dela. Esta é uma ocorrência tão bizarra que quase tiro da cabeça a ideia do perigo constante.

Ela é porreira, mas calculo rapidamente o mal que me pode acontecer por ir com ela. Posso apanhar uma doença. Mais particularmente posso apanhar SIDA, o meu sistema imunológico já não é grande coisa por isso não arrisco.

Mas por outro lado gosto mesmo da rapariga e se for para o apartamento dela fico seguro durante algum tempo da assassina que anda atrás de mim.

Concordo em ir. Ponho a hipótese de lhe perguntar se pode ter SIDA. Decido não o fazer e em vez disso pergunto-lhe o nome. Diz-me que se chama June mas não me pergunta o meu.

Lá fora chama um táxi que por milagre nesse momento se avista, o meu coração mirra ao pensar na despesa mas por qualquer razão ela sente-o e diz que paga. Ela vive em Chelsea, portanto deve poder pagar.

A mulher do gerente do Big Value pensa enquanto ele dorme.

Ela não tem grande pena por não poderem comprar a Piscina Chalé Pinelag porque desde o início nunca achou grande graça à ideia. Não o diz ao marido mas gosta do jardim exactamente como está e não o quer ocupado com uma enorme construção de madeira, e de qualquer maneira para que é que lhes serviria uma piscina de cinco metros e meio, quase não dá para nadar mais do que umas braçadas e ela preferia ir à piscina pública. Mas o marido planeou comprar o modelo de luxo com uma extensão para o bar e depois convidar todos os amigos de negócios para festas. Isto ia impressioná-los, pensa ele, natação e saunas e *cocktails*, este homem sabe viver.

A ideia arrepiava a mulher porque a opinião que tem dos amigos de negócios do marido é muito fraca. Já os está a imaginar a todos a beber de mais e a vomitar na piscina e possivelmente a cair e a afogarem-se.

Detesta ver o marido tão infeliz mas não haver uma Piscina Chalé no jardim não é uma má notícia.

Não é costume ser convidado por estranhos. Chegamos ao apartamento dela em Chelsea e é um sítio maravilhoso, cheio de livros de filosofia e de plantas. Procuro casualmente um espelho mas não encontro nenhum.

"Há um espelho na casa-de-banho" diz June, pergunto-me se está a ser sarcástica.

June faz chá o que é simpático da parte dela mas eu bebo-o depressa de mais porque não me consigo lembrar de nada para dizer e queimo a língua, o que me faz lembrar um acidente que tive há pouco tempo a cozinhar feijões enlatados e *hambúrgueres* de soja.

Há um único garfo limpo na cozinha, o resto dos talheres estão dentro da banca cobertos por uma água castanha e mal cheirosa, então uso-o alternadamente para virar os *hambúrgueres* e mexer os feijões.

Ponho o garfo na boca para ver a temperatura dos feijões e esqueço-me que desde que tirei o garfo dos feijões que ando com ele às voltas na sertã por causa dos *hambúrgueres*. Quando o metal me toca na boca crepita e os meus lábios incham com o calor, um cheiro desagradável a carne queimada espalha-se pela cozinha e eu salto de um lado para o outro e grito com a dor.

Os médicos aconselham pôr água fria nas queimaduras durante bastante tempo mas é difícil fazê-lo quando é dentro da boca e depois de me torcer todo debaixo da torneira parece que me estou a afogar. Olho tristemente ao espelho o estrago. O interior da minha boca está castanho queimado com quatro marcas.

Isto demorou algum tempo e os *hambúrgueres* queimaram-se mas também já não os quero comer.

Esta June é um bocado estranha, parece querer conversar mas só sobre temas esotéricos que não têm nada a ver com o tipo de música de que gosta ou de onde é que ela é ou coisas assim simples. Acabamos por ir para a cama.

Wu acorda cedo e olha para a pintura que fez na noite anterior. Gosta dela porque lhe diz algo. Pergunta-se se deve continuar com os jogos nas máquinas lendo em conta o azedume que agora causam. Ele era amigo de Cheng e agora não trocam uma única palavra cortês, e embora a maior parte da antipatia parta de Cheng, Wu tem de admitir que ele próprio sente algum desagrado.

Hoje, mais tarde, tem de ir ver o seu professor. Ele vai aconselhá-lo.

Preocupo-me com os mergulhadores no fundo do mar.

O Professor Wing ouve um programa de rádio sério enquanto veste as roupas de operário e toma um pequeno-almoço tão forte quanto consegue para um duro dia de escavações. Depois carrega a carrinha com os mapas e o equipamento e parte para Brixton. A tenda está como a deixou, com o semicírculo de luzes laranja de aviso ao trânsito e mecos

vermelhos e brancos à volta com um ar oficial. O Professor não tinha a certeza do que devia fazer com os mecos. Talvez haja uma forma especial de os colocar que ele desconheça. Mas também lhe parece que ninguém vai reparar se os pôs mal. Estão à volta da tenda estilo Stonehenge. Se aparecer um inspector pode sempre dizer que foram vandalizados por um culto místico local.

Alguém tinha andado a pintar a tenda. Diz "Janie 4 Mike". O Professor irrita-se pelo uso de "4" por "for" mas está contente com a autenticidade que imprime ao seu local.

Depois do aviso de John Primrose sei que é tudo verdade e que a Direcção Promotora de Lacticínios me vai limpar o sebo, provavelmente só me restam umas horas, isto que ouço são passos à minha porta? Vão-me matar.

Não imagino o mundo sem mim. E tudo culpa daquele jornalista. Por que é que não o matam a ele? Filhos da puta.

Uma mulher treinada pela polícia secreta brasileira? A minha pele encolhe e estica e a cabeça tenta esconder-se nos ombros como uma personagem da banda desenhada que apanha na cabeça com um grande peso. Tento comer alguma coisa para me acalmar mas só tenho alface em casa.

Detesto alface. Cada vez que tiro umas folhas para a lavar tenho medo de encontrar qualquer coisa nojenta como uma vespa morta ou uma lesma ou um dedo cortado ou se calhar só uma unha. E depois de lavada a alface parece quase impossível de secar, retém a água de tal maneira que parece uma gigante esponja vegetal por mais que se abane ou se atire pela cozinha fora, só a deixando escorrer depois de estar no prato. O pior é que não sabe a absolutamente nada e enrola-se na boca de uma forma que tem de se lutar para a engolir.

Só as compro porque acho que a verdura que contém me deve fazer bem, e se fabricassem pastilhas dessa verdura preferia-as logo.

No dia a seguir à guerra das máquinas o chinês quer andar de carro mas Cheng, o seu motorista, não aparece ao trabalho. Irritado o chinês telefona-lhe para saber o que se passa mas Cheng não atende. Deixa o telefone tocar e finalmente alguém lhe responde, é um estranho com a voz cansada. Essa voz diz-lhe para se ir lixar, e se sabe que horas são?

O chinês poussa o telefone e pensa que se ainda estivesse a trabalhar no controlo de qualidade de heroína no Triângulo Dourado mandava matar Cheng.

Telefona ao detective que conhece e marca uma entrevista.

Enojado deito fora a alface. Falho o balde do lixo e ela aterra chapinhando o pavimento, a água da alface escorre pelo chão encharcando-o e juntando o lixo que acaba numa poça de lama à volta das pernas da mesa da cozinha. Não ligo. Não me interessa se o chão da cozinha está porco. A minha mãe costumava dizer-me tens de o limpar todos os dias para ficar bonito, quem é que se incomodaria a limpar o chão da cozinha todos os dias, tudo o que se faz é andar sobre ele.

Agora tenho fome mas não vou sair para comprar comida, o único sítio aqui perto é uma loja de batatas fritas que envenena os clientes, mandam vir salmonela para juntar à gordura com que cozinham, mesmo que lá chegasse sem apanhar um tiro na cabeça ia parar ao hospital antes da noite acabar e o hospital não é sítio para se estar quando andam assassinos atrás de nós, é que eu li *O Padrinho*.

Prefiro passar fome.

Começo então a pensar seriamente em como salvar a minha vida. Se a pessoa sabe a minha direcção o melhor é mudar-me já. Telefono a um conhecido que tem uma carrinha e digo-lhe que venha cá imediatamente mas o filho da puta do insensível diz-me que não, que não pode, que está muito ocupado e que só amanhã de manhã.

"Hás-de te arrepender quando eu morrer", digo-lhe, ele não responde.

"Para onde vais?", quer saber. Não sei, digo-lhe, aparece amanhã e lá iremos.

O gerente do Big Value chega cansado à loja para mais um dia de trabalho. Costumava chegar sempre cedo, mesmo aos fins-de-semana, mas ultimamente anda desanimado por causa dos fracos resultados. Já não cumprimenta as mulheres atrás das caixas registadoras o que é um alívio para elas, agora já só têm o segurança com que se preocupar.

O chefe dos seguranças está a conferenciar com os seus subordinados fardados e à paisana.

"E melhor começarmos a apanhar algumas pessoas", diz ele. "Os nossos empregos estão em perigo. Ontem o gerente resmungou-me." Todos dizem que sim que irão dar o seu melhor para apanhar os larápios.

Fran entra no supermercado.

Não dormiu nada porque cheirou *speed* a mais na noite anterior o que a manteve acordada apesar de todas as outras drogas que tomou. Então disse a Julie, que também não tinha dormido, que ia sair para ir buscar alguma coisa para o pequeno-almoço.

Pega num cesto e examina as prateleiras.

Eu sabia para onde podia ir viver porque uma pessoa que conhecia se tinha mudado de um *squat* num bairro social. Passo o resto da noite a empacotar as minhas coisas e a ouvir DBC. DBC quer dizer Dread Broad-casting Corporation e é uma estação de *reggae* pirata.

An 'DBC keep you rockin'an 'ting.

Põem *reggae* e música africana e uns *rhythm and blues* antigos e normalmente é uma estação ótima, além da música anunciam concertos e eventos e onde comprar o último grito em chapéus, que é na Big Apple na Acre Lane, amontoada até ao tecto com vestuário na moda para a cabeça. As vezes saem do ar por completo, é um dos riscos de serem piratas.

Não demoro muito a empacotar as minhas coisas porque tenho pateticamente pouco além da minha vasta colecção de BD que guardo com amor e carinho em caixas de cartão que tenho poupado para uma emergência destas. Não estava à espera de ir parar à lista de morte de alguém mas é sempre possível que uma mudança súbita seja necessária com a quantidade de pessoas que não gostam de mim, por qualquer razão há sempre alguém a quem não agrado, quando ando chateado acho que sou a pessoa menos popular do mundo. Quando ando bem não me importo muito que isso aconteça. A única razão por que as pessoas falam comigo é porque lhes levo anfetaminas.

Digo ao *hamster* que temos de mudar de casa mas asseguro-lhe que a sua gaiola vai ser transportada com cuidados especiais e que ele quase nem vai notar. Prometo comprar-lhe *Maltesers* para o compensar do incómodo.

Quando a DBC chega ao fim, cerca da uma da manhã, mudo para as notícias e ouço que não é no fundo do mar que os mergulhadores do *sit-in* se estão a manifestar, é numa plataforma petrolífera. Fico aliviado por eles, embora também não gostasse de estar desnecessariamente nessas plataformas, essas coisas desfazem-se e afundam ao mais pequeno incidente.

O Professor Wing continua a cavar. Frequentemente verifica os mapas guardados nos bolsos da jaqueta de trabalhador roubada. Apesar de ter quase a certeza de que está a cavar no sítio certo não faz a mínima ideia da profundidade a que está enterrada a coroa, porque nenhum dos documentos menciona a profundidade, nem o mais importante que encontrou no anuário *Beano*.

O seu colega de trabalho ficou-lhe imensamente grato pelo anuário. Agora já só lhe falta um para completar a colecção.

O Professor apercebe-se de que alguém está ali e preocupa-se imediatamente com a possibilidade de ser algum inspector. Tenta que a sua escavação pareça mais profissional e mentalmente requinta a explicação do porquê de estar ali sozinho. Cortes governamentais, dirá a quem perguntar, agora só nos deixam ficar um por buraco.

Mas quando olha para cima não vê um inspector municipal, mas uma preta de cerca de quarenta anos. Presume que uma preta de quarenta anos não há-de ser um inspector municipal de estradas, não na Grã-Bretanha.

Ela cumprimenta-o alegremente e diz-lhe que deve ter cuidado se encontrar alguma coisa invulgar enquanto cava. "Acho que está uma coroa antiga de muito valor enterrada por aqui em qualquer lado", diz ela, "uma relíquia do tempo de Etelredo, o Incauto."

O homem chega na manhã seguinte como combinado e eu resmungo logo por ler chegado dez minutos atrasado.

"Qual é a diferença?"

Atiro-lhe um olhar nojento e lanço-me ao trabalho de carregar as tralhas.

"Eu carrego as BD e tu carregas o resto", digo-lhe. É razoável porque a minha colecção de BD é muito maior do que as outras coisas todas juntas.

Depois de um bocado a esforçarmo-nos escada acima, escada abaixo estão na carrinha todas as minhas roupas, discos e outras coisas mas ainda faltam imensas BD. Com relutância deixo-o ajudar-me a carregá-las por causa da pressa mas mantenho-o sob vigilância para ter a certeza de que não rouba nenhuma.

Quase imediatamente pega numa caixa sem o devido cuidado e atenção.

"Não as abanes", grito.

"Foda-se, é só uma caixa de BD."

"Para ti pode ser só uma caixa de BD, ó anormal, mas para mim valem muito e vê lá se tens cuidado com elas."

Continuamos, ambos chateados.

Tenho sempre medo de em cada esquina dar de caras com a assassina isso será o meu fim e a falta de cuidado demonstrada por este idiota que me está a ajudar agrava até ao limite a minha irritação.

Começa-me a doer a barriga.

Chego à carrinha e o meu ajudante está a meter alguma coisa ao bolso.

"Eu vi-te, filho da puta", grito, "roubaste uma BD. "Põe-na no sítio ou mato-te", pareço ameaçador.

Ele finge-se espantado mas não me engana. Atiro-me a ele e arranco-lhe a mão do bolso.

Não está lá nenhuma BD. Deve-a ter escondido atrás.

O Professor Wing está aparalhado. Não sabe o que dizer. Como é que esta mulher sabe da coroa? Quem é ela para chegar ali e dizer como por acaso que acha que pode para ali haver uma coisa valiosa?

"Coroa?", resmunga. "Coroa?"

"Sim", responde ela. "Uma coroa antiga do tempo de Etelredo, o Incauto, embora para dizer a verdade não saiba quando é que viveu o Etelredo, o Incauto. Gostava de saber por que é que lhe chamavam o Incauto?"

O professor Wing sabe mas não se vai denunciar a dizê-lo. Parece que esta mulher acredita que ele é um genuíno trabalhador, portanto pode prosseguir com o plano. A coroa já era antiga e valiosa no tempo de Etelredo e, se depender do Professor, ninguém o vai impedir de a encontrar.

"Como é que sabe dessa coroa", fraqueja-lhe a voz. "E alguma lenda de Brixton?"

"Não, li sobre ela na Biblioteca Pública. Não dizia onde é que ela estava mas eu sou *médium* e faço alguma adivinhação, tenho a certeza que está por aqui algures."

O Professor Wing está momentaneamente impressionado pelo aparecimento desta surpreendente nova prova sobre a validade de fenómenos paranormais mas recupera rapidamente.

"Bem, tenho de voltar a cavar" diz-lhe, fingindo aborrecimento. "Só cá estou eu, são os cortes, sabe como é."

"Claro", diz ela. "Vou andar por aqui e tentar descobrir o lugar certo."

O Professor sente-se infeliz mas continua a cavar.

Fran não se apercebe de que não está a dar o máximo da sua eficiência. Ainda tem o corpo cheio de drogas. Normalmente a confiança completa de que não vai ser apanhada serve-lhe de protecção mas hoje está a ser seguida por uma segurança que está determinada a apanhar alguém para não perder o emprego.

Fran normalmente sente a presença dos seguranças da loja mas os seus sentidos não estão a funcionar muito bem, ela nem consegue decidir o que roubar. Quando finalmente se decide dirige-se para a saída. Vai pagar uma pequena lata de feijões. Dentro da roupa tem uma enorme barriga de coisas roubadas.

A segurança segue-a.

Paga os feijões e sai. Sente uma mão no ombro, é a segurança da loja a pedir-lhe que volte a entrar.

Foda-se, pensa Fran.

O chinês contactou o detective e deixou o assunto nas suas mãos. Sabe que ele encontrará Alby Starvation com facilidade. Pergunta-se sobre o que terá acontecido a Cheng, mas quando sai de casa e passa no Soho fica a saber da vitória de Cheng sobre Wu na noite anterior. Todos falam disso. Alguns dizem nunca ter visto o pobre Wu e os seus apoiantes tão em baixo.

Então o chinês imagina que provavelmente Cheng ainda está a dormir por causa de comemorações excessivas, e embora não veja razão para tanta festa sabe bem o que isto representa para Cheng. E como um Cheng contente é um Cheng eficiente, não se importa muito.

Acuso este cretino de deliberadamente deixar cair um caixote de BD e quase andamos à porrada. Parece-me que tenta deliberadamente estragá-las, ele que chegue perto do *Surfista Prateado* e eu desfaço-o.

Finalmente metemos tudo na carrinha, sento-me protectoramente por cima das BD. Ele atira com a porta e põe a carrinha a trabalhar.

"Não vás muito depressa", digo-lhe. Indico-lhe a nova residência, de uma *ex-squat*, onde me pretendo esconder. Quando chegamos ele quer esperar lá fora mas não desconfio que fuja com a carrinha e obrigo-o a ir comigo lá dentro.

Peço à rapariga a chave. Ela tencionava dá-la a um outro amigo que precisa de um sítio para ficar mas, depois de a bombardear durante um bocado com todas as pessoas que me andam a tentar matar, desiste e dá-me a chave, de qualquer maneira, digo-lhe, se não ma deres arrombo a porta.

Quando chegamos à casa nova começamos a descarregar e a discutir. Ele quer mais dinheiro para a gasolina, filho da puta mesquinho, penso eu, e dou-lhe as moedas que tenho no bolso, discutimos mais um bocado por causa do transporte

das BD e de tudo para o novo apartamento, os vizinhos aparecem às janelas, Jesus, mais *squatters* não, pensam, por que é que a câmara não tranca aquele sítio e nos dá alguma paz?

O condutor da carrinha diz que não me quer voltar a ver. Por mim tudo bem, digo-lhe, e procuro no banco da frente alguma coisa que ele possa ter escondido. Vai-se embora. Tranco a porta e vou comprar doces para o Feliz.

Mas quando a segurança está quase a arrastar a Fran de volta para dentro da loja há uma grande confusão atrás delas e duas personagens saem da loja à bulha e aos pontapés. Uma das figuras usa um uniforme azul debruado a branco enquanto que a outra está vestida com um fato cinzento. Tentam libertar-se de uma pilha de caixotes, atravessam e mergulham numa montanha de cestos metálicos que voam em várias direcções aterrando nas bancas de legumes que se alinham no passeio em frente ao Big Value. Cenouras e cebolas e batatas caem numa avalanche e deslizam para baixo dos pés da multidão de espectadores que rapidamente se juntou.

Não está a ser fácil para o segurança. As operadoras de caixa correm para incitar o seu adversário.

A segurança larga Fran e hesitante avança para ajudar o colega. Não sem razão tem a prudência de não querer apanhar um pontapé. Fran aproveita a oportunidade para se escapar, ainda com as coisas roubadas. Enquanto se afasta ouve uma voz que emerge da luta.

"Deixem-me, sou um executivo da Direcção Promotora de Lacticínios!"

Uma vez no meu novo apartamento deixo de contactar com os jornais e a televisão e a rádio e a maioria das pessoas que conheço.

Escondo-me e preocupo-me.

Considero a hipótese de pedir protecção à polícia ou de expor a Direcção Promotora de Lacticínios na BBC mas decido não fazer nada disto porque não iriam acreditar em mim. Mas sei que não me posso esconder para sempre, na verdade não devo conseguir esconder-me por muito tempo.

Decido-me por uma política militante de defesa e pego no meu exemplar de *O Padrinho* à procura de sugestões. Não parece que tenha tempo para recrutar uma grande família, decido então que vou arranjar uma arma. Vai-me custar muito dinheiro e o meu único bem é a minha colecção de BD. A única forma de me defender é vender as BD.

Pergunto-me se alguém já sofreu tanto.

Wu chega ao apartamento do mestre que tal como o seu tem pouca mobília. O mestre já sabe o que se passou na noite anterior, e como pode ver pela cara de Wu que procura um conselho dá-lhe a sua opinião.

"Continua com os jogos", diz-lhe. "Como é que anda a tua pintura?"

Bebem chá durante um bocado e discutem pintura.

No dia a seguir a dormir com June volto para Brixton. Ela disse-me que eu era a pessoa mais andrajosa que alguma vez tinha conhecido e ofereceu-me um par de calças do exército que já não quer. Continua a parecer que gosta de mim.

Apesar de me sentir melhor porque alguém gosta de mim sinto-me pior porque amanhã tenho de estar com aquela Pamela Patterson pessoalmente, a que tem as BD para vender e que eu sei que na realidade é a assassina que me vai erradicar como solução final para a baixa das vendas.

Então tenho de pensar num plano para me salvar. Quem me dera ter uma arma, mas não tenho, e mesmo que de alguma maneira consiga escapar dela tenho sempre o chinês na minha peugada. Uns minutos a pensar nisto provocam-me um ataque de extrema insegurança e tenho dificuldade em atravessar a rua. Há pessoas que resistem bem aos perigos da vida, não há problema, mas essas ganham-me de certeza. Ando um bocado pela cidade sem saber se ir para casa ou se me meter num avião para Marrocos. Mas não tenho dinheiro e de qualquer maneira tenho medo de aviões, além de que me podiam seguir os filhos da puta dos sádicos.

Começo a preocupar-me no caso de alguém me estar a roubar as BD através de um buraco no tecto e isto leva-me a correr para casa. O meu *hamster* é um amigo leal mas é muito pequeno para proteger o apartamento dos ladrões.

Fran e Julie estão a tomar o pequeno-almoço sem grande vontade, agora que têm comida não parece terem fome, isto acontece com frequência e estão ambas a ficar muito magras, se as drogas tivessem mais calorias podia ser uma ajuda.

Fran volta a contar a sua fuga a Julie: "Foi por pouco", diz. "A segurança que me apanhou provavelmente está treinada para apanhar ladrões à força, se aquele reboliço não tivesse começado tinha-me algemado até a polícia chegar."

"Isso quer dizer que não podemos voltar a buscar comida ao Big Value?"

Fran não tem a certeza, se voltar pode ser reconhecida e seguida pela segurança. Isto aborrece-a porque nunca tinha tido problemas em nenhuma loja durante os muitos anos de apropriação de bens, e o Big Value é o melhor sítio para ir. No entanto, há montes de lojas em Brixton.

"Acreditamos em Brixton", diz parte da sua campanha publicitária, Fran também acredita desde que não tenha de lá gastar dinheiro.

De volta à loja o homem do fato cinzento foi preso e amarrado no pequeno quarto da segurança nas traseiras. O homem de fato cinza é Withers, o número dois do departamento de tráfuges da Direcção Promotora de Lactínios. Protesta a sua inocência e diz que não queria ter saído da loja com uma lata de morangos nas mãos mas isso não lhe adianta nada. *Apresentamos Sempre Queixa*, dizem os anúncios nas paredes e é verdade, não nos tentes convencer que foi um acidente, todos os dias temos aqui tipos como tu. Withers não tencionava ter feito aquilo. Tem tido ataques de esquecimento causados pelos nervos e pela pressão do trabalho por causa das baixas vendas em todo o país.

Já quase ninguém bebe leite.

A mulher foi até à esquina e o Professor Wing vai cavando furiosamente. Não sabe o que fazer. Não a pode desencorajar de forma alguma com medo de se denunciar. A única coisa a fazer é encontrar a coroa rapidamente não vá ela complicar ainda mais as coisas.

Como raio pode ela sentir a presença da coroa? Depois de todo o seu trabalho e estudo, ela chega e adivinha onde está? Nem sequer sabe quando viveu Etelredo, o Incauto, por amor de Deus, que direito é que ela tem de se meter assim nesta situação? Maldição, pensa ele, e continua a cavar. Chega a uma parte dura como cimento e põe o martelo em posição. Detesta usar o martelo pneumático porque vibra através das suas mãos e corpo e sente-se como se fosse perder o controlo.

Liga-o e mete-o na terra. Ouve-se qualquer coisa a quebrar e uns bocados de um material vermelho voam perto da sua cara imediatamente seguidos por um jacto de água. Meu Deus, pensa o Professor, rebentei com a conduta da água.

A água sobe e derrama-se sobre os seus sapatos municipais roubados.

Quando me mudei para o meu novo *squat* passei muito tempo sentado a sentir-me um desgraçado.

Ouvir os meus discos de *reggae* ajuda um bocado mas não muito, quando ando por aqui a olhar os bocados de gesso que cobrem os buracos no tecto por onde a cada momento um enorme *gang* de criminosos pode entrar esgrimindo facas e lâminas antes de me atacarem e roubarem e de me deixarem a segurar a cabeça numa poça de sangue no chão da cozinha, se tivesse dinheiro ia para outro sítio, p'ra qualquer sítio, e cobria completamente a casa de aço com uma só porta que apenas abriria com as minhas impressões digitais e o meu padrão vocal, podia assim sentir-me protegido do mundo. Esse sítio no entanto ir-me-ia provavelmente causar graves ataques de claustrofobia e talvez a única solução fosse mudar-me para uma ilha deserta e completar a minha existência entre palmeiras. Mas li que muitas vezes as pessoas são mortas sentadas por baixo de palmeiras quando lhes caem os cocos na cabeça. Este é o tipo de coisas que não vem nos livros de teologia sobre a criação ordenada do universo, uma vez que é difícil relacionar a morte causada pela queda de um coco com a existência de um criador do mundo de inteligência superior.

Preciso de um conselho. Gostava de estar com o meu amigo Stacey mas ele está muito doente no hospital por ter contraído tétano com uma pastilha de vitamina C suja, entra e sai de coma e delira sobre os perigos que se correm nas lojas de comida natural.

E mesmo que por milagre os assaltantes não me apanhem há-de apanhar-me a assassina, preocupo-me ao máximo, a minha única consolação é falar com o *hamster* e ele também não consegue encontrar uma solução.

E nesta altura que ouço falar no chinês que anda à minha procura.

O chinês, sentado no seu escritório, faz grandes negócios ao telefone, tem uma linha para a Birmânia e outra para Nova Iorque, está a combinar um grande negócio de heroína que lhe vai dar uma quantia imensa de dinheiro, a ele e a mais meia dúzia.

Infelizmente não vai ser com este dinheiro que vai encontrar a mulher dos seus sonhos e ainda não parece próximo de casar com alguém da aristocracia inglesa, sua ambição final. Nessa altura talvez se pudesse tornar conde ou lorde ou assim, não conhece com detalhe a aristocracia inglesa, na verdade os únicos que conhece são os podres de bêbados do seu clube. Mas não podem ser todos assim, pelo menos porque ia sri muito perigoso na caça às galinhas. Ou será aos galinholos? Qualquer que seja o género, pode-se estar bêbado quando se lhes atira.'

É difícil as pessoas normais saberem estas coisas.

Depois de dormir com June volto para casa. Amanhã vou-me encontrar com Pamela Patterson. Não consegui arranjar uma arma, ainda nem sequer descobri onde é que as há, na América basta ir aos correios ou a uma loja de ferragens para comprar uma ao balcão. Uma M16? Com certeza, cavalheiro, embrulho-a ou vai usá-la já?

Ponho uma cassete de *reggae* que gravei da rádio.

*The girls them a wach me,
They jus 'a watch me.*

Filho da puta vaidoso, penso, mas é um bom disco. Distraidamente danço à volta da casa à procura de inspiração. Tenho de me encontrar com a mulher num *pub* à hora de almoço. Bem, pelo menos não me pode matar logo ali, mas pelas mesmas razões, também eu não a posso matar à cacetada. A minha única vantagem é ela não saber que eu sei quem ela é.

Não me apercebo do sítio onde estou a dançar e saio do quarto numa volta desatinada e vou contra uma cadeira, que raio está a cadeira ali a fazer, há alguém que se sente à entrada?

Esmagar a canela contra uma cadeira-surpresa dá uma dor agonizante e sento-me a gemer.

O gerente do Big Value está radiante por estar frente a frente com um dos ladrões que têm andado a pilhar a sua loja.

"Filho da puta", grita a Withers, "andas-nos a roubar às escondidas e agora vais pagar." Acerta-lhe na boca. "O que é que fizeste ao aquecedor a gás que levaste?"

Withers está chocado e com cara de parvo. O gerente volta-lhe a bater.

"Quantas latas de morangos roubaste?"

Withers tenta explicar que nunca roubou nada nem desta nem de qualquer outra loja mas os seguranças estão amontoados à volta dele num círculo e parecem ameaçadores.

"Queremos que confesses tudo antes de chamarmos a polícia", diz-lhe o gerente. "E não sais daqui sem falar" dá-lhe a terceira chapada. "Como é que te livraste das mercadorias?"

Sem tomar o pequeno-almoço Julie sai para a aula de defesa pessoal feminina. Ainda não se segura muito bem nas pernas depois da noite anterior mas acha que quando lá chegar vai estar bem, quer dizer, é melhor que esteja porque a professora não gosta que vão para lá fazer que fazem.

A aula tem lugar numa cave gigantesca de um *squat* nas proximidades.

O edifício tinha sido um gabinete de recrutamento do exército e a grande cave estava destinada a ser um abrigo nuclear mas o gabinete foi fechado devido a uma remodelação regional definida pelo departamento do exército, pois era demasiado velho e não tinha janelas suficientes para exibir as maquetas de modelos de carros de combate e de soldados e para os letreiros a dizer venha visitar-nos.

Quando Julie chega já lá está toda a gente e junta-se à turma para o aquecimento. Mal executa o seu primeiro exercício de alongamento sente vontade de vomitar, tanto quanto se lembra isto nunca lhe tinha acontecido numa aula.

No hospital Stacey está mesmo doente. Devia estar numa unidade de cuidados intensivos que está a abarrotar, e então fica numa cama onde antes era um armazém porque é muito perto. Contraiu tétano e também uma doença mistério, os médicos não têm certeza do que é. O tétano foi da pastilha de vitamina C suja por estar junto a umas cenouras criadas artificialmente numa loja de produtos naturais e que contaminaram a prateleira quase toda.

Agora entra e sai de coma e delira. Está completamente incoerente.

Dou uma escapadela através da estrada até ao parque num sábado porque está a decorrer um festival organizado pela CND que acho que por princípio devo apoiar, além de querer ouvir as bandas, e penso que no meio destas centenas de pessoas devo estar seguro.

Então passeio pelo parque cheio de milhares de jovens que não parecem importar-se muito com o estado do tempo que ameaça levar-nos a todos de enxurrada, e aproveitam a ocasião para exibir as novas cores de cabelo mesmo à polícia que de binóculos observa em cima dos telhados em redor.

O festival é divertido com barracas de comida, *crachás*, divertimentos para as crianças, roupas em segunda mão, livros, pequenos comícios e tudo vai bem a não ser o facto de aqueles miúdos todos me fazerem sentir velho, tenho a certeza que alguns se riem quando passo.

Movo constantemente a cabeça como se procurasse alguém para que ninguém se possa concentrar nas minhas rugas e quando o DJ põe discos antigos da minha infância finjo, perante mim próprio, que nunca os ouvi antes, na verdade pareço deliberadamente espantado com cada disco para que as pessoas pensem que não os conheço.

O Professor Wing reage rapidamente à calamidade e enrola o casaco à volta da conduta enquanto se apressa para a carrinha à procura de meios de reparação mais eficazes. Na parte de trás da carrinha está uma caixa que tem escrito equipamento de emergência mas tudo o que contém são ligaduras. Não parece haver nada próprio para remendar condutas de água rebentadas. Ele não sabe mesmo o que é preciso para remendar condutas de água.

Desesperado agarra nas ligaduras e volta depressa, a água está a sair pelo casaco e a escorrer para a terra, pelo menos o buraco está tapado pela tenda de trabalho por isso ninguém pode ver o que se está a passar, pelo menos enquanto a inundação não chegar à rua.

Tem de meter as mãos na água gelada para chegar ao fundo da conduta. Enrola as ligaduras tão apertadas quanto pode e a inundação parece parar. Acha que se tivesse um bocado de alcatrão ou alguma coisa com que conseguisse cobrir as gazes podia conseguir uma reparação razoável, mas não tem nem alcatrão nem vê maneira de o arranjar, tanto quanto sabe o alcatrão não é uma coisa que se possa comprar nas lojas.

Muito perturbado pelo acidente, uma ocorrência imprevista que enfatiza o facto de não estar preparado para este tipo de trabalho, preocupado com a preta que ameaçou arruinar a sua descoberta exclusiva, volta a cavar, pelo menos a água amaciou a terra.

A negra chama-se Muriel.

Lê um livro sobre tesouros históricos da Grã-Bretanha que trouxe da biblioteca e quando chega à referência à coroa tem uma sensação forte e extraordinária de que está algures muito perlo. Todo o livro diz que esta fantástica, antiga e valiosa coroa se perdeu no tempo do Rei Etelredo, o Incauto algures no sul de Inglaterra. Não é dada mais nenhuma informação mas esta é suficiente para Muriel. Ela é *médium* e muitas vezes tem sensações estranhas que acabam por ter fundamento.

Então veste o casaco e desce a rua seguindo a sua intuição. Quando chega ao que parece ser a origem do sinal encontra um trabalhador nas proximidades. Também ele emana uma vibração estranha mas nessa altura ela não pensa muito nisso. Troca com ele algumas palavras antes de tentar acertar com o local exacto da coroa. Também não sabe o que fazer se estiver enterrada por baixo de um bloco de apartamentos.

Ora merda, já é quase amanhã e pode bem ser o último dia da minha vida, de facto parece cada vez mais provável, quer dizer, que hipóteses é que eu tenho contra essa assassina, absolutamente nenhuma, penso. Não disse nada ao *hamster* sobre o encontro com a que se diz chamar Pamela Patterson porque não o quero preocupar de mais mas tomei providências para que alguém tome conta dele se me acontecer alguma coisa, uma antiga namorada de quem ainda sou amigo, bem, que pelo menos não mostra animosidade contra mim, dá-lhe só muita comida incluindo montes de chocolates e ele ficará bem, disse-lhe, sei que vai ficar porque ela tem muita experiência em tomar conta de *hamsters*.

Percorro o quarto interminavelmente e não tenho sono e de algum modo não consigo compreender como é que isto aconteceu, quer dizer, é normal andarem atrás das pessoas com armas e coisas assim, não me parece. Olho esgazeado para as minhas BD e penso no quanto irão sofrer sem terem quem tome conta delas. Quem lhes vai limpar o pó e as vai tratar com amor e carinho? Quem irá comprar os últimos números? O que acontecerá à colecção completa do *Thor*?

Depois irritam-me por serem tão difíceis de vender. Como é que se pode vender uma coisa tão esquisita como uma colecção de BD, tinha sido mais fácil se o sujeito da carrinha que transportou as minhas coisas tivesse sido um ser humano decente, assim podia-me ler ajudado de novo mas ele era um idiota chapado e se nunca mais o vir tudo bem.

Não há por aí muita gente de bem, já se sabe.

Com força de vontade Julie tenta não enjoar. Exercita os alongamentos sozinha durante um bocado antes de alinhar com o resto da turma em frente à professora para seguir os seus movimentos e instruções.

Quando alguém faz um movimento mal feito a professora berra-lhe. A instrutora é uma mulher de Hong Kong. Só chegou à Grã-Bretanha no ano passado fugida das autoridades da Birmânia depois de o barão de quem era guarda-costas ter sido atingido e morto pelo exército numa operação contra a produção e tráfico de heroína. Agora ensina kung fu a mulheres no sul de Londres.

Withers, o número dois do departamento de traulhices da Direcção Promotora de Lacticínios, ainda está a ser questionado pelo gerente do Big Value.

"Filho da puta", rosna Withers, enquanto o gerente lhe volta a bater, "Hás-de pagá-las, quando o meu departamento se puser em acção vais ter sorte se escapares com vida."

Mas o gerente não o ouve porque tudo em que pensa é na Piscina Chalé de Troncos que não vai ter para as traseiras do seu jardim, e nas festas de executivos que não vai poder dar e no facto de não ser promovido para fora deste buraco porque a maior parte do seu *stock* se evapora.

Os seguranças tiram os casacos.

"Temos o dia todo, meu lindo", dizem, "agora, vais assinar esta confissão ou temos de te continuar a persuadir?"

O detective contratado pelo chinês para encontrar o *dealer* de *speed* de Brixton cumpre a sua tarefa imediatamente. Telefona ao chinês e diz-lhe a nova direcção de Alby, o chinês agradece e passa um cheque para lhe pagar. Interroga-se sobre a melhor hora para o contactar.

Os compromissos de negócios mantêm-no ocupado o resto do dia, parece que cada vez há mais drogas a entrar no país ou mais pessoas para subornar ou os ocasionais trabalhos de coacção para fazer, isto de ser um criminoso a sério num país estrangeiro não é um mar de rosas, às vezes pensa que se não fossem os incentivos governamentais que recebe por ser um pequeno empresário desistiria de tudo e dedicava-se ao ensino da língua a tempo inteiro.

Bem, entre essa altura e agora não fiz muito mais do que esconder-me e coisas assim. Desisti completamente da vida pública.

"Onde é que anda o militante do leite?", pergunta um jornal, mas mantenho-me oculto excepto quando vou buscar ou entregar as escassas gramas de *speed* e só faço isso para manter os amigos.

Angustia-me andar escondido porque tenho uma série de negócios de BD em vista. Na última feira de banda desenhada planeei uma série de transacções através de um vendedor que conheço. Ia-me apresentar a outro coleccionador que anda ansioso por me trocar uns antigos *Iron Man* por uns do *Homem Aranha* raros que eu tenho repetidos e guardei algures. Que se lixe.

Mas sei que toda esta trama há-de ter um final. Espero não ficar doente porque o meu médico anda ansioso por entrar na conspiração, uma consulta com ele e telefona logo à Direcção Promotora de Lacticínios, ele está aqui, venham buscá-lo mas tenham cuidado para não estragar a colecção do *Surfista Prateado*, ele prometeu-ma a mim.

Odeio o meu médico.

Muriel volta à obra na estrada. Vai dar ao trabalhador a boa notícia de que, tanto quanto se apercebe, a coroa está localizada mesmo por baixo do seu sítio. Ela espera que ele fique contente por saber isto e que tenha cuidado com o martelo por temer partir a relíquia em duas, mas não acredita muito nisso porque quando antes lhe falou sobre o assunto ele não pareceu muito interessado. Ela imagina que ele tenha de trabalhar no duro por causa dos cortes na função pública, não é normal ver-se um trabalhador sozinho a escavar a estrada.

"Olá", grita ela através da tenda às riscas cor-de-laranja e brancas. Uma cara aparentemente preocupada aparece. Muriel diz-lhe que julga que a coroa está mesmo por baixo. Mas ele não reage, apenas resmunga e desaparece.

Muriel sente que as coisas não são bem o que parecem.

Finalmente Cheng acorda com uma ressaca enorme. No princípio a sua visão está tão má que não tem a certeza de ter os olhos abertos. Sente-se muitíssimo mal e interroga-se sobre o outro corpo deitado ao seu lado junto à entrada. Resmunga e treme quando ele se levanta. Satisfeito por *aquilo* não ser um cadáver arrasta-se em frente, ignorando o corpo e tudo o que resta da festa da noite anterior.

Está outro estranho na cozinha mas Cheng está enjoado de mais para protestar, a intensa luz que entra pela janela perfura-lhe os olhos dolorosamente, sim, afinal estão abertos, pensa.

Não sabe o que fazer. Mas pensar nisso é muito penoso, então senta-se junto ao estranho na cadeira da cozinha. Um cinzeiro nauseabundo cheio a transbordar surge-lhe em frente à cara e então ele atira-o da mesa para o chão. Senta-se e espera que a ressaca passe.

Durante o tempo em que estou escondido em casa nos intervalos dos discos de *reggae* ouço rádio e por isso assimilo uma vasta série de conhecimentos gerais, por exemplo, paragens de autocarro falantes para ajudar os cegos, parece-me uma boa ideia, o *sit-in* na plataforma petrolífera continua, mantenho-me solidário com os trabalhadores e não me surpreendo se a empresa mandar torpedear a plataforma, um animal selvagem e violento anda em Dartmoor a atacar ovelhas, carneiros e porcos e tudo o que for suficientemente infeliz para cruzar o seu caminho às horas das refeições, um regimento de fuzileiros anda à procura do animal com ordens para atirar a matar o que vai fazer subir a taxa de mortalidade dos turistas da charneca, mas isso não me preocupa desde que o matem antes que ele mude a sua coutada para Brixton, já tenho problemas que cheguem sem uma besta louca a comer-me ao pequeno-almoço.

Cai-me mais cabelo e envelheço cerca de um ano por dia.

Numa das minhas poucas saídas desço à casa de Fran e Julie e lamento-me de forma bem comedida acerca dos meus problemas quando Fran me diz que me queixo de mais.

Fico incrédulo. "Quem, eu?"

"Sim", diz ela, "Andas sempre a chorar e com um ar infeliz, porque não vês o lado bom das coisas para variar e tentas trazer um bocado de felicidade ao mundo?"

Penso no que ela me diz e aceito que não o posso negar. Estou sempre infeliz.

Então resolvo mudar. Daqui por diante o Alby não se volta a queixar.

Anda praí um assassino pra me matar! Anda um *gangster* chinês atrás de mim! Estou a envelhecer e sempre doente! É ótimo! É divertido andar por aqui por esta Brixton tórrida e sufocante, não me volto a queixar!

Vou-me embora determinado a ser mais alegre.

Stacey acorda e geme.

"Muriel", diz.

Muriel é o nome de uma enfermeira que é boa para ele quando tem tempo, o que não acontece muitas vezes. Ele volta a entrar em coma, calmamente deitado na sua cama no que antes era o armazém.

Julie sente-se melhor depois da aula, o sangue começa a circular o que lhe abre o apetite e a leva a casa para tentar pela segunda vez tomar o pequeno-almoço.

"Olá Fran, quês comer alguma coisa?"

Cozinham uma refeição e depois de a comerem discutem o que vão fazer à noite e como é que o vão fazer.

"Sobrou-nos algum *speed*?"

"Não."

"E erva?"

"Não."

"Alguma coisa?"

"Nada."

"E dinheiro? Não. Achas que podemos trocar alguma desta comida que roubaste por droga?"

Pensam nisso. Onde é que se pode trocar comida roubada por droga? Não sabem ao certo, mas parece uma boa ideia.

Assim como assim não se pode ir a um clube ou a uma festa agarrado a um pão de forma.

As vezes programo a minha caixa de ritmos e toco guitarra ao mesmo tempo. Quero tocar numa banda mas sempre que toco com outros acabam por me sair uns palermas sem talento nem inteligência, que por ciúmes ou por estupidez estragam as coisas boas com que me saio. Filhos da puta. Não era mau se fossem gente decente mas nunca o são, pela minha experiência os músicos são a escumalha da Terra, só *ego* e mais nada, se tivesse dinheiro alugava um estúdio gravava o disco todo sozinho e ia sair-me altamente, garanto-vos.

O Professor Wing está a ter dificuldades. A água continua a sair do cano e não há nada que ele possa fazer para a estancar. Tem medo de voltar a usar o martelo e de ficar electrocutado, na verdade com tanta água a sair e tantos cabos eléctricos nas proximidades, a electrocussão parece ser uma possibilidade real, perfurando ou não perfurando. Mas está determinado a não desistir porque está convencido de que, se o fizer uns segundos depois da sua partida, a mulher voltará e provavelmente irá encontrar a coroa a poucos centímetros do local em que ele parou.

Ainda não acredita no azar que teve. Como é que esta mulher pode ter aparecido assim hoje?

A razão por que ela apareceu hoje é porque a coroa é mágica e emite sinais, que são amplificados pelas fortes impressões do Professor sobre o assunto.

Estou sentado a olhar pela janela na minha última noite na Terra.

E um sítio horrível mas para onde mais é que se pode ir? Lá fora o tempo está péssimo o que torna o cenário ainda mais desagradável. Na escuridão imagino uma besta assassina e misteriosa que vagueia comendo coisas; farta da vida em Dartmoor, percorreu o caminho até Brixton para aterrorizar os bairros municipais. Preocupo-me com a possibilidade de ter deixado cair uma luva ou outra coisa qualquer na rua e ela encontra-a e descobre que o meu cheiro é particularmente apetitoso e anda agora à minha procura para me comer.

Onde é que fica Dartmoor? É longe de Brixton? Tenho medo de que os fuzileiros a sigam e me matem por engano com uma bala através da janela. As vezes preocupo-me com balas através da janela, acho que o mesmo acontece a muita gente.

Amanhã vou entregar a minha cabeça de bandeja a um demónio com forma humana chamado Pamela Patterson, a fictícia vendedora de BD que na realidade é uma assassina treinada no Brasil e capaz de me desfazer só com as mãos.

Vagueio triste pelo quarto e penso numa fuga de última hora para a liberdade. Mas tinha de deixar as minhas B D à mercê de qualquer abutre londrino e não consigo imaginar isso e de qualquer forma os meus inimigos haviam de me encontrar. A Direcção Promotora de Lacticínios tem as estações vigiadas, acho, ele está no das 9:23 para Manchester, enviem o esquadrão para dinamitar a linha.

O que acontecerá se eu conseguir derrotar a Pamela Patterson? Será que me deixam em paz agora que estou fora de circulação há uns tempos?

Talvez. Mas não é grande o optimismo que me corre nas veias.

Withers foi espancado até assinar a confissão e está agora a definhar numa pequena cela na esquadra de Brixton com outros dois prisioneiros.

“Quantas vezes estiveste numa cela, Jock?”, pergunta Sanny.

Jock abana a cabeça. "Num as cunsigo cuntar. E tu?"

"Também não."

Withers tenta ignorá-los. Confessou ter formado uma organização criminosa em grande escala responsável pelos roubos em massa no Big Value, sim, fui eu, foi forçado a dizer, era eu o cérebro criminoso por detrás do bando, roubávamos das vossas prateleiras e depois fazíamos desaparecer as coisas através de Londres para outros retalhistas corruptos. Pagava a vinte e cinco pessoas e mantínhamos esta operação há dois anos. Foi a pressão do trabalho na Direcção Promotora de Lacticínios que o levou a isso.

Mas agora pensa com grande clareza e planeia vingar-se do gerente do Big Value de tal forma que pelo menos lhe há-de arruinar a carreira podendo mesmo chegar à agressão física. Ninguém se mete com um membro do departamento de *trafulhice*, pensa, se souberem o que lhes convém.

Wu passeia um bocado pelas ruas da zona em que vive. Chega a uma pequena área relvada que é a praça do Soho onde se senta para olhar as pessoas à sua volta a almoçar.

Normalmente as pessoas que aqui almoçam estão nos intervalos do trabalho, o que lhes parece agradar, e é interessante observar estes pequenos prazeres. Uns metros acima fica a Oxford Street onde se alguém se sentisse feliz seria um acontecimento raro, pois as pessoas empurram-se e caminham nos passeios apinhados ladeados por lojas cheias de tralha, sendo ininterruptamente agredidas pelos fumos dos muitos táxis que se arrastam ao longo da rua junto de montras cheias de *T-shirts* com *slogans*, ao lado de outras de grandes armazéns que lutam por se manter a par da cultura moderna de hoje em dia.

Oxford Street, pensa Wu, é mais ou menos o nadir da civilização Ocidental.

Entretanto Cheng, que é um tipo bastante saudável, recupera rapidamente da ressaca e retoma a boa disposição. Continua eufórico com a vitória da noite anterior e sabe que quando encontrar os amigos lhe vão voltar a dar os parabéns.

Tenciona ir novamente à loja de vídeos para comprar outro jogo, há -de descobrir qual vai ser o próximo a ser o mais popular e treiná-lo desde logo. E mal consiga tirar do apartamento os restos da festa de ontem à noite vai voltar a praticar o *Kill Another One*. Ainda o hão-de jogar durante uns tempos e vibra com a ideia de voltar a vencer Wu, odeia Wu, odeia-o de morte.

Depois Cheng lembra-se que devia ter ido trabalhar hoje e geme, já está muito atrasado e o patrão é muito intolerante. Tenta aprontar-se mas é impedido pelos corpos espalhados pelo apartamento, não pode sair e deixar o apartamento com estranhos por isso acorda-os e manda-os porta fora.

Jesus, estou cada vez pior, por que raio quem quer que tenha decorado este apartamento piroso pôs espelhos por todo o lado. Estariam deliberadamente a tentar fazer-me sentir mal?

Sou um viciado em espelhos, sem qualquer hipótese, Não consigo passar por nenhum sem parar para olhar e o resultado é sempre deprimente. Os espelhos parecem-me objectos maléficos que existem para me fazer mal. É claro que não acredito que sejam tão objectivos quanto se destinam a ser.

Não me chateio a tentar dormir, é melhor passar a noite a preocupar-me na cama, o rádio transmite as notícias e surpreendo-me como parecem ser poucas. As mesmas coisas são recicladas vezes sem fim e se um camião de aveia se virar na auto-estrada pode ter-se a certeza de ouvir a notícia quatro vezes por hora durante um dia e meio.

A noite passa tão devagar que só visto.

Na sua casa no norte de Londres Pamela Patterson vai dormir. Ao lado da cama tem uma pilha de BD que amanhã vai vender a um sujeito em Brixton. Tem pena de as vender apesar de serem repetidas e de ir ganhar muito dinheiro. Os verdadeiros amantes da BD não gostam de perder uma revista em circunstância alguma.

June está confusa depois de ter dormido com a pessoa que conheceu no concerto.

Ele parecia um sujeito aceitável e quebrou a solidão que temporariamente a afectou, mas isso significou sacrificar alguma da sua privacidade do que se ressentia. Ela não poderia dizer que se divertiu muito mas também não foi muito mau. Mais barulhento que um livro e ligeiramente menos divertido.

Não ficou a saber o nome dele e não espera voltar a vê-lo. Apesar de ele parecer querer voltar a estar com ela June não o encorajou.

Em certas alturas ficou com a impressão de que ele estava a pensar noutras coisas.

Pensa agora no contrato que tem em mãos, na pessoa em Brixton que tem de matar. Vai pensando nisso durante o banho. Depois anda pelo apartamento a regar toda a espécie de plantas que crescem pelas paredes e pelo chão dando um efeito de jardins suspensos que acha reconfortante. Não fala com as plantas porque pela sua experiência isso não altera nada.

Cheng, ainda um bocado desatinado, chega a casa do patrão para se apresentar ao serviço. Está muito atrasado, como previa o patrão não está muito contente, na verdade dá a Cheng um comprido sermão sobre como, se as circunstâncias fossem diferentes, estaria agora à procura de outro emprego. De qualquer forma o chinês não está tão irritado como quer fazer parecer porque sabe a razão por que Cheng chegou tarde e não a reprova completamente por que conheceu Wu e também não gostou dele. Ficou com a nítida impressão de que Wu o reprovava, e quem era ele, um pseudo pequeno místico, para reprovar alguém que tinha dirigido o departamento de qualidade de heroína para um Barão do Triângulo Dourado?

Diz a Cheng que localizou o Alby Starvation e que brevemente o irão visitar, apesar de não ser hoje porque há muitas outras coisas para fazer.

Na secretária está uma revista aberta na página dos anúncios. Cheng pergunta ao patrão se anda à procura de outro sítio para morar porque conhece um bom vendedor de propriedades. O patrão olha-o de sobrolho carregado e fecha a revista.

O Professor Wing está derrotado. A água corre livremente do cano e obriga-o a voltar à superfície. Está perdido, o seu treino académico não lhe deu ferramentas para solucionar uma situação assim. Não há dúvidas de que um verdadeiro trabalhador das estradas poderia fazer uma reparação imediata e permanente mas não há dúvida de que um verdadeiro trabalhador das estradas antes de mais não tinha furado o cano.

O que é que pode fazer agora? Não pode ir falar à companhia das águas ou começavam a fazer-lhe uma série de perguntas difíceis tais como "Que andavas tu, grande impostor, a fazer a esburacar as ruas?" Iam querer saber quem ele é, entregá-lo à polícia, expô-lo ao ridículo em frente de todo o mundo académico. Pode imaginar os títulos quer da imprensa séria quer da popular, histórias a fazer pouco dele por ter querido manter a descoberta para si próprio, a rirem-se dele pelo seu esforço de trabalho braçal, trocadilhos sobre uma torrente de saber.

E depois há o problema do material da Biblioteca Britânica, emprestado, que pode vir a ser interpretado, pelos opositores à sua causa, como roubado.

Temporariamente sem forças fica de pé na tenda e olha a água que sobe.

Bem, mesmo que pudesse vender a minha colecção de BD agora, é tarde para aplicar o lucro numa arma de repetição, por isso esse plano está fora de questão por enquanto.

Pamela Patterson.

Começo a gelar de medo. Gostava de ser catapultado para um universo alternativo por um espantoso acidente.

Pamela Patterson.

Perto da madrugada de repente parece-me boa ideia que a noite passe devagar, mas apesar de todos os meus esforços para o evitar o tempo passa e a manhã chega.

Assalta-me um sentimento de terror mórbido e de pena por quem passa a sua última noite numa cela de condenado antes de ser arrancado de manhã para ser executado, como é que consegues manter a sanidade mental quando sabes que na manhã seguinte alguém vai chegar e te vai levar e amarrar a uma cadeira eléctrica ou pendurar numa forca ou pôr de pé contra uma parede e por mais que pareça ridículo ou pouco lógico e por mais que queiras que a situação se extinga e te deixe em paz isso não acontece e a luz do dia chega e tremes de medo, de certeza que há uma forma de sair disto, na vida há sempre uma alternativa a tomar mas desta vez não há e tudo o que podes fazer é tentar fundir-te com a parede quando vierem buscar-te, as pernas cedem nesta última caminhada e começar a chorar é tudo o que o teu corpo consegue fazer para protestar contra o que lhe vão fazer.

O gerente do Big Value está a escrever um relatório para enviar à administração. No relatório conta como, através das suas próprias diligências e do pessoal da segurança, desmascararam um enorme *gang* organizado de ladrões de lojas. O assunto está agora nas mãos da polícia, escreve, que confiantemente espera apanhar o resto do *gang* e acabar com uma rede de crime organizado que se estendia de Brixton até ao Sul de França. Escreve também com entusiasmo que os números vão agora revelar uma melhoria acentuada, e num acesso de euforia telefona à mulher para lhe contar a boa notícia.

"Apesar de tudo sou capaz de receber o meu bónus", diz todo contente, "E depois vamos poder comprar a Piscina Chalé."

A mulher fica desolada mas esconde-o bem. Ele diz-lhe que vão jantar fora nessa noite para comemorar e ela também finge estar muito satisfeita apesar de já ter começado a fazer o jantar.

Espera-a uma vida a cozinhar petiscos para os amigos de negócios dele enquanto estes se reclinam à volta da piscina a embebedar-se.

Quando nasci tive a infelicidade de ter um acidente. O médico deixou-me cair de cabeça. Aqui está, dizia ele, um saudável rapazinho, quando lhe escorreguei através dos dedos e embati no chão. Nessa altura ele estava comigo de pernas para o ar, uma prática perigosa, pode-se pensar, mas que aparentemente é muitas vezes executada com bebés. Por isso o meu primeiro contacto com o mundo foi uma pancada na cabeça e ainda me lembro do incidente. Num momento estou todo contente enroscado no quentinho, no seguinte a bombardear o chão.

Sempre achei que foi de propósito. Mesmo naquela idade as pessoas não gostavam de mim. Tê-lo-ia processado por negligência mas ainda não tinha aprendido a falar e acho que agora é tarde.

E embora este acidente possa ter sido responsável pela minha inteligência excepcional, sinto que deve ter tido a ver com os meus consequentes problemas emocionais. E de que vale a pena ser mais esperto que todos os outros se estamos sempre infelizes?

Derrotado, pelo menos por enquanto, o Professor Wing bate em retirada táctica, metendo o equipamento tão naturalmente quanto consegue na carrinha antes de se dirigir a casa para pensar no assunto. Tem algumas ideias para juntar o material para fazer a reparação provavelmente pode arranjar um livro na biblioteca pública que o ensine como fazer - mas tendo em vista o facto de que brevemente alguém na vizinhança vai reparar numa enorme inundação tem reservas quanto a voltar.

Quando chega a casa estaciona a carrinha na garagem, entra e anda de um lado para o outro preocupado. Por um momento esteve quase a agarrar a coroa, agora parece-lhe inacessível. Olha com tristeza a sua colecção de mapas, pergaminhos e manuscritos antigos e começa a arrepender-se de não ter feito as coisas da forma mais correcta. Se assim tivesse sido, não podia ter mantido a descoberta da coroa exclusivamente para si, mas também não tinha de ter deixado o local do crime quando as coisas começaram a correr mal.

Nunca tiveram este tipo de problemas no Vale dos Reis, pensa. Lá podiam cortar e furar à vontade, com a certeza de que acontecesse o que acontecesse nunca seriam inundados por um cano de água mal posicionado.

Muriel volta à tenda pela terceira vez. Tenciona despedir-se do trabalhador, mas quando lá chega repara que há água a sair pela frente da tenda.

Grita mas ninguém lhe responde.

Preocupada por poder ter ocorrido um acidente atravessa os mecos e as luzes de sinalização e abre a porta da tenda. Lá dentro o furo está completamente cheio de água que sobe depressa até ao solo. Aproxima-se da borda. Olha para baixo, fica aliviada por ver que não está nenhum corpo a flutuar. O trabalhador deve ter ido buscar ajuda.

Alguma coisa lhe toca no pé. E uma pequena caixa de madeira que foi desalojada e flutua à superfície. É muito antiga e quando pega nela a madeira desfaz-se nas suas mãos. Lá dentro está o que parece ser uma coroa antiga.

Withers está fora da cela e volta para casa a cismar.

Telefona ao seu superior, Crosby, e diz-lhe que tem más notícias. "Descobri um supermercado em Brixton que faz campanha activa contra o leite! Tem pendurados *posters* a anunciar um substituto de soja, que dizem: "Não arrisque a sua saúde, prefira leite de soja." Quando protestei com o gerente ameaçou tramar-me e acusar-me de ladroagem."

"A sério?", diz Crosby. "Vamos ver isso. Amanhã anda ter comigo ao escritório e vamos pensar numa maneira de arrumar com ele. Leite de soja?"

"É verdade."

"Também resolvemos isso."

Desço a rua para me encontrar com Pamela Patterson.

As minhas pernas recusam-se a funcionar como devem, tenho de me concentrar muito para pôr uma à frente da outra e isto significa que o sentido de direcção tem de ficar prejudicado. Ando para trás e para a frente na rua e farto-me de virar na direcção errada, às vezes tento dar dois passos com a mesma perna e acabo irremediavelmente desamparado,

sem saber o que fazer a seguir. O velho casal acena-me da varanda e eu produzo uns sons inarticulados antes de continuar, o meu controlo motor parece ter-me abandonado e penso que nunca lá chegarei vivo.

Finalmente chego ao *pub* onde me devo encontrar com ela, Estou adiantado e fico um bocado lá fora. Nunca teria conseguido entrar mas alguém passa e embarra em mim ao entrar. Isto desequilibra-me e tropeço para dentro atrás dele. As pessoas sentadas lá dentro olham-me depreciativamente, já está bêbado, pensam, à medida que faço alguns círculos involuntários pela sala antes de chegar ao bar.

Dê-me um sumo de laranja, peço, esquivo-me depois até a um canto calmo à espera.

Wu e Cheng têm outro encontro hoje à noite no salão de jogos.

Wu está a meditar para se preparar.

Cheng está morto que o dia de trabalho chegue ao fim para poder ir para casa treinar, ele já é o melhor do mundo no *Kill Another One* mas não arrisca. Sabe que esta noite vai estar uma multidão de apoiantes seus e não tenciona desapontá-los. Também sabe que os apoiantes de Wu vão estar à espera que esta noite as coisas sejam diferentes e está ansioso por lhes mostrar a estupidez de apoiar aquela desagradável fraude meditativa.

Pobre velho Wu, ri-se enquanto espera no semáforo, será que vai ter coragem de dar a cara?

Pamela Patterson entra no *pub*.

Reconheço-a imediatamente porque carrega um saco deformado por revistas de BD. Examino-a para ver se descubro onde tem a arma mas não consigo, deve-a ter numa sovaqueira ou assim.

Ela vê-me e aproxima-se, pergunta-me se sou a pessoa interessada em comprar BD e senta-se ao meu lado.

Que demónio, penso, descaradamente sentada ao meu lado a sorrir e sempre à espera da melhor oportunidade para me enfiar uma bala na testa. Ela tem um aspecto normal, não parece nada uma assassina. Acho que essa deve ser a melhor forma de actuar.

"Tenho aqui uma colecção rara de *Avengers* diz ela, colocando os números de 3 a 12 na mesa. Apesar da extrema gravidade da minha situação estou impressionado. Será que consigo apanhá-la de surpresa e fugir com as BD e também matá-la?

Ela representa bem o seu papel. Parece ter um grande conhecimento sobre o assunto e tenta envolver-me numa discussão sobre os primeiros trabalhos artísticos da *Marvel* e eu tento responder de forma natural, não me posso dar ao luxo de a deixar descobrir que sei qual é a sua verdadeira missão. De certeza que fez bem o trabalho de casa, será que aprende assim tanto sobre os interesses de todas as vítimas?

Enquanto me tento comportar como uma pessoa normal estou a sofrer tanto que mal posso respirar, os meus pulmões parecem saltar em direcções opostas, o meu sangue é bombeado de tal forma que sinto que estou visivelmente a vibrar.

Ela começa a discutir os preços, que atriz, mas digo-lhe que não gosto muito de estar sentado neste *pub*, que tal irmos para um café logo ali na esquina.

Muriel caminha para casa levando a coroa na carteira.

Já que o trabalhador não parecia interessado naquela antiguidade quando lhe falou dela parece-lhe melhor levá-la e pô-la a salvo. De manhã pode entregá-la num museu ou assim mas agora está com pressa de ir trabalhar. E enfermeira num hospital e trabalha muitas horas porque têm pouco pessoal. Interroga-se como estará o paciente que está a ser tratado no armazém. Ele tem tétano e uma outra doença misteriosa e o armazém não é o sítio ideal para estar mas não há espaço em mais lado nenhum.

Apesar de não ser especialista em relíquias antigas, sabe que a coroa que encontrou é deveras antiga e provavelmente muito valiosa. Não acredita que isto lhe traga qualquer benefício financeiro, sendo praí propriedade do Estado, mas não quer que lhe aconteça mal nenhum antes de a pôr nas mãos de um especialista.

À medida que a leva sente um ligeiro formigueiro na ponta dos dedos das mãos.

Damos a volta à esquina até uma viela que dá para o café.

É mesmo isto, ou actuo agora ou ela vai-me matar. Ela levanta o saco e eu imagino que só me resta cerca de um segundo. Sem aviso bato-lhe com tanta força quanto posso. Vai contra a parede sem gritar e bato-lhe outra vez. Cai e fica quieta estatelada no chão. Olho à volta à procura de todas as testemunhas que espero venham a correr mas a viela continua calma. Ela está caída, não está morta e não sei o que fazer. Se tivesse uma arma acho que atirava nela, quer dizer, ela ia matar-me por dinheiro, mas eu não posso espancar esta estranha até à morte.

Então revisto-a. Espero encontrar alguma prova que a ligue à Direcção Promotora de Lacticínios no atentado contra a minha vida, acho que com uma prova assim os podia obrigar a deixarem-me em paz. Mas não encontro nada.

E mesmo sendo uma hipótese remota, era a minha última esperança. Sinto-me tentado a roubar-lhe as BD mas resisto e desapareço.

Estou a correr, os circuitos motores parecem estar a funcionar muito bem agora. Pergunto-me o que fazem os assassinos contratados quando alguém os espanca. Passa-me pela cabeça ir a correr à esquadra da polícia mas imagino a reacção deles - senhor agente, está uma mulher inconsciente deitada ali numa viela, tive de o fazer, ela estava a fingir que me estava a vender BD mas na verdade era uma assassina contratada pela Direcção Promotora de Lacticínios para me matar, então decido não o fazer. Estou com muito medo de ir para casa portanto vou para a de Fran e Julie.

Ao chegar tropeço e bato com a cabeça na porta. O meu corpo escolhe este momento para desistir completamente e quando Julie abre a porta só consigo ficar ali deitado com um ar patético, tento pôr a boca a funcionar mas esta está parada em solidariedade com o resto de mim mesmo.

"Por que é que andas sempre a bater à nossa porta com a cabeça?", pergunta Julie. "Ajuda-me a entrar".

"Queres trocar um pão de forma por um bocado de *speed*, pergunta enquanto caio numa cadeira.

O chinês por hoje acabou o trabalho e prepara-se agora para passar a noite no seu clube nocturno.

Essa perspectiva enche-o de tristeza, estes idiotas ricos a passearem-se com os seus sorrisos e roupas estúpidas e bronzeados, homens de negócios velhos a vibrar ao som da música *pop* e a pagar incríveis quantias de dinheiro por álcool, tudo para se divertirem com raparigas que ali estão para ainda os aliviarem de mais dinheiro.

A primeira vez que viu o clube ficou com a impressão de que era um daqueles sítios ridículos para espolar homens de negócios estrangeiros mas para sua surpresa depois descobriu que não, que era a sério, que eles gostam disto assim, lordes de meia-idade misturados com estrelas *pop* fugidas ao fisco com muito dinheiro e nenhuma imaginação e estrelas de cinema que às vezes são fotografadas à entrada e à saída do clube, que depois aparece nas colunas sociais dos jornais e mesmo assim parece que o levam a sério como um sítio onde se vai quando se é rico e se quer ser visto a divertir.

June volta a Brixton.

Ultimamente tem lá passado muito tempo. Espera não encontrar o homem com quem dormiu mas se isso acontecer não duvida que consegue controlar a situação. Leva as BD que comprou para encontrar o alvo.

Hoje alugou um carro porque embora goste de andar de autocarro não se pode confiar totalmente neles para fugir. Conduz rua abaixo e encontra a entrada do grande parque onde estaciona e verifica se tem a arma e as BD na carteira.

Está ligeiramente disfarçada embora isso consista apenas em trazer um chapéu para cobrir o cabelo e em usar um pouco de maquilhagem. Encontra a loja de livros em segunda mão que procurava e pergunta ao homem atrás do balcão se está interessado em comprar-lhe as BD. Ela já sabe que ele vai dizer que não porque estas BD são valiosas de mais para aquela loja.

"Tenho pressa em vendê-las. Uma vez conheci um coleccionador chamado Alby que vivia por aqui", diz ela com fluência. "Por acaso conhece-o?"

"Tem piada, é a segunda rapariga que me pergunta o mesmo nos últimos dois dias. Da outra vez estava cá um gajo que tinha o telefone e que lho deu."

"Sabe o número?"

"Não, mas sei onde mora."

"Pode dar-me a direcção?"

"Dou-te a minha se quiseres. Não? Bem, digo-te de qualquer maneira."

Por ser uma profissional treinada com uma missão a cumprir, June não reage a isto e apenas lhe faz um sorriso, embora se lhe fosse dado a escolher tivesse preferido dar-lhe um tiro. Dá-lhe a morada e June agradece e deixa a loja.

Stacey está quase a morrer.

A doença misteriosa apanhou-o bem e ele começa a apagar-se, raramente acorda e quando isso acontece não tem forças nem para murmurar. Os médicos olham para ele mas não sabem mesmo o que fazer, como curar uma doença misteriosa que se recusa a ceder ao tratamento?

Muriel chega ao trabalho. Na sua ronda visita Stacey e, apesar de não poder fazer nada por ele, por pena toca-lhe na mão, ela é tão boa enfermeira que nem sequer tem medo de apanhar a doença misteriosa.

Mal lhe toca na mão ele acorda. Senta-se e sorri.

"Meu Deus, que fome", diz ele. "Onde é que estou?"

Quando se aproxima do salão de jogos Wu é abordado por um jovem com cerca de quinze anos. Wu reconhece-o como sendo alguém com quem já falou e sorri-lhe. O rapaz é um dos prostitutas que trabalha no salão.

Cumprimenta Wu e diz-lhe que lamenta que tenha perdido na noite anterior mas espera que hoje ganhe.

"Se não arranjar clientes volto para te apoiar."

Wu agradece e quando o rapaz se afasta à procura de clientela é abordado por mais gente que lhe deseja o mesmo.

A medida que continua é cumprimentado por mais e mais pessoas que lamentam a sua derrota e lhe desejam sorte para o próximo combate. Todos têm a certeza de que esta noite correrá melhor e prometem lá ir apoiá-lo.

Quando chega ao salão de jogos descobre que Cheng e a sua claque já lá estão, sente que dela emana uma aura desagradável. Mas está determinado a não se deixar levar por maus sentimentos e então quando Cheng o saúda com o seu habitual cumprimento envenenado responde-lhe com um sorriso tão sincero quanto possível, o que é muito mais do que aquilo que a maioria das pessoas conseguiria fazer nas mesmas circunstâncias, e dirige-se para a sua máquina. A assistência é enorme e o gerente do salão de jogos colocou as máquinas sobre uma plataforma para que mais gente pudesse ver. Sem que os jogadores soubessem também cobrou bilhetes de entrada aos espectadores.

No Big Value toda a gente anda contente, o pessoal está satisfeito por o gerente estar feliz, pode ser que agora ele deixe de os chatear tanto.

Raios o partam, dizem por vezes as operadoras de caixa, por que diabo há-de estar sempre a resmungar? Todos ouviram a notícia da captura do *gang* internacional de ladrões de lojas, a notícia mais importante desde o início da campanha antileite, segundo o repórter do jornal local que veio entrevistar o gerente e o segurança. O jornalista fez perguntas e micou as raparigas enquanto que o fotógrafo que o acompanhava tirou as fotografias do costume e também micou as raparigas.

Entretanto o gerente não imagina que o departamento de *trafulhices* da Direcção Promotora de Lacticínios está prestes a cair-lhe em cima e posa com um ar feliz junto ao anúncio que encoraja as pessoas a beber leite de soja enquanto lhe tiram outra fotografia, sim, nós no Big Value estamos na vanguarda da campanha pela saúde nacional assim como trabalhamos no sentido da detecção e prevenção do crime.

Estou em casa de Fran e Julie e embora ainda longe de estar bem vou recuperando lentamente. Elas perguntam-me o que é que correu mal mas quando lhes conto sobre a mulher que me tentou matar parecem não acreditar, na verdade desinteressam-se completamente, cabronas, já é mau que baste ter metade da Grã-Bretanha aos tiros atrás de mim e ainda por cima ter a outra metade a pensar que ando a inventar, aonde será que uma pessoa se deve dirigir hoje em dia para encontrar alguma piedade?

Mas de facto não me sinto nada bem e alguma coisa no meu comportamento, talvez uma máscara de horror miserável, deve ter penetrado as suas duras carapaças porque acabam por reconhecer que pelo menos não estou nos meus melhores dias. Oferecem-me comida mas estou demasiado tenso para engolir e quando me perguntam pelo *hamster* os meus olhos enchem-se de lágrimas, pensei que não o ia voltar a ver.

Tenho medo de ir para casa. Não posso ficar porque Fran e Julie não permitem que homens fiquem debaixo do mesmo tecto que elas, nem mesmo eu. Ou especialmente eu tanto quanto posso saber. Na verdade não sei onde passar a noite, todos me odeiam de mais para me acolher, porcos, vamos ver se vos arranjo mais *speed*.

Pergunto-lhes se me acompanham a casa porque tenho demasiado medo de ir sozinho e elas acham cómico mas concordam, desde que lhes dê algumas drogas quando lá chegarmos.

"Queres este pão de forma?", pergunta Julie.

Wu e Cheng começam a jogar.

June bate à porta e ninguém responde.

Se não estiver ninguém em casa terá de voltar amanhã, não é que os que a contrataram lhe tenham dado um prazo limite, embora se presuma que a certa altura percam a paciência e comecem a fazer barulho, ainda não o mataste o que é que te impede, pensávamos que nesta altura ele já estava a fazer tijolo!

No entanto não está ninguém em casa e June não vai ficar ali à espera que a vejam e fixem a sua cara à porta da casa da vítima, nem se vai pôr na perigosa situação de esperar por ali perto, é melhor mesmo voltar amanhã e tentar outra vez, bate à porta, ele atende, pum, atira algumas vezes com a automática com silenciador, ele cai de costas morto na entrada e ela fecha a porta e sai, é fácil, especialmente porque a porta da frente é num vão de escadas de um prédio de apartamentos e só é visível do apartamento do lado.

Volta para o carro e vai para casa para passar a noite na solidão. Essa ideia agora agrada-lhe.

Os médicos chegam e olham para Stacey. Ele está sentado a pedir comida. Não imaginam por que é que melhorou de repente e estão um bocadinho confundidos, perguntam-se se ele não terá estado sempre a fingir.

"Estavas a fingir que estavas em coma?", pergunta-lhe um deles.

Stacey parece magoado. "E claro que não." Baixa o olhar para os seus braços e peito, para os fios e tubos que o ligam às várias máquinas à volta da cama. "Não podia ter enganado estas máquinas todas, ou podia?"

O médico não está convencido. Algumas pessoas têm grande habilidade para imitar doenças e apesar de nunca ter ouvido falar de nenhuma que pudesse simular uma morte cerebral e enganar o encefalógrafo, lia sempre uma primeira vez.

"Por que é que estou num armazém?"

Ninguém lhe responde.

"O que é que se passa comigo?"

Nenhuma resposta.

Põe a hipótese de perguntar ao médico se é duro de ouvido mas acha que é melhor não, não quer aborrecer o médico enquanto está em seu poder, o que lhe lembra que quanto mais cedo se livrar do hospital melhor, bem, acho que agora me vou embora, portanto não se importam de me tirar estes tubos e talvez dar-me alguma coisa para comer?

"Agora não pode ir, temos de o observar melhor, ninguém recupera de uma doença misteriosa neste hospital sem que saibamos tudo sobre ela."

Muriel entra e cumprimenta Stacey e diz-lhe que está contente por ele estar melhor.

"Pelo menos alguém está contente", diz Stacey desanimado.

Chegamos ao meu apartamento e ponho a chaleira ao lume enquanto Fran e Julie vão conversar com o *hamster*.

Ele gosta sempre de as ver. Olha o que te trouxe, diz Fran, e dá-lhe um biscoito, ele agarra-o com entusiasmo e enfiar nas grandes bolsas de cada lado do focinho, nem queiram saber na quantidade de coisas que este *hamster* consegue enfiar nestas bolsas, é outra dimensão, penso.

Continuam a falar enquanto faço chá e me sinto aliviado por ninguém me ter morto enquanto subi as escadas e por a porta não ter explodido quando a abri, ultimamente lembrei-me de que a assassina pode ser uma especialista em todo o tipo de armas capaz de me matar sem sequer se aproximar de mim, ou pode armadilhar-me a casa ou disparar um míssil telecomandado ou outras coisas assim.

Tento afastar estes pensamentos e concentrar-me a fazer o chá. Normalmente sou má companhia, qualquer pessoa que me conheça o admite, um caso perdido, sim, mas faz um bom chá.

Os meus problemas parecem longe de estar resolvidos. E se ela vem outra vez atrás de mim? E se a Direção Promotora de Lactínios decide que ainda tenho de morrer, por muito discreto que me tenha mantido? Até podem contratar outro assassino. E aquele chinês com a sua Tríade sempre atrás de mim? E a forma como a chuva me cai em cima quando saio e me põe o cabelo numa miséria? E o vento sempre a soprar-lhe em cima mesmo depois de eu passar mais de uma hora em frente ao espelho a penteá-lo bem? E estas olheiras escuras que não desaparecem? Ouvi num programa de rádio um médico a dar conselhos pelo telefone e liguei para lá mas a pessoa que atendia as chamadas, um laçao qualquer, disse que tinham chamadas mais importantes sobre cancro e assim para ter tempo de perguntar ao médico sobre as olheiras de um tipo qualquer, o que é que lhe faz pensar que o cancro é mais importante do que as minhas olheiras, começo por lhe perguntar, mas ele desliga-me o telefone, filho da puta. E a minha pele seca? E o barulho dos grandes camiões que propositadamente mudam de velocidade quando passam debaixo da minha janela? E na semana passada quando o homem da loja me tentou aldrabar no troco?

Estou deprimido por a vida ser tão dura.

O Professor Wing está num estado angustiante.

Toda a vida leu livros sobre a História Antiga das Ilhas Britânicas. Ninguém sabe mais sobre o assunto do que ele. Mas quando finalmente teve a hipótese de encontrar uma relíquia doutros tempos por ele próprio, estragou tudo. Agora acha que não pode voltar ao sítio, pelo menos disfarçado de trabalhador, de certeza que seria descoberto e preso.

Talvez depois de terem composto a rua ele possa formalmente anunciar a sua descoberta ao mundo. Depois uma equipa de escavação oficial pode furar a rua e encontrar a coroa e ainda ficará com os louros. Quem lhe dera ter feito isto logo assim.

Olha para os pés, ainda molhados da experiência desastrosa de hoje. Nem sequer os secou. E uma espécie de penitência subconsciente.

Pergunta-se se deve tentar devolver as roupas e o equipamento roubados ao município ou se apenas as atire para alguma entulheira. Não se consegue decidir. Cansado, liga o rádio para ouvir música clássica, gosta de música clássica.

Apanha um noticiário, mergulhadores continuam a ocupar a plataforma petrolífera enquanto os beaguins cruzam os mares para lhes entregar um mandato que lhes ordena que a abandonem. A reportagem faz-lhe lembrar vários momentos da história inglesa. Mais ou menos quase tudo lhe faz lembrar vários momentos da história inglesa.

Cheng ganhou o primeiro jogo por uma margem estreita e estão a começar o segundo.

Uma vez, há muito tempo, dois amigos jogavam para se divertirem num salão de jogos do outro lado da rua do apartamento que partilhavam no Soho, os jogos foram-se tornando mais competitivos à medida que dominavam melhor a técnica, lentamente tornaram-se rivais embora nenhum deles se apercebesse do que estava a acontecer, a sua destreza chamava a atenção de algumas pessoas que paravam pelo salão de jogos e as suas partidas começaram a chamar público, à medida que se tornavam cada vez melhores, mais e mais pessoas os admiravam, ficavam quietas em pequenos grupos fazendo comentários simpáticos entre os jogos, a rivalidade aumentou e Cheng começou a detestar Wu, saiu do apartamento com um pretexto qualquer e quase imediatamente ficaram inimigos, os seus contactos diminuíram ao ponto de combinarem onde e quando se encontrar, cada vez vinham mais e mais pessoas para os ver e quando jogavam a multidão já não ficava quieta ou amigável mas antes barulhenta, agressiva e hostil.

Cheng ganha o segundo jogo. Os apoiantes de Wu começam a ficar tristes. Parece que o acontecimento da noite anterior se vai repetir.

Tem piada como as pessoas solitárias que andam por ali sem ter nada que fazer nem muito para dizer naturalmente apoiam Wu. Apoiam-no com gritos encorajadores mas ele não consegue ouvi-los porque está em transe.

A coroa que Muriel encontrou tem poderes mágicos que só resultam nas mãos certas. Por ser vidente Muriel, sem querer, adquiriu esses poderes. Por isso, quando tocou em Stacey e desejou que ficasse melhor, ele recuperou imediatamente.

Como enfermeira é claro que está sempre a tocar nos doentes. A coroa despertou os seus poderes latentes e acrescentou-lhe outros, e todos os doentes em que toca ficam imediatamente curados. Isto alegra muitos doentes mas baralha os médicos que desconfiados ficam doidos com o surto de saúde que alastra pelo hospital.

Muriel há-de vir a reparar que há uma relação entre os acontecimentos e aperceber-se de que tem o poder de curar. Vai tornar-se uma famosa curandeira.

Isto no entanto há-de ser mais tarde, e por ora despacha-se pelo hospital a tentar fazer tudo bem feito, tal como quase todos os que trabalham no hospital anda sempre a correr e nunca tem tempo para fazer tudo o que é preciso.

Estão sistematicamente com pessoal a menos. Quando há alturas particularmente difíceis por causa das baixas do pessoal, todos parecem trabalhar vinte e quatro horas por dia. Entram em aparente estado de transe, percorrendo os corredores meios a dormir a tentar lembrar-se para onde vão.

Fran e Julie ficam em minha casa um bocado a ouvir música e a beber chá.

"Vêm ver-me amanhã para ter a certeza que ainda estou vivo?"

Julie diz que a professora de kung fu amanhã as vai visitar.

Nunca conheci a professora de kung fu, uma bruta, imagino, tragam-na, digo, por favor venham ver se estou vivo, se eu morrer não vão ter ninguém para vos levar *speed*.

Este argumento tem um peso considerável e elas dizem que sim, que aparecem se tiverem tempo, bem, obrigado, penso eu, não se incomodem, quer dizer, só se trata da minha vida. Mas não insisto.

Trouxeram alguma comida roubada para o meu apartamento e deixam-na comigo porque quando a noite chega não se podem dar ao luxo de pensar em coisas como comer. Dou-lhes o *speed* que lhes prometi, uma grande dose.

Depois de partirem barrico a porta e sento-me preocupado. Asseguro-me de que ninguém me vê de nenhuma das janelas, embora das janelas do meu apartamento não se veja nada porque estão tão sujas que é difícil dizer onde acaba a parede e começa o vidro, de qualquer maneira não arrisco.

Volto a pensar em vender as minhas BD e em arranjar dinheiro mas não me ocorrem ideias novas. Podia perguntar ao Feliz se tem alguma ideia luminosa mas ele foi-se deitar para digerir o biscoito e não gosto de o incomodar, deve estar a descansar antes de sair hoje à noite.

Tenho uma dor incomodativa nos pulmões e se há sítio onde as dores me preocupam é nos pulmões. Penso de imediato na forma menos dolorosa de me matar no caso de ter cancro no pulmão, não quero passar por esse sofrimento, só a ideia me faz suar. Examino a área com os dedos para me tentar convencer de que é só uma dor muscular mas não vale a pena, de certeza que tenho alguma coisa nos pulmões. Tenho medo de tossir porque posso deitar sangue.

Precipito-me para um espelho para ver como estou, é difícil ter boa impressão do estado dos pulmões ao espelho mas talvez pelos olhos possa ver alguma coisa.

Os meus olhos estão com um aspecto bastante mau.

Cheng ganhou com facilidade o terceiro jogo e agora está três a zero. Os apoiantes de Cheng riem-se e cantam enquanto o desânimo alastra pelo campo oposto.

O gerente do Big Value passa a hora de almoço ao telefone com a Pinelog Ltd. para saber mais detalhes sobre a Piscina Chalé estilo sueco. Põe a hipótese de fazer a encomenda mas segura-se, nunca se sabe, algum executivo maldoso ainda lhe pode querer suspender o bónus.

Depois de deixarem o apartamento de Alby, Fran e Julie voltam a casa para meter algum *speed*.

Questionam-se sobre os medos e as fantasias bizarras de Alby, nunca mais ficou o mesmo depois daquela história do leite e pensa que o mundo inteiro anda atrás dele.

"O que ele precisa é de meter mais droga."

Um dia vi-me à rasca para chegar a casa vindo de uma entrega.

Vou num autocarro quase a chegar a Brixton. O autocarro pára num engarrafamento e estou no andar de cima a olhar quando vejo um cego a atravessar a rua. Tem uma grande bengala branca e quer atravessar.

Estão duas pessoas com ele, uma alta e outra baixa, não sei se são amigos ou estranhos, mas, em vez de irem para o semáforo trinta metros acima, ficam ali à espera de atravessar numa corrida. Do outro lado do autocarro, que não consigo ver, ouço uma gritaria. Tenho medo que o cego morra, os companheiros arrastam-no para a frente e para trás à espera do momento certo para atravessar, finalmente há uma paragem no trânsito e atravessam a correr, estão quase a chegar ao outro lado e eu espero que consigam quando a gritaria aumenta e uma voz berra "Tira daqui essa faca!" Foda-se, penso, e encolho-me atrás do jornal. O que é que se passa, será que vai sobrar para mim?

O autocarro segue. Não vejo se o cego consegue ou não passar. Quem está com a faca não salta para dentro do autocarro para me esfaquear como eu temia. Mais uma vez escapo com sorte.

Do outro lado do corredor está um jovem gordo a falar com duas raparigas. É um maníaco extrovertido que enquanto fala desata a cantar um antigo número de *soul* chamado *What a Night*. Saem do autocarro antes de mim, o gajo é mesmo gordo, olho lá para fora enquanto sobe o passeio, bate com o punho na palma da mão, a seguir acerta no ar e desata novamente a cantar "*Get down on it!*", depois volta à conversa. Canta muitíssimo mal.

Saio do autocarro na paragem mais perto da minha casa. Subo a rua quando vejo duas crianças pequenas a brincar, bem, não estão propriamente a brincar, mas a pôr uma garrafa para furarem os pneus dos carros. Gosto tanto de ver pneus furados como os outros mas acho que o mais provável é o carro despistar-se a alta velocidade e atropelar as crianças e de certeza a mim e então atravesso a rua e tiro a garrafa. Olho irritado para os miúdos para os intimidar, chamo-lhes filhos da puta estúpidos e atiro a garrafa à sorte por cima da vedação que acompanha o passeio, mas atiro-a à sorte de mais porque quando chega ao cimo parte-se mesmo por cima de mim. As crianças ficam histéricas. Vou-lhes dar uma boa chapada nas trombas, mas fogem depressa de mais.

Vou-me embora envergonhado e atrás de mim ainda se ficam a rir.

Depois de todas estas experiências terríveis despacho-me para casa para me esconder e amuar.

Olho para os meus pulmões ao espelho. A dor parece estender-se.

Cada vez se torna mais difícil respirar, numa última tentativa desesperada, tomo umas vitaminas C o que parece ajudar, podem-se curar uma série de coisas com vitamina C, é verdade, disseram-me que a vitamina E retarda o envelhecimento e por isso eu praticamente vivo dela, ultimamente quando vou à loja de produtos naturais põem-me logo duas caixas em cima do balcão.

Fran e Julie foram embora e estou sozinho, fi-las prometer que me vinham ver amanhã e acho que até essa altura vou estar bem. Entretanto não sei o quanto me devo preocupar. Ponho o *Captain Sinbad* no gira-discos, acho sempre que gira-discos não é grande nome para lhe chamar mas foi assim que me ensinaram.

Olho para o chão da cozinha que tem uma camada de lixo, de batatas fritas e de folhas de alface velhas, bem, dá-lhe uma atmosfera simpática, tiro uma panela para aquecer água para o chá, há pouco tempo derreti a chaleira porque estava distraído com a caixa de ritmos e ainda não consegui comprar outra, não é fácil comprar uma chaleira nova, sabem, há imensos tipos diferentes para escolher, eu queria um modelo altamente tecnológico mas essas devem custar uma fortuna e hei-de acabar com uma qualquer utilitária e barata.

Wu está a perder cinco a zero e os seus apoiantes estão desanimados e envergonhados. Cheng chegou ao auge do seu desempenho. Nunca ninguém jogou o *Kill Another One* como ele.

Depois do quinto jogo param. de cinco em cinco jogos intervalam. Cheng fala com os seus adeptos, Wu fica calado. No meio da multidão estão alguns polícias que patrulham a área do Soho. Apoiam Cheng. Os polícias não são grande coisa na meditação.

June está deitada em cima da cama.

Verificou que a arma se encontra em boas condições. Amanhã volta a Brixton para matar Alby.

Arrasto-me pelo apartamento à espera do amanhã.

Nunca consegui soletrar amanhã, tal como endereço¹ é uma das palavras mais difíceis da língua e provavelmente ninguém a consegue soletrar correctamente.

Olho para uma revista que apanhei do chão algures fora do bairro. Tem imensos artigos feitos para ler piada mas podia bem ter sido escrita numa língua estrangeira para a graça que tem. Também traz um anúncio de um concurso literário, o Prémio Sinclair ou uma coisa assim, diz, envie o seu livro de crítica social, punheteiros, penso, a anunciarem livros socialmente empenhados nesta revista luxuosa e pretensiosa, o que é que podem saber de consciência social é exactamente o que é que querem dizer com isso, deve ser qualquer coisa que possam discutir em programas de letras na televisão sem se envergonharem.

Mando a revista pela janela e leio umas BD.

O dia seguinte está quase a chegar, não sei o que irei fazer.

Stacey continua detido à força na cama do hospital, tinha chegado a acolher a ilusão de que havia algo de voluntário em se estar no hospital, mas aparentemente não, não lhe vale a pena pensar que o vão deixar sair só porque se sente melhor.

Mas pira-se da cama entre as visitas dos médicos e vê uma nova paciente a ser trazida, fica surpreendido por a reconhecer, é Pamela Patterson, a jovem que conheceu na livraria em segunda mão a quem deu o telefone de Alby. Aparentemente apanhou uma sova. Foi encontrada assim numa viela em Brixton, diz-lhe uma enfermeira.

"A polícia diz que foi um *gang* de pretos que lhe bateu."

Pamela está agarrada a um saco de BD.

June mete-se no carro e arranca. Vai completar a missão. Pensa na falta de mulheres filósofas, ou então nas que não publicam.

O chinês está angustiado no seu clube.

Sorri aos clientes e enquanto eles tropeçam à sua volta fazendo mais barulho do que é humanamente possível pensa se serão pessoas a sério. Um homem aproxima-se dele, o homem pensa, podes ser o dono disto mas não passas de um chinês e eu sou inglês e além do mais sou lorde portanto a questão de quem é melhor nem se põe.

Ele fala simpaticamente com o lorde. O chinês presume que quando encontrar a mulher com quem vai casar esta vai ter parentes como estes noctívagos do clube já que ela vai pertencer à aristocracia, de qualquer forma não há-de ter que conviver muito com eles em clubes, pois o que tem em mente é mais na linha das grandes festas em tendas de jardim, jantares na mansão da família, ele tem o dinheiro, por isso de certeza que outros podem providenciar o requinte. Olhando à volta, não tem tanta certeza disso.

A mulher que ensina kung fu a Julie chama-se Chi. Teve sorte de fugir da Birmânia quando o Barão que servia foi morto numa grande ofensiva armada. Como sua guarda-costas lutou lealmente até ser forçada a fugir quando a situação se degradou a um ponto irreversível e o Barão foi morto. Tanto quanto sabe foi o único elemento da sua guarda pessoal que escapou, fugiu através do Camboja e do Vietname na companhia de outro empregado do Barão.

Na verdade, durante uns tempos as coisas pareciam até estar a correr bem porque quando fugiram conseguiram levar com eles uma glande quantidade de ouro do aquartelamento. Mas à saída do Vietname o companheiro enganou-a e deixou-a sem recursos. Sozinha e sem tostão teve muita dificuldade em deixar o país e muita sorte em escapar com vida.

¹ No original *tomorrow* e *address* respectivamente (N. da T.).

Agora está satisfeita. Em princípio prefere ensinar kung fu em Brixton a fazer parte de uma guarda armada na Birmânia, muito menos perigoso mesmo que menos apaixonante.

Muriel senta-se em casa e examina a coroa. O seu formato é simples, pouco mais do que um aro liso de ouro com algumas runas gravadas, quando a toca sente um formigueiro.

Agora que a tem não sabe o que lhe há-de fazer. O que é que se faz com um tesouro arqueológico antigo que aparece a flutuar num buraco na estrada numa velha caixa de madeira? Pensa que a devia entregar a um especialista qualquer.

Coloca-a na caixa de madeira meia desfeita e mete-a num armário antes de ir para a cama.

Está cansada, está sempre cansada, trabalha muito.

Uma equipa oficial da detecção de problemas nas estradas municipais examina o misterioso buraco inundado na rua.

Como, perguntam-se, surgiu aqui este buraco *oficioso*? A Câmara não tem qualquer registo de ter mandado alguém para lá, nenhum registo de qualquer trabalho ser necessário naquela área. O assunto é muito complexo e quanto mais pensam mais intrigante se torna até começar a tomar proporções tipo Triângulo das Bermudas.

Os jornalistas empolam a história. BURACO MISTERIOSO CAUSA INUNDAÇÃO EM BRIXTON - TERÁ SIDO UM METEORO?

"Cientistas e operários municipais ficam hoje desconcertados com a aparição de um novo e estranho buraco no pavimento do Sul de Londres."

Estou acordado na cama e preocupo-me com tudo em geral, o meu sangue não parece estar muito bem e penso que devo ter contraído SIDA.

E difícil fazer um teste de sangue mesmo quando se tem a certeza de sofrer de uma terrível doença mortal, se se for ao hospital e se pedir educadamente para porem a ciência médica ao nosso serviço e darem uma vista de olhos ao nosso sangue enquanto se espera eles mandam-nos para o Inferno. Filhos da puta.

Uma vez em desespero fui dar sangue, esperando que se algo de errado se passasse comigo iriam descobrir já que não enfiam sangue por testar nos corpos dos doentes, não que eu acredite que o serviço de transfusões seja tão altruísta como quer parecer, na verdade esperava que pegassem no sangue e o vendessem aos Estados Unidos.

Dar sangue não foi assim tão mau e fez-me sentir corajoso e útil aos outros, não doeu nada mas temos de ficar deitados numa mesa cerca de meia hora com aquilo a sair-nos do braço, imaginava-os a fazerem-me um buraco na veia e em trinta segundos tirarem uma caneca de sangue mas por alguma razão demora mais tempo. Entra para um saco transparente para onde podemos olhar se nos sentirmos mórbidos. E se houvesse um incêndio e todos fugissem e nos deixassem ali esparramados com um tubo no braço?

Mas depois de dar sangue e de me deitar a descansar vou tomar o chá que me tinham prometido e a enfermeira recusa-se a dar-mo, por que raio acha que eu ia dar sangue se pensasse que no fim não ia ter direito nem a uma chávena de chá? Ela conta-me uma história estúpida sobre ser a primeira vez, bem, não lhe posso dar chá, tinha algo a ver com a temperatura do corpo, tudo o que me deu foi um sumo de laranja o que não é a mesma coisa.

Têm biscoitos e como tantos quanto posso mas também não me dão pastilhas de ferro, fraca maneira de tratar os heróis nacionais, se querem saber.

O chinês está enfiado no seu escritório no clube nocturno. Pensa em pôr um anúncio pessoal numa revista e em como o deve escrever "Oriental belo e rico, negociante em drogas procura mulher aristocrata." Não, não lhe parece bem. Tem de o melhorar um bocado.

Wu faz alguns progressos e ganha um jogo. Está num estado de meditação profundo e a sua consciência deixou o corpo e passou para a máquina que tem em frente. Como máquina olha para fora e joga com o corpo.

A multidão gera muito calor e o salão de jogos está a abarrotar, cheio de barulho e fumo de cigarros. Este é um bom ambiente para jogar e Cheng adora-o, tirando forças do ar poluído.

Fran e Julie vão ao *pub* local com dinheiro suficiente para uma bebida e meia mas cheias de certeza de que conseguem arranjar mais alguma. É um sítio simpático e elas conhecem muita gente que lá vai e mesmo que a maioria esteja tesa é natural que apareça alguém com dinheiro para emprestar e se não aparecer também sobrevivem, meteram *speed* suficiente para fazer levitar um rinoceronte, por isso não se vão chatear completamente.

O *pub* onde vão em Brixton é tolerável, frequentado por pessoas muito preocupadas em pintar o cabelo da cor certa e em continuar a viver sem morrer à fome antes do próximo dia do subsídio da segurança social, a segurança social é uma

conhecida inimiga da sociedade cheia de funcionários superiores que têm prazer físico em ver as pessoas morrer à fome, sim, já lhe mandámos o dinheiro, dizem ao telefone quando na verdade perderam os papéis do pedido, não fazem a mínima ideia onde estão e estão-se completamente borrifando para o assunto.

O *speed* começa a fazer efeito quando chegam ao *pub* e lá entram todas contentes e gastam todo o dinheiro que têm numa bebida e meia que partilham, demoram alguns segundos a beber e olham à volta entusiasmadas à procura de alguém que lhes pague mais. Julie agita o volumoso cabelo em arco-íris com as mãos e faz o mesmo ao cabelo rapado de Fran.

Bem, a quem é que vamos cravar bebidas, perguntam uma à outra, que tal àquela mulher ali, não a encontrámos já uma vez?

Acordo com a colcha por cima da cabeça.

Considero isto um presságio e resolvo não sair da cama hoje. Fico durante um bocado confortavelmente deitado, acordar sem ter de sair da cama é na verdade uma das coisas de que mais gosto, a não ser que acorde doente.

Então fico ali deitado sem qualquer intenção de me mexer num futuro próximo quando ouço bater à porta.

Jesus, quem será a esta hora da manhã, ponho o braço fora da cama e procuro levemente, às apalpadelas, o meu relógio, por milagre está perto e vejo que são onze e um quarto, que estupidez virem incomodar alguém às onze e um quarto, penso, não me quero levantar e além do mais ainda tenho medo de batidas na porta porque pode ser a Pamela Patterson ou aquele oriental que me anda a perseguir.

Então decido não responder mas quando voltam a bater lembro-me que pedi à Fran e à Julie que me viessem ver hoje e que elas vão estar com a professora de kung fu que é sem dúvida uma fanática da vida saudável dada a percorrer as ruas antes do nascer do sol. Assim, levanto-me e olho para o espelho, encontro umas calças no chão e meto-me dentro delas, mais uma vez olho para o espelho, tento pôr o cabelo no sítio, aperto as calças, olho para o espelho, e dirijo-me à porta da frente.

Espreito pelo óculo da porta e fico admirado por ver June, a pessoa com quem dormi depois do concerto na outra noite, quem diria, ela deve ter gostado mesmo muito de mim para descobrir onde vivo e me vir visitar.

Abro a porta entusiasmado e ela saca uma arma do bolso e aponta-ma ao peito.

Crosby e Withers estão a conferenciar no Quartel-General do Leite.

Alby Starvation ainda está vivo, observa Crosby com desagrado.

"Não pôde ser evitado", diz-lhe Withers.

"A agência não ia adivinhar que a pessoa que mandaram se ia converter antes de lá chegar."

"O que é que lhe aconteceu?"

"Ainda anda a distribuir panfletos. E antes que o assassino seguinte conseguisse chegar ao Sr. Starvation ele foi misteriosamente avisado e desapareceu. Mas um destes dias morre."

"Ótimo", diz Crosby. "Agora, sobre aquele ramo da cadeia Big Value que te anda a tentar incriminar. Não podemos deixar que as cadeias principais promovam o leite de soja, não pode ser, o nosso objectivo tem de ser desgraçar o gerente e difamar esse produto, nenhum desses objectivos há-de ser muito difícil, provavelmente ele já é um vigarista. E esse leite de soja deve ser uma porcaria, nada que é feito de soja presta."

Concentram-se a discutir os pormenores. Depois de fazerem o plano Withers folga o resto do dia. Vai aos escritórios do Instituto de Directores e dirige-se a um departamento no andar de baixo. Há um letreiro na porta que diz: "Departamento de Anulação de Processos Criminais."

O gerente do Big Value está a comemorar com a mulher.

Estão a jantar num restaurante e a seguir vão a um clube, a mulher do gerente está entusiasmada porque raramente sai de casa. A refeição é caríssima. Ela fica espantada como se pode levar tanto dinheiro por comida, o que quer que lhe tenham feito. Mesmo assim isto não é nada para um homem que vai receber um bónus, por isso tenta não se ressentir com a despesa, dá-me esse dinheiro para gastar durante o dia e eu deixo de andar tão aborrecida, pensa.

Depois preocupa-se se não será demasiado velha para ir ao clube mas o marido garante-lhe que conhece o sítio certo, algures no Soho, onde vão os seus directores quando se querem divertir.

Os espinafres são tão maus como a alface, pega-se neles e metem-se numa panela a ferver durante um bocado e quando estão prontos olha-se lá para dentro e pensa-se: por amor de Deus, isto é alguma piada, quer dizer, de certeza que

ninguém come este tipo de coisas por prazer. Ficam ali a parecer fungos verdes e raros, dizem-me que têm muito ferro mas pessoalmente preferia mastigar os talheres.

Quando me recomponho descubro que não sabem tão mal como parecem mas isso não é dizer muito. Tento impingir-las ao *hamster* mas ele não os come, Já sou suficientemente saudável, diz ele.

Há uma profunda relação entre o mau sabor da comida e o seu valor nutritivo mas temo que esteja para além da minha capacidade mental determiná-la. Parece que alguém me está a tentar ensinar uma lição, se queres continuar a viver, Alby, tens de comer uns espinafres de vez em quando.

Fran e Julie estão completamente fora.

Saem do *pub* à hora de fechar e dirigem-se ao buraco infestado de ratos na esquina onde vai haver um concerto qualquer, um amigo simpático leva-as até lá e empurra-as para a porta, elas não tem dinheiro mas conhecem o porteiro e ele deixa-as entrar porque sabe que se não as deixasse só lhe iam arranjar problemas.

"Até agora não tem sido uma má noite", diz Julie a Fran.

Fran concorda entre dentes.

Não compreendo este desenvolvimento dos acontecimentos. Por que é que ela me está a apontar uma arma? Será que fiz alguma coisa de errado na cama? Não pode ter sido assim tão mau para ela.

Talvez queira as calças da tropa de volta, só tem de pedir. Tento dizer alguma coisa mas não consigo. Noto que June está um bocado baralhada.

"Tu és o Alby Starvation?", pergunta.

Aceno com a cabeça.

"Estou aqui para te matar", diz ela. "Trabalho para a Direcção Promotora de Lacticínios."

Acho difícil de acreditar e vou-me abaixo das canetas. Ela entra e fecha a porta atrás dela, continua a apontar-me a arma ao peito.

June bate à porta, nada, bate outra vez, passado um bocado ouve passos. Quando a porta se abre tira a arma, aponta-a, e está quase a premir o gatilho quando para sua surpresa percebe que a pessoa que vai ser alvejada não é mais nem menos que o homem com que foi para a cama há umas noites.

"Tu és o Alby Starvation", pergunta, e ele responde que sim e parece apavorado.

June não pode acreditar. Anda uns passos para a frente e fecha a porta atrás dela. Não sabe o que fazer, nunca lhe tinha acontecido nada de semelhante. Matar alguém que se conhece não parece bem a mesma coisa do que matar alguém que nunca se viu e o facto de ter ido para a cama com ele faz com que as coisas ainda pareçam mais estranhas.

Ela gostava de atirar e acabar com isto, reconhece que provavelmente seria a melhor política mas por alguma razão não o consegue fazer.

E difícil compreender este desenvolvimento. Quantos assassinos é que a Direcção Promotora de Lacticínios contratou?

"Mas tu não és a Pamela Patterson", digo.

Ela não responde, é difícil manter a conversa com uma arma apontada ao peito. Esta é a pessoa com quem eu dormi. E demasiado horrível para imaginar. Quem era a Pamela Patterson? Por que é que ela fingiu que me andava a querer matar? Mas não tenho tempo para pensar nisso porque pode ser a minha imaginação ou o meu hiperdesenvolvido sentido de auto conservação mas parece-me que o dedo de June está a pressionar o gatilho.

"Não me mates", choramingo, na falta de algo melhor.

"Tenho muita pena mas tem de ser. Tenho um contrato."

"Mas ainda no outro dia dormimos juntos. Gostamos um do outro "

"Uma coisa não tem nada a ver com a outra."

"Mesmo assim, de certeza que não me podes matar,"

Tenho a certeza que deve haver uma linha de argumentação melhor mas nesta altura escapa-me. Tenho de continuar a choramingar. Como é que isto pôde acontecer? Será que alguém planeou tudo? Talvez ela sempre tivesse sabido quem eu era e tivesse querido ir comigo para a cama antes de me matar, por alguma perversão, o mundo está cheio de gente estranha e não me admirava nada que os assassinos profissionais tivessem facetas peculiares e desagradáveis de personalidade. O medo encharca-me de suor.

"Parecias sozinha na outra noite e eu fui simpático contigo, de certeza que me queres matar?" Isto soa melhor, acho. Sinto o sangue a evaporar-se-me nas veias.

June pensa no que Alby diz.

De um ponto de vista profissional, não tem razões suficientes para não o matar, e se deliberadamente se recusar a cumprir o contrato a agência vai despedi-la e não arranjará mais contratos e a sua fonte de rendimentos desaparecerá. Em princípio o trabalho já devia estar feito, devia ter atirado antes de a vítima ter tido tempo de abrir a boca. Normalmente as vítimas nem a chegam a ver. A conversa de Alby faz dele uma pessoa real e deixa-a sem coragem.

Não sabe o que fazer.

O gerente do Big Value e a mulher dançam no clube que em parte é do chinês. Ela pensa que é o pior sítio onde já esteve na vida.

Não são já horas de ir para casa?

A coroa que Muriel encontrou é um poderoso ícone.

O mágico que a usou na guerra com o país vizinho no tempo de Etelredo, o Incauto originalmente localizou-a no Egipto, onde já nessa altura era antiga, e trouxe-a para a Grã-Bretanha depois de negociar com o seu dono. Nessa época poucos britânicos tinham ido ao Egipto e ele, como curiosidade, foi lá muito bem recebido. Sabiam que era um bruxo mas que não tinha poderes suficientes para lhes fazer mal, no Egipto praticam magia desde tempos imemoriais. Mas ele levou-lhes umas plantas do norte que de outro modo teriam dificuldade em arranjar e também um bocado de um meteoro, por isso deram-lhe a coroa e mandaram cumprimentos para toda a gente na Grã-Bretanha.

Ele usou a coroa para derrotar o vizinho, também um mágico, mas que normalmente não estava disposto a fazer mal aos outros. Podia ter ido muito mais longe e conquistado o país inteiro mas subitamente os seus interesses voltaram-se para a ciência e para a matemática em vez da magia.

Então meteu a coroa numa gaveta e começou a fazer cálculos sobre a rotação dos planetas e assim, coisas que tinha visto no Egipto.

Uma vez perdi um *robot* de brincar numa caixa de biscoitos num autocarro.

O meu coração está dilacerado. Ambos são prendas, é um *robot* fantástico e eu despacho-me para casa para brincar com ele, entro rapidamente na loja de biscoitos para encher a minha caixa nova e entro no autocarro, planeio passar o dia a comer biscoitos e a brincar com o *robot*. Mas deixo-o no autocarro.

E uma experiência terrível e fico muito perturbado ao pensar naquele *robot* a ser raptado e levado para casa por um estranho. No dia seguinte vou à secção de perdidos e achados dos Transportes de Londres mas eles negam algum conhecimento do caso.

Presumo que alguém do pessoal deles esteja metido nisto. Quando pergunto por um *robot* de brincar e por uma caixa de biscoitos algumas pessoas à volta começam-se mesmo a rir. Filhos da puta.

Pobre robot.

Fran e Julie estão indescritivelmente desfeitas.

Quase chegaram ao apartamento mas na última esquina esqueceram-se do caminho, depois de passarem uns segundos a pensar no caso esquecem-se do que estavam a tentar fazer e resolvem sentar-se no passeio e gorgolejar na noite. Podiam ali ficar muito tempo mas um simpático vizinho de volta de uma sessão tardia de cinema encontra-as e leva-as para casa. Quando chegam ao *squat* o vizinho encontra a chave de Fran e abre a porta, boa noite, diz ela, enquanto tropeçam para dentro.

Quando chegam ao primeiro sítio suficientemente grande para se deitarem caem no chão e adormecem.

Wu está a recuperar. No seu estado alterado começa a ultrapassar a concentração consciente de Cheng.

Algures no fundo do salão de jogos, no seu escritório, o gerente conta dinheiro, uma das coisas de que ele gosta no salão de jogos é da contagem do dinheiro. Considera a presença física das notas e das moedas imensamente satisfatória, duvida que fosse mais feliz a trabalhar em fraudes informatizadas.

Tem salões de jogos na cidade inteira. Alguns são legais enquanto que outros não são mais do que fachadas de empresas criminosas. Quando quer expandir as suas actividades telefona a um inspector da polícia e pede uma licença, o inspector diz que sim, é claro que pode, só um segundo para eu ver a lista de preços.

A medida que conta o dinheiro o gerente do salão põe uma percentagem de lado. É o dinheiro para o inspector da polícia. O inspector chega, bom dia, como está, diz, são bastante amigos, não têm problemas nos arranjinhos, o inspector

dá o dinheiro a um guarda que está com ele e diz-lhe para esperar no carro enquanto toma uma bebida e conversam, passados uns minutos a trocar notícias vai embora e dirige-se ao próximo ponto de recolha.

O guarda que o conduz está contente por lá estar e ansioso por aprender o negócio e à espera de uma promoção na carreira.

Quando chegam a casa, do clube, o marido está um bocado bêbado. Resmunga referências indirectas a *gangs* internacionais de roubos de lojas e a jornais socialistas que são vendidos todos os sábados à porta da sua.

"Provavelmente envenenaram o gato."

Ela pensa na vida, não consegue perceber como acabou assim. Não é que odeie o marido ou que não goste dele, só que toda a sua existência parece ser um tédio completo. Enquanto ele cai na cama ela fica a pé, sentada na cozinha numa cadeira dura de madeira, apetece-lhe ler qualquer coisa mas não consegue encontrar um livro, para onde é que foram todos os meus livros? Olha então para as paredes. Por que é que pusemos na cozinha um papel de parede tão feio, pensa. Depois lembra-se que o viram num suplemento colorido de um jornal.

Quando pensa a sério nisso não há muitas coisas no apartamento de que goste. Não é que alguma coisa seja especialmente de mau gosto, é só que é imensamente aborrecido. E por que é que, pensa, hei-de passar a minha vida rodeada de papel de parede chato.

Foda-se isto tudo, quer dizer, ninguém vai para a cama com uma estranha e quase no dia seguinte a encontra com uma arma à porta de casa a pedir-lhe que diga as últimas orações.

Sei que não me vou conseguir convencer de que isto é tudo um sonho por isso fico parado e choramingo um bocado e questiono-me sobre a rapariga que ataquei em Brixton, desculpa, Pamela, é como vês, anda uma assassina atrás de mim e eu a pensar que eras tu, um erro compreensível. De certeza que vais perceber. Sim, agora sei que só me querias vender umas BD mas julgava que era para disfarçar. Ainda estás interessada em vendê-las?

Isto presumindo que vou continuar vivo daqui a uns minutos e neste momento não estou muito confiante, bem, acho que nunca confio muito em estar vivo nos minutos seguintes ou assim mas isto é pior do que o costume.

Faço o último gesto de um homem desesperado e pergunto a June se quer um chá.

Withers arranjou as coisas no Departamento de Anulação de Processos Criminais no Instituto de Directores, mostrou-lhes o cartão de membro e contou-lhes aquilo de que foi acusado e onde ocorreu e eles entram em contacto com a polícia para que tudo seja esquecido. Nós tomamos conta dos nossos membros, dizem no Instituto, é para isso que servimos.

Depois Withers planeia a sua vingança contra o gerente do Big Value de forma a arruinar-lhe completamente a carreira ao mesmo tempo que arruma de vez com o leite de soja. Isto não deve ser difícil, estas coisas nunca o são, o seu departamento está sempre a fazê-las.

Depois de o mago se ter desinteressado pela coroa ela caiu em desuso. Ele estava a desenvolver um novo conceito matemático para guerrear e já não via utilidade em usar coisas mágicas, mesmo assim apercebeu-se de que outros lhe podiam tentar roubar a coroa e por isso escondeu-a e pediu à secretária que escrevesse um código críptico do seu paradeiro. E ali ficou esquecido durante séculos até que o documento, enterrado no tremor de terra, foi, por sorte encontrado pelo professor.

Quando Muriel abriu a caixa uma forte onda de energia mística varreu a zona. Esta energia foi sentida por algumas pessoas ligadas a estas coisas. Algumas delas andam agora a tentar descobrir a fonte de energia.

Na sua folga Muriel leva a coroa a um departamento da universidade que fica perto do sítio onde vive. Entrega-a à secretária da Faculdade de História que lhe garante que a vai mostrar a alguém que saiba do assunto. A secretária pensa que Muriel é uma louca que encontrou uma peça velha de metal nalgum sucateiro ou assim e livra-se dela tão depressa quanto pode.

Stacey, completamente recuperado mas ainda confinado ao hospital, procura Pamela Patterson. Encontra-a deitada na cama com a cabeça ligada. Ela reconhece-o mas não parece contente ao vê-lo.

"Obrigada pelo número de telefone," diz. "É sempre bom ser posta em contacto com um maníaco violento."

Stacey não compreende. "O que é que queres dizer com isso?"

Ela diz-lhe que a pessoa cujo número de telefone ele lhe deu, o que disse poder estar interessado em comprar as BD, a atacou numa viela. Perigoso e sem ter sido provocado.

Stacey está espantado. "Isso não parece do Alby."

"Não digas."

"Roubou-te as BD?"

"Não."

Stacey está intrigado. Não parece nada do Alby atacar alguém embora o imaginasse a enlouquecer e a ficar violento por ver uma BD que não pudesse comprar.

"Contaste à polícia quem foi?"

"Não."

"Porquê?"

"Não me perguntaram."

June está completamente descoroçoada por a suposta vítima lhe estar a oferecer um chá e desiste da tarefa. Que se lixe, provavelmente consigo arranjar outra agência, pensa ela, ou então arranjar um emprego num escritório qualquer.

Guarda a arma. "Está bem, Alby, acho que não te consigo matar já que nos conhecemos. Sabes que não é nada ético desistir de um contrato assim."

"Talvez não seja ético matar alguém com quem se foi para a cama", diz Alby aliviado. "Como um médico a operar uma amante?"

Vão para a cozinha, June olha para a confusão enquanto ele faz o chá, este é o tipo de casa onde se tem de limpar os pés à saída. Quando conheceu a identidade da suposta vítima, ficou espantada, mas já recuperou, estas coisas acontecem num universo infinito, aqui está ela agora a tomar chá com ele.

Alby não a incomoda, pode ser o número quatro na lista de pessoas por quem ela não sente uma grande aversão.

O Professor Wing, completamente desmoralizado, chega à universidade para trabalhar. Diz bom dia à secretária do departamento que lhe responde, alguém trouxe uma coisa ao departamento, parece um bocado de metal velho mas tive de ser simpática e prometi-lhe que a mostrava a alguém, quer dar-lhe uma vista de olhos?

Traz a coroa.

O professor pega nela, reconhece imediatamente pela forma que deve ser muito antiga. Examina as runas à volta. Mal as lê apercebe-se do que é.

Fica gelado por dentro. Como a coroa não podia ter aparecido aqui por acidente alguma força externa deve ter entrado em jogo. Espera ser atingido por um raio divino ou preso pela polícia.

Quando nada disto acontece consegue, não sem dificuldade, falar com a secretária. Pergunta-lhe pela pessoa que entregou a coroa. Pela descrição reconhece a mulher e uns segundos depois pensa no que deve ter acontecido. Ela deve ter voltado ao sítio depois de ele partir e de alguma maneira encontrou a coroa. Mas como é que sabia que a devia entregar aqui? Terá isto tudo sido uma coincidência?

"Ela disse se voltava?", pergunta.

A secretária diz-lhe que sim, disse que ia tentar voltar para saber se a peça metálica era importante.

Wu está agora ao mesmo nível de Cheng.

A multidão está espantada com o extraordinário desempenho de ambos os jogadores, Cheng transpira e pragueja, Wu está absorto.

A consciência de Wu expandiu-se de tal forma que agora integra todas as dos que estão na sala. Através dos olhos do gerente vê o inspector da polícia chegar e partir. Apercebe-se de que o gerente o usa a ele e a Cheng para ganhar dinheiro. Vê o ecrã em frente a Cheng e sente o seu desejo de ganhar. Experimenta a concentração fixa dos espectadores.

Em harmonia com o salão de jogos, as máquinas e as pessoas, Wu sabe que pode ganhar.

Chi, fresca dos exercícios matinais, bate à porta do *squat* onde vivem Fran e Julie. Elas convidaram-na para passar lá o dia mas ninguém responde e por isso bate outra vez. Para surpresa sua a porta abre-se. Um bocado preocupada, não vá alguma coisa de errado ter acontecido, entra no prédio.

Ao passar pela primeira esquina na grande e escura entrada encontra prostrado o corpo de Fran amontoado por cima do de Julie. Chi está alarmada, mas aliviada quando o corpo resmunga e mexe, pelo menos não estão mortas, empurra Fran com a ponta do pé o que produz mais um gemido. Chi vê que não foram atacadas, baleadas ou envenenadas estão mas é a sofrer por terem abusado do físico.

"Bom dia, Julie!", diz ela à figura ainda inconsciente que está por baixo. "Vim visitar-vos por me terem convidado. Querem que vos faça um chá?"

Julie e Fran gemem em uníssono.

Julie abre os olhos. "Ainda não dormi. Que horas são?"

"Passa do meio-dia e vocês prometeram-me almoço, mas esqueçam, levantem-se, preparem-se e vamos dar uma volta."

Fran levanta-se a uma velocidade inesperada.

"Desculpa", diz ela. "Tenho de ir vomitar."

No dia seguinte o gerente, ligeiramente resacaado, está no escritório antes da hora de abertura. Na loja uma das supervisoras está quase a abrir as portas para mais um dia de negócio quando vê uma série de tipos grandes que se aproximam. Batem na porta de vidro.

"Só um segundo", grita ela para fora. "Estou quase a abrir."

A porta desfaz-se em pequenos fragmentos quando um dos homens a pontapeia, abre caminho através dela chutando com força os restos e entra no Big Value. Os outros seguem-no.

"Bom dia, menina", diz ele, mostrando-lhe o seu bilhete de identidade. "Somos polícias. Queríamos falar com o gerente. Onde é que ele está?"

A supervisora está em estado de choque. "Por que é que não esperaram que eu abrisse a porta?", pergunta, com as chaves ainda na mão e vidros no cabelo.

"Não é assim que fazemos as coisas, meu amor. E fizemos-te uma pergunta. Onde é que ele está?"

Estou a tomar chá com June, ela guardou a arma o que é um alívio, posso garantir-vos.

Não sei de que falar e a conversa torna-se um bocado forçada, não quero dizer nada de errado não vá ela mudar de ideias.

"Como é que estão as tuas plantas?"

"Tu não gostas de plantas."

"O chá está bom?"

"Está."

Não me parece que esteja a correr muito bem. Tenho dificuldades em ser natural com alguém que, ainda há uns momentos, tinha tudo pronto para me mandar para os anjinhos. Não sei se lhe deva falar de Pamela Patterson mas acho que não, apercebo-me de que ainda estou meio despido e que ainda por cima o meu cabelo deve estar numa confusão, desculpa, mas vou-me vestir, murmuro, e dirijo-me ao quarto.

Que situação única esta, penso, enquanto remexo no chão à procura de alguma coisa para vestir. Ela segue-me e apanha-me a olhar para o espelho.

"Por que é que és tão vaidoso", pergunta.

"Quem, eu? não acho que seja vaidoso, por que é que dizes isso, só estava a ver se estava doente, sabes que sou um homem doente."

Ela olha à volta e comenta a extrema desordem do quarto. "Surpreende-me que consigas encontrar a cama."

"Gosto disto assim. Torna a vida um desafio."

Ela olha para as minhas BD cuidadosamente empilhadas contra as paredes.

"Estas parecem um bocado estúpidas", diz.

Estou chocado. Humilhado. Estúpidas? As minhas BD? Estúpidas? Ela tem sorte de ter uma arma com ela. Ninguém chama estúpidas às BD de Alby e fica para contar a história.

Empatados começam o último jogo. Wu não precisa de se preocupar ou apressar, os seus movimentos, embora rápidos para os que olham, são lentos e cuidadosos dentro de si. Para Wu o tempo abrandou.

Agora que sabe que pode ganhar, inesperadamente está num dilema. Auscultou a mente de Cheng e dos seus apoiantes e agora pergunta se a vitória é tão importante para si a ponto de querer causar tanta tristeza aos seus opositores. Vê que a derrota vai ser um golpe muito duro para Cheng e que lhe vai provocar muito mal e muita dor.

Por outro lado os seus adeptos dependem de si, ainda não entende a razão por que estão tão ligados ao seu sucesso ou ao seu fracasso. Está um jovem junto a ele que desesperadamente deseja que ganhe, mas Wu vê-o por dentro e sabe que nunca se conheceram. Consegue ver a extrema solidão do jovem à medida que se aproxima e se conforta com a presença de Wu.

"Desculpa", diz Julie a Fran, "mas se já acabaste de vomitar na retrete talvez me possas dar a vez."

"Não podes usar o lavatório?"

"Ainda está entupido."

Chi faz-lhes chá. Passado bastante tempo aparecem, estão com um aspecto terrível.

"O que é que comeram ontem à noite?"

Julie parece inocente. Não quer contar à professora de kung fu que consumiu uma grande quantidade de álcool e de substâncias ilícitas.

"Nada, não foi nada."

"Então por que é que estão a vomitar e parece que vão morrer?"

"Qualquer coisa que comemos", adianta Fran.

"Sim", diz Julie. "Deve ter sido qualquer coisa que comemos."

"Deve ter sido alguma coisa muito má para vos deixar às duas estendidas no corredor."

"Deve-nos ter afectado muito depressa. A salmonela pode ser muito perigosa quando ataca."

Wu deliberadamente perde o último jogo e dá a vitória final a Cheng.

O Professor Wing olha com amor para a coroa. Lê as runas. Sopra um bocado de pó dos lados, olha-a à luz.

Pergunta-se como há-de anunciar a descoberta ao mundo? Com ou sem sinceridade?

A secretária liga-lhe.

"A mulher que entregou o embrulho está de volta. Quer falar com ela?"

O professor não a quer ver mas sente-se incapaz de recusar. E se ela o reconhece como o trabalhador que estava a esburacar a rua? Mas talvez não, apesar de tudo ele fica com um aspecto muito diferente de fato.

Ela entra no gabinete.

"Olha, é o homem que estava a furar a estrada", diz ela.

Enquanto Cheng e os amigos comemoram, Wu procura o jovem que estava ao seu lado durante o jogo e tenta animá-lo. Mais admiradores seus se juntam e ele também os tenta animar a todos. E uma tarefa difícil.

Apesar de não ser muito sociável, Wu vai com os seus apoiantes a um *pub* perto dali.

De volta à cozinha ligo o rádio para colmatar as falhas da nossa conversa.

Ouçó a notícia de uma nova exposição de história natural britânica. História natural significa animais e plantas, sempre achei que era um termo estranho. Têm de estar mortos para serem história natural ou também podem estar vivos ou tanto faz?

O repórter e o conservador do museu estão agora a passar das ervas daninhas para os insectos.

"Bem", diz o repórter. "Não gostava de encontrar uma destas, está a dizer que se criam em casa?"

"Sim", responde o conservador. "Esta é uma aranha cardeal, este espécimen tem quatro polegadas de comprimento mas há maiores."

Sinto um formigueiro na pele. Uma aranha de quatro polegadas à solta dentro de casa?

"Jesus", digo. "Morria se encontrasse uma aranha de quatro polegadas aqui. Porque é que não se fez uma campanha nacional para as erradicar? O governo não devia fazer alguma coisa?"

"Com quatro polegadas tens algumas vantagens na altura", diz June. "Numa altura de crise provavelmente eras capaz de derrotar uma."

"É, e se for um *gang* delas?"

Para ti está bem, penso para mim mesmo, se um esquadrão de aranhas de quatro polegadas te encurralar nalgum canto desatas aos tiros para escapar mas o resto das pessoas não tem os mesmos métodos. Não o digo com medo de a hostilizar.

O repórter passa a falar sobre centopeias caseiras com pernas compridas. E um facto que nunca vi nenhuma viva, diz o conservador, mas gostava muito. Idiota de merda, penso, há pessoas que nasceram mesmo estúpidas. Provavelmente se uma centopeia caseira de pernas compridas aparecesse aqui teria de chamar os bombeiros para me livrarem dela.

Mas voltamos a conversar. Ela deve estar mais à rasca do que eu, não deve haver nenhum protocolo sobre como tomar chá com a vítima que afinal se decidiu não matar.

Os polícias encurralaram o gerente no seu escritório no Big Value.

O gerente está assustado e confuso, mostram-lhe algumas cartas que parecem ser comunicações entre ele próprio e os produtores do leite de soja em que combinam deliberadamente deitar água no produto. Os produtores escrevem que o vão diluir e vender-lho mais barato e ele responde a concordar, concordo com o proposto desde que me dêem uma comissão

maior. Entre as cartas há outras enviadas pelo gerente aos fornecedores a informá-los como podem fazer as entregas a um custo mais baixo evitando pagar os impostos correspondentes sobre as mercadorias.

Nunca na vida tinha visto nenhuma daquelas cartas mas tinham a sua assinatura. A seguir o polícia põe uma cassete de uma escuta telefónica em que o negócio do leite de soja é definitivamente acordado e a voz da cassete parece inquestionavelmente a sua.

Não entende o que está a acontecer. Protesta a sua inocência. Levam-no para a esquadra para apresentar queixa.

Muriel não é parva, além de ser vidente. Compreende imediatamente o que se passou, uma pessoa responsável como o Professor Wing a fingir que era um trabalhador da câmara para poder encontrar a coroa sozinho. Diz-lhe que devia ter vergonha na cara.

Ele sente-se péssimo com a perspectiva de ser denunciado.

"Bem, parece que vai ser um dia muito activo", diz Chi aos dois corpos prostrados à sua frente.

O cabelo de Julie, que normalmente ocupa um espaço razoável, está agarrado à cabeça. Nenhuma delas consegue manter os olhos abertos e, por mais que gostem de Chi, desejam que ela se vá embora.

"O que vocês precisam", diz-lhes Chi, "e de ar fresco. Vamos dar uma volta."

Elas protestam um bocadinho mas não vale a pena protestar com alguém que foi guarda-costas de um Barão de heroína e pouco depois estão à porta, a piscar os olhos diante da luz do dia.

"Vamos lá, o passeio vai fazer-vos bem", diz Chi.

Isso é a tua opinião, pensam, mas de qualquer maneira seguem-na.

"Onde é que querem ir?", pergunta Chi.

Fran lembra-se de Alby e do seu desejo de ser visitado. Parece uma opção razoável dadas as circunstâncias, pelo menos é um destino certo onde se podem sentar e a alternativa mais provável é Chi fazê-las andar quilómetros por algum parque ou coisa parecida.

"Dissemos a Alby que o íamos ver. Vamos lá."

"Está bem, em que direcção é?" Fran e Julie esforçam-se para se lembrar.

"Por aqui", dizem finalmente.

Wu bebe sumo de laranja com os seus apoiantes.

"Pensávamos que ias ganhar."

"Podia ter ganho", diz Wu honestamente. "Mas achei que não valia a pena a chatice que ia causar a Cheng. Ganhar era muito importante para ele."

Os apoiantes olham-no incrédulo. Perdeu deliberadamente?

"Não me importo de perder. Tenho pena que isso vos tenha perturbado."

As restantes pessoas à mesa olham-se ainda incrédulas.

Cheng está delirante mas apesar disso desta vez não faz uma grande festa como da outra vez porque amanhã tem de trabalhar e não quer voltar a chegar atrasado. Tem de levar o patrão a Brixton para encontrar uma pessoa de quem anda à procura. Cheng não sabe por que é que o patrão anda à procura dessa pessoa, ele nunca lhe diz nada dos seus negócios.

Então comemora com os amigos durante um bocado antes de ir dormir satisfeito com a vitória.

A mulher do gerente do Big Value está sentada em casa sem fazer nada, o telefone toca, o que é uma quebra de rotina bem-vinda, pega no telefone e do outro lado está o advogado do marido a dizer-lhe que ele está preso mas que não se preocupe.

Quando ela lhe pergunta porquê ele é vago, tem alguma coisa haver com uma conspiração, agora está na esquadra e ouviu uns boatos do outro advogado a dizer que a brigada de fraudes deteve uma série de pessoas da direcção de uma empresa alimentar. Mas não se preocupe, ele tem a certeza de que tudo está bem. Que tranquilizador, pensa ela. Combina encontrar-se com ele.

"Por que é que não falou à universidade e recuperou a coroa convenientemente?", pergunta Muriel.

O Professor Wing mexe-se desconfortável na cadeira e pensa numa resposta, se tivesse tempo podia ser que se lembrasse de alguma coisa sensata mas de repente está entupido. Vai ter de ser uma resposta muito boa para incluir o roubo das ferramentas municipais e da carrinha bem como a apropriação ilegal de uma série de manuscritos antigos.

"Queria tudo para si? sugere Muriel. "Todo o crédito por esta descoberta? Talvez ver se a magia funcionava consigo? Bem. é compreensível, acho. E agora o que é que vai dizer?"

Esta mulher faz umas perguntas mesmo embaraçosas, pensa o Professor. E agora o que é que eu digo? Se não me tivesse reconhecido corno o trabalhador não tinha havido problema nenhum.

Mas se ela não o tivesse reconhecido como sendo o trabalhador teria sido difícil obter algum reconhecimento por a ter localizado, tudo o que podia ter dito é que alguém entregou a coroa no seu departamento. Mas esta mulher sabia que ele tinha estado a escavar e não ia ser enganada, portanto talvez pudesse chegar a um acordo com ela que lhe desse algum crédito pela descoberta.

Apresentava June ao Feliz, o *hamster*, mas não acho que se fossem dar bem, provavelmente ela mata pequenas criaturas para praticar.

Pensava que a esta altura ela já se teria ido embora mas ainda por aqui está. Isso preocupa-me. E se ela muda de ideias por razões de ordem ética? Obrigada pelo chá, Alby, mas decidi que é melhor matar-te. Ela também não gosta de BD nem de música e para mim é difícil falar de outras coisas. Não é o tipo de pessoa a quem se possa atirar com um bocado de filosofia porque, como já vi, deve ter lido os livros todos, e ainda por cima se vai pôr a citar grandes passagens.

Pergunto-me se me reconhece do envolvimento na campanha anti-leite ou se para ela sou só um anónimo. Não levanto esta questão mas penso nela, penso na Direcção Promotora de Lactícínios, naqueles porcos, a contratar assassinos para me apanhar. Hão-de pagar-me, cabrões miseráveis, a envenenar o país, o leite está cheio de estrôncio 90, não ficava surpreso se o injectassem directamente nas vacas.

Cheng chega ao trabalho a horas.

E mandado a uns recados pelo patrão, depois tem de o levar a uma reunião, durante a reunião Cheng aproveita para ir à loja de vídeos e comprar outro jogo para praticar.

Mas não tem cuidado e dentro da loja encontra um dos espectadores do salão de jogos.

"Olá, a comprar jogos para praticar? Não sabia que era permitido..."

Cheng pragueja enquanto tenta parecer inocente. Paga o jogo e despacha-se para o carro.

"Para Brixton", ordena o patrão.

Cheng cisma enquanto conduz. Quem lhe dera não ter sido apanhado a comprar um jogo.

Finalmente deixam Stacey sair do hospital.

Os médicos estão muito chateados porque ainda não sabem por que é que ele melhorou mas estão fartos de olhar para ele e portanto decidem que o melhor é deixá-lo ir.

"Não nos volte a incomodar com as suas doenças falsas", diz o director de serviços quando Stacey vai embora.

Ele despede-se de Pamela Patterson e promete-lhe que vai tentar descobrir por que é que Alby lhe bateu. Afinal ela não estava assim tão magoada, mas tem umas contusões que lhe doem e como perdeu a consciência no momento da pancada os médicos, pelo sim pelo não, querem-na manter sob observação durante algum tempo. A experiência foi desagradável e ela está muito irritada, tenta-se vender as BD a alguém e o que é que acontece? Ele revela-se um completo maníaco com uma pele esquisita que se contorce de nervos durante toda a conversa e ataca-nos na primeira oportunidade. Não é que a vida é mesmo uma luta, pensa ela.

Temo que o marido dela esteja metido num problema muito sério", diz o advogado. "Parece estar envolvido numa importante fraude e a polícia juntou uma grande quantidade de provas contra ele."

A mulher está perturbada, não pode acreditar naquilo. O marido envolvido numa grande fraude?, Não parece nada dele, nem sequer o acha suficientemente aventureiro.

"O que é que lhe vai acontecer?"

"Depende. Ele é membro do Instituto de Directores?"

"Acho que não."

"Hmm. É pena. Isso podia ajudar. Nesse caso pode implicar prisão."

Ela fica sete horas à espera na esquadra antes de a deixarem ver o marido, quando finalmente o vê fica chocada com o seu aspecto.

"Estou inocente", diz-lhe ele. "Incriminaram-me."

Por ser o seu marido e o conhecer por dentro e por fora, ela sabe que é verdade.

Desta vez, pensa o chinês sentado no banco de trás enquanto se dirige a Brixton, não vou ter de andar aí pelas ruas. Pergunta-se a si mesmo se deveria inglesar-se na busca de uma mulher aristocrata. Seria melhor do que parecer um misterioso oriental? E que tal um hipereficiente homem de negócios oriental? Um *playboy* decadente? Um aplicado investigador das relações Este-Oeste?

Tem comprado secretamente a revista *Harpers & Queen* para tentar encontrar pistas mas um estudo mais profundo desta revista não revela nem gosto nem inteligência, pensa que a deve andar a ler mal.

Talvez se devesse transformar num dos idiotas chapados que vê todas as noites. Não, nunca os conseguiria imitar com sucesso.

Os autocarros em Londres são óptimos para viajar, positivamente luxuosos quando comparados com o metro, um perigo para apanhar doenças mortais como nunca vi, de certeza que não há hipóteses de sair de lá vivo se houver um incêndio num túnel. Mas têm perigos próprios. Algum malvado pode sentar-se ao nosso lado e ser gordo e esborrachar-nos contra a chapa, podem ser completamente excêntricos e querer conversar connosco. O pior de tudo é quando alguém se quer sentar ao nosso lado e há imensos lugares vazios no autocarro, por que é que este doido se veio sentar ao meu lado, Será que ele/ela não sabe que não fazemos este tipo de coisas neste país?

E pode-se estar sentado perto de quem não se goste do aspecto, não se consegue evitar deitar um olho e somos sempre apanhados, por que é que aquela pessoa está sempre a olhar para mim, pensamos, será que é suficientemente forte para nos bater e se de repente nos ataca e se tem dois amigos com ela mesmo à espera de dar uma boa sova a alguém?

Também é bastante mau ouvir a conversa dos outros, apercebemo-nos dos idiotas que pululam pelo mundo o que é sempre deprimente.

Hoje à noite estava sentado ao lado de dois *skinheads*, uma combinação de vários dos perigos acima mencionados, mas na verdade eles não eram assim tão maus.

"Por que é que estás a fazer um monólogo de autocarro?", pergunta June.

"Ah, desculpa, estava a falar sozinho?"

Muriel não antipatiza assim tanto com o professor.

Ele quer voltar a enterrar a coroa perto do sítio onde foi encontrada da primeira vez e depois redescobri-la, e assim ficar com todos os louros. E claro que vai ter de subornar a secretária para que esqueça esta primeira aparição.

"No fim de contas", diz ele a Muriel, "a si não lhe faz diferença nenhuma, pois não?"

Bem, pensa ela, se dissesse a verdade era eu que ficava com a fama, o que já era qualquer coisa.

Mas não havia de ser nada de especial, pensa, talvez uma pequena história no jornal, alguém a querer tirar fotografias quando não tivesse tempo nenhum para posar porque isso a ia fazer chegar atrasada ao emprego. E a desonestidade do professor não lhe interessa, não a afecta de maneira nenhuma. Passa-lhe pela cabeça pedir alguma coisa em troca mas não se lembra de nada que o professor lhe possa dar ou que possa fazer por ela.

"Tudo bem", diz ela. "Leve-a e enterre-a. Eu não vou dizer nada."

Vai-se embora. Se não se despachar chega tarde ao emprego.

O carro pára fora do bairro camarário. O bloco de apartamentos parece um reformatório¹. O chinês sai. Cheng sai com ele. Dirigem-se para o mapa na entrada do bairro. Identificado o bloco correcto, encontram-no e sobem as escadas. Cheng bate à porta.

Batem à porta.

Estremeço, foda-se, que outro inimigo será desta vez? Que estupor estará aqui para me sugar o sangue? Ou as minhas BD?

"Por que é que não atendes?", pergunta June.

Esta mulher está sempre cheia de sugestões brilhantes, parece que não se dá conta do medo e da perturbação constantes que são a minha vida. Para ela está tudo bem, ninguém a vai molestar para lhe fazer mal às benditas plantas,

¹ No original *Borstal* que é o nome da povoação onde existiu o primeiro reformatório para delinquentes juvenis e cujo nome deu origem ao Borstal System – sistema de detenção para reforma e recuperação de delinquentes juvenis (N. da T.).

mas eu tenho as minhas BD para proteger já para não falar numa personalidade que parece hostilizar as pessoas mais violentas.

Na verdade, considerando os factos, depois da experiência terrível de encontrar a minha porta ocupada com uma ex-amante desta vez fortemente armada, nunca mais quero abrir a porta. Então June, uma alma amiga como só ela, vai e abre a porta por mim.

"Está aqui alguém para ti", chama.

E coisa que se diga? E claro que é alguém para mim ou não tinha batido na minha porta, ou tinha? Isso não quer dizer que eu queira ver a pessoa. Penso em Pamela Patterson possivelmente a chegar com alguns amigos para me retribuir e o meu coração dispara, duas pessoas a quererem acertar-me o passo e ambas a aparecerem-me à porta no mesmo dia é de mais.

"Olá", diz uma voz masculina. Olho e vejo o chinês que tem andado atrás de mim. Está com o maldito guarda-costas.

As coisas não parecem correr nada bem.

Então Muriel volta a ser uma enfermeira e deixa a coroa ao Professor Wing que a vai voltar a encontrar desonestamente e ela não vai ganhar nada com isso.

Quando chega ao hospital e se apresenta ao trabalho na enfermaria a primeira pessoa que vê é Pamela Patterson.

Pamela geme porque lhe dói a cabeça de ter batido na parede. Coitada, pensa Muriel, e por pena toca-a ao de leve. Imediatamente Pamela sorri e senta-se direita na cama.

"E estranho", diz ela. "De repente sinto-me bem. Na verdade acho que nunca me senti tão bem na vida."

Muriel está a caminho de se tornar uma famosa curandeira a nível mundial.

Wu está a ensinar alguns dos seus seguidores a meditar. Uma vez que consigam meditar, diz Wu, tudo vai parecer melhor. Eles não parecem estar ainda muito bem, mas já estão bem melhor. Informalmente formou uma turma com os seus fãs do salão de jogos.

Wu discutiu o que se passou no salão com o professor. O professor aprovou-lhe a atitude.

Grito.

Começo involuntariamente mas depois continuo durante mais um bocado porque me parece o melhor a fazer. O terrível chinês encontrou-me, a vida começa-me a passar à frente dos olhos, especialmente os piores momentos. Meu Deus, uma vida tão curta e tão miserável, com que é que ele me vai matar, com algum instrumento oriental demoníaco, com a palma vibradora ou com bambu envenenado ou com uma simples metralhadora, e por que é que anda atrás de mim, quer dizer, se quiser tomar conta do meu negócio de droga só tem de pedir.

"Não me mate!", grito.

June.

Tinha-me esquecido de June. Ao ouvir as minhas súplicas ela corre de volta ao quarto e a entrada dela faz com que o chinês e o brutamontes do guarda-costas se distraiam. Não vou perder a minha última hipótese de viver, penso, e atiro-me ao chinês com intenção de o matar logo ali mas o guarda-costas é rápido de mais para mim, reage instantaneamente, agarra-me e segura-me.

Grito novamente. Já vi isto em filmes, vai-me partir a espinha, que forma horrível de acabar, sempre tive muito medo da minha espinha. June vem em meu socorro. Atinge o bruto que me está a agarrar. Nada mau, penso, enquanto me solto e rastejo até ao canto, embora preferisse que ela o tivesse alvejado. Mas ele parece confundido e chateado e dirige-se para ela, por isso talvez ela ainda tenha de o fazer.

Infelizmente ainda não é desta que dispara, mas dá-lhe um pontapé de tal maneira terrível que ele geme um bocado e cai ao chão. Do meu canto aponto o chinês.

"Dá-lhe também!"

Ele tem a mão no bolso, obviamente está a ponto de sacar uma arma.

Mas June, elevada já na minha consideração ao ponto da pessoa mais forte que alguma vez conheci, leva a melhor sacando a sua arma com uma rapidez estonteante.

"Mostra as mãos devagar", diz-lhe ela.

O chinês faz o que lhe é pedido. Quando a mão lhe sai está a segurar não uma arma mas um cartão. Temo que seja uma arma mortal, afiada nas pontas, sabem que eu também vi o *A Touch of Zen*.

Mas June pega no cartão e a sua mão não começa a sangrar, passa-mo à medida que emergo lentamente do canto, parece um vulgar cartão de negócios. Diz: "W. Peters, Import Export". Tenho dificuldade em acreditar que este filho de *Fu Man Chu* na verdade se chame W. Peters.

"Por que é que me andas a querer matar?", pergunto-lhe agressivamente.

Ele finge-se confundido. "Eu não ando nada a querer matá-lo."

"Tens andado à minha procura e a perguntar aos meus amigos onde me podes encontrar."

"Mas apenas para reparar uma dívida de honra. Tu és Alby Starvation, não é verdade? Bem, a tua dieta curou-me e salvou-me a vida. Eu era um homem doente até deixar de beber leite."

June olha para mim. Eu olho para ela.

Todos olhamos para o guarda-costas deitado inconsciente no chão.

O gerente do Big Value vai ser acusado de uma grande fraude.

Entretanto tem sido mantido sob prisão porque na audiência preliminar a polícia pediu que não fosse libertado sob fiança porque tal organização de *gangsters* provavelmente teria muitos cúmplices que o ajudariam a sair do país antes do julgamento.

Então a mulher visita-o e depois vai para casa e não sabe o que fazer. O caso contra ele é muito difícil. Vai ficar preso muito tempo. Pergunta-se sobre o que irá fazer.

Para começar decide forrar a casa com um papel de que goste.

Sinto que fui longe de mais.

"Como raio", digo, "havia eu de saber que era por isso que eles estavam aqui?"

June não parece convencida. Está a ajudar o guarda-costas que começa a ficar suficientemente bom para gemer um bocado. Acho que ela deve estar chateada por se ter envolvido nesta violência sem necessidade, bem, acho que a culpa não foi minha, como é que eu havia de saber que ele só me queria agradecer por o ter curado, esta história do leite tem sido uma grande seca, quem me dera que a substância nunca tivesse sido inventada. Vaca que daqui para a frente cruze o meu caminho é melhor ter cuidado.

Safo-me de argumentar mais pois batem de novo à porta.

Não me entusiasmo com visitas mas pelo menos desta vez deve ser alguém seguro agora que já contei todos os meus potenciais inimigos de momento.

Então abro a porta e é Fran e Julie e uma mulher que deve ser Chi, a professora de kung fu. Fran e Julie estão com um aspecto terrível, não sei se devo arranjar uma desculpa e mandá-las embora para evitar explicações das cenas de violência na minha sala mas não estou mesmo em condições de me incomodar. Além do mais parecem demasiado doentes para reparar no corpo.

"Olá, Alby Starvation, amigo de todos os *hamsters*", diz Fran. "A tua casa de banho está livre?", despacha-se a passar.

Julie e Chi seguem-me para a sala.

Mal Chi e W. Peters se vêem gritam e vão um contra o outro, iniciando logo uma violenta batalha de kung fu. E o tipo de coisa que parece natural hoje em dia nesta casa. Os que de entre nós não estão envolvidos na luta ficam espantados e encostam-se às paredes por segurança. Que merda é esta?

Pamela Patterson deixa o hospital, os médicos não se impressionam com a sua rápida recuperação pois sofria de uma doença vulgar, tinha sido espancada, e não de uma doença misteriosa. Se quer recuperar depressa de mais de um espancamento o problema é dela.

Depois de deixar a zona do hospital verifica se ainda tem no saco o bocado de papel que Stacey lhe tinha dado com o endereço de Alby.

Espera na paragem do autocarro.

"Por que é que eles se estão a tentar matar?", grita-me June mais alto do que o barulho do combate. Estamos comprimidos atrás de uma cadeira.

"Juro que não sei", digo-lhe com honestidade. Julie está ao nosso lado e também não sabe.

Fran aparece à porta, pára surpresa enquanto o corpo de Chi voa à sua frente para aterrar suavemente em posição de ataque. Quer o Chinês quer Chi parecem ser mestres nesta arte, além do mais parecem ser tão bons um como o outro. Olham-se em silêncio.

Em princípio ficaria contente por os ver continuar mas é a minha sala e preocupo-me que a casa do Feliz e o próprio Feliz possam ser demolidos com algum pontapé, tento então injectar alguma racionalidade no processo.

"Por que é que estão a lutar?"

Nenhum deles me olha mas Chi responde da sua posição estática.

"Ele levou o dinheiro todo e deixou-me a morrer no Camboja."

"Que bem, que vidas interessantes têm algumas pessoas. Não sabia que tinhas estado no Camboja."

Mas as minhas tentativas de fazer conversa não me levam a lado nenhum, e eles recomeçam a luta.

"Não os podes parar?", pergunto a June.

Ela abana a cabeça.

Na verdade não a posso culpar por não se querer envolver, o resultado da sua última acção ainda está deitado no sofá. Fran juntou-se a Julie no chão no canto mais afastado do quarto e parece que vão adormecer.

Há outro intervalo no combate durante o qual o chinês, que ainda tenho dificuldade em acreditar que se chame mesmo W. Peters, nega ter deixado Chi e diz que ela é que estava a ponto de o trair e de o entregar às autoridades em troca da sua própria liberdade. Naturalmente ela nega-o e novamente começam a lutar. Esta violência toda está-me a começar a pôr doente, estão os dois a berrar e a gritar, não sei se se assustam um ao outro mas a mim assustam-me de certeza.

Voltam a bater à porta. Espero que seja a polícia ou o exército a chegar para acabar com o barulho, embora pense que se a polícia chegar e revistar o apartamento vou ter sérios problemas, de qualquer maneira arrisco a vida e escapo do quarto para a entrada e quando abro a porta é o meu amigo Stacey.

"Melhoraste!", grito.

As últimas notícias de Stacey eram que estava a morrer no hospital e é ótimo encontrá-lo vivo à porta de minha casa.

"O que é que se passa", pergunta quando um grito particularmente forte vem do outro quarto.

"Não sei. Dois estranhos estão à luta no meu quarto. Quando é que ficaste melhor?"

"Ontem." Conta-me do milagre da cura.

"Por que é que espancaste a rapariga?"

A mulher do gerente chama-se Jez. Está ocupada a colar papel nas paredes e a ouvir as notícias na rádio, há uma grande greve nos campos petrolíferos do Mar do Norte onde as reivindicações dos mergulhadores alastraram, ela já sabe tudo sobre o assunto porque ouviu uma série de noticiários sobre isso nessa manhã.

Está a pôr o papel sem ajuda, é uma tarefa difícil, mas quando consegue sente-se bem e isto compensa-a das desgraças.

Olha pela janela e vê uma jovem lá fora na paragem do autocarro. A atenção da jovem já deixou de ser o autocarro e agora está concentrada a arrancar uma ripa de madeira da vedação do jardim.

Por que é que ela me está a dar cabo da vedação, pensa Jez, e vai à porta para saber.

"Por que é que estás a arrancar a minha vedação?"

A mulher pára com o esforço. "Desculpe", diz ela a Jez. "Vou ter com o homem que me deu um arraial de porrada e queria levar isto para me servir de arma."

"Ah, nesse caso está bem. Leve as que quiser."

"Obrigada. E por que é que está cheia de cola?"

"Ando a pôr papel na parede, nunca o tinha feito, e sozinha é difícil."

"Eu sei colar papel de parede, não é difícil depois de se apanhar o jeito."

"Bem, talvez depois de ir ter com esse homem me possa vir ajudar como paga das ripas da vedação?"

"Sim", diz Pamela Patterson. "Venho."

Um autocarro avista-se no horizonte e ela volta depressa à paragem. Carrega uma grande ripa de madeira.

Não consigo imaginar como é que Stacey soube que ataquei a rapariga. Talvez a minha cara esteja pendurada por toda a cidade em cartazes com "procura-se". Mas ele dirige-se à confusão, naturalmente curioso, antes de o poder questionar mais.

O quarto agora está um bocado cheio, comigo, Fran, Julie, Stacey, Chi, o chinês e o seu guarda-costas a lutar por espaço. A luta continua em difíceis circunstâncias. Observamos a sua técnica mágica. Chi voa para o ataque com a mão aberta aos olhos mas o chinês responde na diagonal e contra-ataca no mesmo instante, forçando Chi a retroceder.

Isto parece poder continuar durante muito tempo. Alguma vez teve estranhos a lutar em sua casa? Não é muito agradável, mas por parecer que agora não está ninguém atrás de mim e as maiores ameaças desapareceram, sinto-me muito mais contente.

"Por que é que não param com isso e nos deixam em paz? Grita Fran, abrindo um pouco os olhos. Julie acena com a cabeça concordando apesar de respeitar de mais a professora de kung fu para lhe gritar.

Os combatentes param relutantes. Olhamos todos uns para os outros. De repente o meu apartamento é o ponto de encontro de todo o tipo de pessoas exóticas, criminosos da alta-rodada, *dealers* de drogas, assassinos contratados, não sei se posso considerar Fran e Julie como exóticas mas são de certeza pouco vulgares. Com Stacey do lado dos mais normais, acho.

Eu - sou um herói. Bem, de qualquer maneira para mim sou.

Voltam a bater à porta.

Desta vez já nada me surpreende, não me admiro nada que seja o chefe da mafia nova-iorquina ou o embaixador argentino a passar por aqui para conversar um bocado. Espero que um dos membros do grupo abra porque já passei o dia inteiro a fazê-lo e de cada vez que a abro acontece alguma coisa desagradável, excepto o meu amigo Stacey, claro, a sua recuperação é uma boa notícia desde que não meta as mãos de vígaro nas minhas BD. Reparo que Fran e Julie estão a falar com o *hamster*, provavelmente ele está a perguntar quem são estas pessoas todas e se elas lhe trouxeram algum biscoito.

Ninguém abre a porta mas não faz mal porque é óbvio que da última vez não a fechei bem e ouvem-se passos na entrada. Uma cara aparece à porta.

Foda-se, é a Pamela Patterson.

Ela avança pelo quarto com um olhar terrível, detesto quando me olham assim e podia enfrentá-la mas vejo que traz um grande pau. Penso depressa e escondo-me atrás de June.

"Quando era bebé deixaram-me cair de cabeça", deixo escapar.

Pamela não parece muito bem-disposta e continua a avançar.

"É melhor afastares-te, eu tenho muitos contactos, sabes."

"Corno quem?", pergunta June sem ajudar muito.

"Bem, o Jock e o Sanny no fundo da rua. São bem duros". Enfio-me mais para trás dela.

"Ainda estás interessada em vender as BD?"

Vislumbro-me ao espelho. Não estou com muito bom aspecto, penso.